



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO
EM EDUCAÇÃO**

LUANA TAINAH ALEXANDRE BRAZ

**HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE DOURADOS-MS: O
CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO
INTEGRAL/SEI (1995-1998)**

DOURADOS – MS

2021

LUANA TAINAH ALEXANDRE BRAZ

**HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE DOURADOS-MS: O
CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO
INTEGRAL/SEI (1995-1998)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Linha de Pesquisa: História da Educação, Memória e Sociedade, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como exigência para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Magda C. Sarat Oliveira.

DOURADOS – MS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

B827h	<p>Braz, Luana Tainah Alexandre.</p> <p>História da formação docente no município de Dourados-MS: o curso do magistério na escola Serviço de Educação Integral/SEI (1995-1998). / Luana Tainah Alexandre Braz. – Dourados, MS: UFGD, 2021.</p> <p>Orientadora: Magda C. Sarat Oliveira Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Formação de professores. 2. Instituição escolar 3. História documental. 4. História oral. I. Título.</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

LUANA TAINAH ALEXANDRE BRAZ

**HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE DOURADOS-MS: O
CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO
INTEGRAL/SEI (1995-1998)**

**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM EDUCAÇÃO**

**Profa. Dra. Magda C. Sarat Oliveira – FAED/UFGD
Presidente da Comissão e Orientadora**

**Profa. Dra. Elizabeth Figueiredo de Sá – UFMT
Titular da Banca**

**Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado – FAED/UFGD
Titular da Banca**

**Profa. Dra. Rosemeire de Lourdes Monteiro Ziliani– FAED/UFGD
Suplente da Banca**

DOURADOS – MS

2021

*Não, não é fácil escrever. É
duro como quebrar rochas. Mas
voam faíscas e lascas como
aços espelhados.
Ah que medo de começar [...]
sem falar que a história me
desespera por simples demais.
O que me proponho a contar
parece fácil e a mão de todos.
Mas a sua elaboração é muito
difícil. Pois tenho que tornar
nítido o que está quase apagado
e que mal vejo. Com mãos de
dedos duros enlameados
apalpar o invisível da própria
lama.*

(Clarice Lispector, A hora da estrela, p. 19).

AGRADECIMENTOS

Ao Espírito Santo de Deus e a mãe Maria por sempre estarem comigo na minha vida e nos meus projetos me concedendo saúde, proteção, sabedoria, discernimento e mansidão.

À Professora Magda, por desde a graduação ter me dado o seu sim, confiado, dado asas, e me fazer crescer com grande autonomia. Sob sua orientação Professora “Maravilha”, eu voei por horizontes inimagináveis.

À Universidade Federal da Grande Dourados pelo ensino público e gratuito, e por todos os setores que contribuem para com a nossa estadia no campus, em especial, a Biblioteca bem como os deliciosos lanches que encontramos no bloco B.

À Faculdade de Educação pelo serviço de qualidade ofertado e por toda resistência mantida em prol de uma formação coesa nos Cursos de Pedagogia e Educação Física.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa concedida neste período de pesquisa a qual me permitiu desenvolver as atividades de modo integral.

À Professora Dra. Alessandra Cristina Furtado, por ter sido minha Professora no Curso de Pedagogia, no Mestrado em Educação e membro da Banca de Qualificação e Defesa. Obrigada por todo conhecimento compartilhado e tempo dedicado.

À Professora Dra. Elizabeth Figueiredo de Sá, pelo aceite em fazer parte da Banca de Qualificação e Defesa desta pesquisa, no qual sempre com um sorriso no rosto e sutileza, contribuiu com o pleno rigor desta investigação.

À Professora Dra. Míria Izabel Campos, que me ensinou muitas coisas, no entanto, duas se destacam: Primeiro, que aprender é “bom demais”. Segundo, que o “jeitinho mineiro” se faz muito eficaz quando temos que transitar pela corte.

Aos membros do Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador, por todo apoio e interdependência, que com rapidez me transformou de *outsider* em estabelecida. E, ao LAPEDI-Laboratório de Práticas Pedagógicas na Educação da Infância, meu laboratório preferido, que me acolheu nos momentos de estudos, refeições e descansos.

À Escola Serviço de Educação Integral pela atenção e disponibilidade dada a pesquisa e a coordenadora Telma Koller que contribuiu imensamente na busca dos arquivos.

À todas/os entrevistadas/os que dedicaram tempo e memória para que esta pesquisa se realizasse.

Às Professoras que fizeram parte da minha formação Básica, em especial as Professoras Lurdinha, Roseli, Lindaura, Valdirene, Cidinha, Simeide, Elessandra e os professores Marcelino, José André, Evandro e Ivan, dentre outros que não aparecem aqui, mas são de grande importância. Aos docentes da Universidade Federal da Grande Dourados que com maestria elevaram a minha formação.

Às amigas do mestrado por todas as risadas e momentos compartilhados, em especial a Pâmilla, Cleusa, Pâmela e Atila.

Obrigada!

DEDICATÓRIA

Dedico, com muito orgulho, está pesquisa a minha mãe Fátima, de onde vem minha força. Ao meu pai Alfredo, de onde vem a humildade. A minha irmã Larissa, pelo nosso elo eterno. E ao meu esposo Cássio pelo nosso “de sempre para sempre”. Vocês são o esteio e impulso necessário nas minhas conquistas. Eu amo vocês e os amarei sempre...

RESUMO

Esta dissertação intitulada “História da Formação Docente no Município de Dourados-MS: O Curso de Magistério na Escola Serviço de Educação Integral/SEI (1995-1998)” foi elaborada na Universidade Federal da Grande Dourados, no Programa de Pós-graduação em Educação, na Linha de História da Educação, Memória e Sociedade e teve como objetivo compreender a formação docente na cidade de Dourados – MS, especificamente o curso de magistério ofertado pela Escola Serviço de Educação Integral no período de (1995-1998). A Escola SEI, no qual este curso funcionou, foi criada no ano de 1980 visando atender apenas a Educação Pré-escolar, no entanto foi se expandindo até ofertar os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e continua em pleno funcionamento nos dias atuais. O curso faz parte desses 40 anos de história e foi ofertado no período diurno nesta instituição privada, formando apenas uma turma de 10 alunas/o.

No intuito de atingir nossos objetivos, foram utilizadas leituras bibliográficas, coleta e análise dos documentos institucionais bem, como entrevistas com um aluno, três alunas, e uma professora do curso, a partir da metodologia da História Oral. As leituras e análises foram embasadas na Nova História Cultural e na História do Tempo Presente. Na primeira parte desta pesquisa, nos delimitamos a realizar algumas aproximações sobre a formação docente no Brasil, partir da década de 1970, para contextualizar os marcos legais existentes até o nosso recorte temporal que perpassa 1995 data da criação do curso e se encerra em 1998 quando o mesmo é desativado. Ainda buscamos contemplar a formação de professores/as no Estado de Mato Grosso do Sul e na cidade de Dourados, espaço em que a pesquisa foi desenvolvida. Na segunda parte apresentamos a História e Memória da Escola SEI, e as motivações que culminaram na organização e criação do curso e suas práticas. E por fim, na terceira parte, realizamos análises sobre os elementos da formação ofertada, caracterizando o estágio obrigatório e os motivos que levaram ao encerramento do curso. Obtivemos como resultados, a partir dos percursos metodológicos, que a experiência se deu como um curso bem organizado, com uma proposta curricular definida, uma equipe técnica e docente com todas as condições de realizar o trabalho com eficiência, no entanto, teve sua abertura com um número menor de discentes o que prejudicou a folha de pagamento. No entanto, houve um esforço imenso em manter o nível da formação conforme o planejado. Os envolvidos em suas falas pontuam que a formação deste curso foi relevante também em suas vidas pessoais e não somente profissionais. Relatam as práticas docentes de alguns/as professores/as como marcantes em suas memórias, bem como o diferencial adotado pela instituição em conciliar nas suas práticas o carinho, o afeto, a firmeza e a disciplina gerando nestes, um laço muito próximo com a instituição que se manteve ao longo de toda a sua formação. Esperamos que esta pesquisa contribua para a história da formação docente na região da Grande Dourados, inserindo neste campo mais uma escola e sua trajetória de formação.

Palavras-chave: Formação de professores. Instituição Escolar. História Documental.

História Oral.

ABSTRACT

This essay entitled “History of Teacher’s Training at Dourados-MS city: The Mastership Course in Serviço de Educação Integral/SEI school (1995-1998)” was elaborated at the Federal University of Dourados, in the Postgraduate studies program, at the “Education, Memory and Society History” research line. It has as its main goal the comprehension of the teacher’s training in Dourados-MS, especially the teachers formation course offered by Serviço de Educação Integral school between 1995-1998. SEI school, where this course has been developed, was created in the 1980’s aiming to attend only the Children’s Education; however, it has evolved until offering the initial and final years of Elementary School and still operates nowadays. The course researched here is part of a 40 years history and was offered during daytime at this private institution, forming only a 10 students class. Aiming to achieve our goals, we made use of bibliographic readings, collect and analysis of institutional documents, as well as of interviews with four students and a teacher, using the Oral History methodology. The readings and analysis were based on the New Cultural History and on the History of Present Time. On the first part of this research, we delimited ourselves to carry out some approximations about teacher training in Brazil, from the 1970’s, aiming to contextualize some legal frameworks that existed until the our time frame, that ends in 1998. We still seek to address the teacher training in the State of Mato Grosso do Sul and in the city of Dourados, location where the research was developed. In the second part, we present the History and Memory of the SEI school, and the motivations that culminated in the organization and creation of the course and its practices. And finally, in the last part, we approach some analyses on the elements of the training offered, characterizing the mandatory internship and the reasons that induced the ending of the course. We obtained as results, from the methodological paths, that the experience resulted in a well organized course, with a defined curricular purpose, a technical and teaching team with all the conditions to execute the work with efficiency, however its opening had a smaller number of students which affected the payroll. However, there was a giant effort to keep the level of training as planned. Those involved pointed in their testimony that the formation of this course was also relevant to their personal lives and not only in their profession. They report the teaching practices of some teachers as striking in their memories, as well as the differential adopted by the institution in reconciling in their practices the affection, care, firmness and discipline generating in these a very close bond with the institution that has remained throughout their whole formation. We hope that this research contributes to the history of teacher education in the region of Grande Dourados, inserting in this field another school and its training trajectory.

Keywords: Teachers Formation, Scholar Institution, Documental History, Oral History.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01- Pasta com a documentação do curso.....	37
Imagem 02- Arquivo da Escola SEI	38
Imagem 03- Fachada do primeiro prédio em 1981.....	62
Imagem 04- Fachada da Escola SEI em 1992.....	63
Imagem 05- Primeiros alunos/as da Escola SEI.....	66
Imagem 06- Crianças pintando o muro da escola.....	67
Imagem 07- Aula na parede mágica em 1981.....	68
Imagem 08- Festa da páscoa na Escola SEI.....	69
Imagem 09- Formatura do Pré-escolar.....	69
Imagem 10- Uma das primeiras quadrilhas da escola.....	71
Imagem 11- Alunos/as na apresentação do coral.....	72
Imagem 12- Publicação da abertura do curso.....	80
Imagem 13- Alguns discentes do curso em 1996.....	86
Imagem 14- Turma reunida junto a professora.....	87
Imagem 15- Documentos sobre o estágio supervisionado.....	103
Imagem 16- Plano de aula de ciências.....	104
Imagem 17- Cadernos de estágio.....	105
Imagem 18- Caderno com relato de minicurso.....	107
Imagem 20- Relato de minicurso.....	108
Imagem 21- Conclusão do estágio.....	109
Imagem 22- Caderno corrigido.....	111
Imagem 23- Colação de grau e homenagem.....	121
Imagem 24- Formandos do curso de magistério.....	122

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01- Trabalhos localizados no repositório da UFGD.....	27
Quadro 02- Alunos/s formados no curso de mestrado.....	57
Quadro 03- Quantitativo de alunos/as aprovados.....	58
Quadro 04- Quantidade de alunos/as matriculados (1980-1995).....	75
Quadro 05- Relação Nominal da 1ª turma matriculada no curso.....	85
Quadro 06- Alunos/as aprovados em cada turma.....	86
Quadro 07- Quadro curricular de 1995-1998.....	89
Quadro 08- Disciplinas ofertadas por ano letivo.....	90
Quadro 09- Corpo docente de 1995.....	93
Quadro 10- Relação dos/as professores/as e disciplinas (1995-1998).....	94
Quadro 11- Relação dos formandos.....	116

LISTA DE MAPAS

Mapa 01- Estado de Mato Grosso do Sul e estados vizinhos.....	51
Mapa 02- Distância entre escolas ofertantes do curso de magistério na cidade de Dourados-MS (1995-1998).....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD- Banco Digital de Teses e Dissertações

HEM-Habilitação Específica para o Magistério

HO- História Oral

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso

CAN- Colônia Agrícola Nacional

CAND- Colônia Agrícola Nacional de Dourados

CEFAMS- Centros Específicos de formação e Aperfeiçoamento do Magistério

ENEPEX- Encontro de ensino, pesquisa e extensão

EHECO- Encontro de História da educação do Centro-Oeste

FAED- Faculdade de Educação

FHC- Fernando Henrique Cardoso

GPEPC- Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador

LAPEDI- Laboratório de Práticas na Educação Infantil

LDBEN- Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

PETI- Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PIBIC- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica

PPGEDU- Programa de Pós-graduação em Educação

SARS-COV-2- Coronavírus

SEI- Escola Serviço de Educação Integral

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

TG- Trabalho de Graduação

UCDB- Universidade Católica Dom Bosco

UEMS- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UEMT- Universidade Estadual de Mato Grosso

UFGD- Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UNIDERP- Universidade Anhanguera

UNIGRAN- Universidade da Grande Dourados

SIPC- Simpósio Internacional Processos Civilizadores

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	18
INTRODUÇÃO	23
1 FORMAÇÃO DOCENTE: aproximações com o magistério	45
1.1 Formação de professores/as no Brasil: alguns aspectos	45
1.2 Sobre a História da Educação no estado de Mato Grosso do Sul	50
2 A ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL	60
2.1 A História e Memória da Instituição	60
2.2 A criação do curso de magistério na Escola SEI	75
2.3 Currículo e práticas	88
3 A FORMAÇÃO OFERTADA NA ESCOLA SEI	101
3.1 O estágio Supervisionado: Obrigatoriedade na formação	101
3.2 Fazer um magistério diferenciado: Quais professores/as formar?	112
3.3 “O sonho acabou”: O encerramento do curso	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	128
FONTES	134
ANEXOS	135

APRESENTAÇÃO

Antes de lançar o meu¹ olhar sobre a história dos indivíduos que compõem esta pesquisa, tratarei primeiramente de contar um pouco da minha própria história, apresentando alguns aspectos que fazem parte de quem sou – historiando a mim mesma.

De onde vim...

Filha de Alfredo, homem este que aos oito anos de idade já cortava cana de açúcar ao sol de Icó, no estado do Ceará, para ajudar a sustentar mãe, pai e 11 irmãos que levavam uma vida um tanto sofrida. Ao chegar à juventude foi morar em São Paulo para tentar uma vida melhor. Lá conheceu minha mãe - Fátima, que também era sua prima, uma Sul-Mato-Grossense, filha mais velha, que trabalhava na roça e tentava uma vida melhor na “cidade grande”. Nasci na cidade de Barra Bonita, estado de São Paulo e aos dois anos de idade nos mudamos para Vicentina, Mato Grosso do Sul, município no qual parte da família já estava.

Pés no barro e cabelos ao vento...

Estudei toda educação básica em escola pública, até a 6^o série, como chamado na época, fazia o trajeto casa-escola por meio do ônibus estudantil municipal, pois morava no perímetro rural da cidade de Vicentina, na chamada Linha Barreirão, local que, por sinal, é responsável pelas minhas melhores lembranças da infância. Lembro-me de quando chovia, pois voltava para casa de ônibus, da alegria que era retirar os sapatos, dobrar as calças, abrir a porteira e correr sentindo a chuva e o chão molhado. Lembro-me ainda da casa na árvore que meu pai fez com carinho, e dos ingredientes e utensílios culinários que minha mãe dava para a brincadeira acontecer. Lá a magia, de fato, acontecia permeada pela imaginação de uma criança...

Outro fato que marcou este período era acordar cedo, me arrumar, e esperar o táxi na porteira, que chegava cheio dos meus colegas vizinhos dos sítios, e lá íamos nós, duas

¹ Peço licença para nesta parte do trabalho me referir na 1^o pessoa por se tratar de uma trajetória particular.

vezes na semana, participar do PETI² na Escola Municipal Antônia Alves Feitosa, era tão divertido... (ao escrever isto foi como se estivesse voltado à sala com cheiro de álcool no mimeógrafo ou nas aulas de dobraduras com jornal). Ao término do projeto tomávamos banho na escola e ficávamos entre conversas e brincadeiras esperando a aula começar no período vespertino.

Fiquei seis anos sem ter irmã, portanto era a única sobrinha e neta, isso fez com que me tornasse extremamente quieta e observadora, quando não estava no “meio do mato” brincando, estava em meio aos adultos ouvindo-os. Logo veio a Larissa, minha irmã e primeira responsabilidade, já que nossos pais sempre trabalhavam fora integralmente. Era cansativo cuidar dela, mas agora eu tinha uma irmã e colega para brincar em casa.

Foi muito bom e saudável crescer em meio à natureza e na tradição mantida pelo meu avô Zeca Alexandre, um lavrador nordestino, fã de Luiz Gonzaga, que até hoje não sai sem o seu chapéu de couro e pela Vó Iracema, uma senhora independente e vaidosa, que faz deliciosos queijos, frangos caipiras, tapiocas e pamonhas. E ainda, pela Vó Clara que me ensinou a cuidar do lar e a de mim mesma.

Durante muitos anos moramos aos fundos da casa dos meus avós, então, acordar com o barulho do leite caindo no balde e as nossas idas todos os domingos à noite para a “igrejinha” fazem parte da minha infância. O caminhar beirando o mato na estrada, a luz do céu, dos vagalumes e dos faroletes nos guiando, o varrer a igreja ao chegar e ir brincar enquanto a missa não começava, à volta para casa nas costas do avô e as histórias pelo caminho, tudo era muito bom.

Menina da cidade...

Aos 12 anos de idade nos mudamos para a cidade, todos esses anos as casas em que moramos eram alugadas, fizemos mais de quinze mudanças, mas com muito esforço meus pais venderam nosso fusca, umas vacas e o sonho da casa própria aconteceu. Era uma casinha de madeira, pequenininha, numa estrada de chão, mas era nossa. Nessa nova fase de ser menina da cidade, a minha vida escolar também mudou, já que agora eu estudava na Escola Estadual Padre José Daniel (a escola das escadas) e já ia para a escola a pé e sozinha, usava caderno de muitas matérias e as aulas tinham vários professores/as.

² O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, conhecido também sob a sigla PETI, é um conjunto de ações que têm o objetivo de retirar crianças e adolescentes menores de 16 anos do trabalho precoce.

Quando eu percebi...

Nunca soube bem o que gostaria de fazer quando crescesse, mas uma coisa eu sabia desde pequena, amava estudar e ir para a escola. Foi somente no Ensino Médio que veio o desejo por cursar Direito. Prestei o vestibular, porém não obtive nota suficiente para aprovação, e como não conseguiria pagar, decidi esperar o próximo ano para tentar novamente. Como eu queria esta graduação, fiquei decepcionada. Neste um ano de espera, comecei a trabalhar pela prefeitura Municipal de Vicentina, na Secretaria escolar da Escola Estadual Padre José Daniel, escola onde estudei durante sete anos.

Nesse tempo, imersa no mundo da educação, comecei a realizar substituições de aulas em todos os níveis de ensino, mesmo sem ter formação, pela falta de professores/as substitutos, aprendi com a prática e com as necessidades de cada aula e aluno/a, pois como bem pontua Nóvoa (2019, p. 06) “não é possível aprender a profissão docente sem a presença, o apoio e a colaboração dos outros professores”. Aos poucos quando percebi, o amor pela docência já era grande demais. Eu era professora!

No ano de 2014 ingressei no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (FAED/UFGD) e durante os quatro anos na FAED participei de Projetos de Extensão e de Ensino, mas me interessei especialmente pela pesquisa, assim me candidatei no terceiro ano do curso ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC)³. Conheci a Professora Magda Sarat na disciplina de Fundamentos da Educação Infantil, ficava encantada com a forma que fluíam suas aulas, conversamos e fui sua orientanda de PIBIC e do Trabalho de Graduação (TG).

Foi no PIBIC que me encontrei e comecei a vivenciar a Universidade, a conhecer a pesquisa e a desejar seguir com os estudos após a graduação. Em 2016, para me empenhar mais nos estudos, decidi abandonar o estágio remunerado que fazia e me mudei para a cidade de Dourados, o que proporcionou um amor inigualável pelo campus da UFGD, em especial a FAED, hoje, sinto-me estabelecida! Sinto-me em casa!

Dentre as ações e atividades as quais realizei e/ou participei na graduação registro as mais significativas. Participei ativamente do “Grupo de Pesquisa Educação e Processo

³ Realizei por dois anos pesquisas com as crianças, professoras/es e formação docente intituladas: “Práticas docentes na Educação Infantil: gênero, sexualidades e filmes infantis”, “Infância e mídia: o lugar da televisão na formação da criança” e “O que vamos assistir hoje? Filmes e animações na Pré-Escola” orientadas pela Professora Dr.^a Magda Sarat e coorientadas pela Professora Me. Joice Kochi e a Professora Dr.^a Larissa Montiel, as quais expresso gratidão pelos ensinamentos.

Civilizador” (GPEPC)⁴, juntamente com professores/as doutores, mestres e demais acadêmicos que com carinho e humildade, nesta teia de interdependências, me acolheram e me ajudaram. Participei das reuniões de estudos, organização de eventos e, semanalmente, cumprindo horas como bolsista⁵ no Laboratório de Práticas na Educação da Infância (LAPEDI)⁶. Apresentei também trabalhos em eventos⁷ locais, regionais, nacionais e internacionais, os quais foram imprescindíveis para o meu amadurecimento.

E por volta do último semestre, o desejo de seguir na Universidade se confirmou. Formei-me em 2018 e cursei como aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFGD, a disciplina “Tópicos em História da Educação, Memória e Sociedade I” com a Professora Magda Sarat, que serviu para conhecer um pouco do que seria a Pós-Graduação. Após terminar minha graduação me preparei com intensivas leituras, curso de espanhol, escrita do plano de investigação e nove meses depois da colação de grau, realizei o processo seletivo no Programa de Pós-Graduação em Educação na Linha de História da Educação, Memória e Sociedade, sendo aprovada no Mestrado turma - 2019, sob orientação da Professora Magda, novamente juntas.

O meu desabrochar...

Estar dentro do PPGEduc⁸, foi uma das minhas maiores conquistas. O fato de poder assistir/ouvir/aprender nas aulas era uma explosão de conhecimentos que eu não queria perder por nada e era grata por estar ali. O corpo docente que inspira, os conhecimentos que constituí, as interações e amizades que construí, a pesquisa, prazos, leituras, os risos e desesperos nos corredores, foi muito bom. Realizei também o estágio Docência no Ensino Superior junto à Professora Míria Izabel Campos, no qual foi um momento de grandes aprendizados, permitindo até certa ansiedade em ter/estar naquela cadeira como professora.

⁴ Liderado pela Professora Dr.^a Magda Sarat (FAED/UFGD), no qual participam seus orientandos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado, meus colegas de trabalho e pesquisa.

⁵ Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (CNPq) entre os anos de 2016 a 2018.

⁶ Situado na Faculdade de Educação (FAED), especificamente na sala de nº 18, tendo como coordenadora a Professora Magda Sarat e vice-coordenadora Professora Dra. Míria Izabel Campos.

⁷ Entre estes: Congresso de Educação da Grande Dourados (FAED/UFGD); Jornada Nacional de Educação (UFMS/Naviraí); Encontro de História da Educação do Centro-Oeste (EHECO); Simpósio Internacional Processos Civilizadores (SIPC); Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão (ENEPEX).

⁸ No primeiro semestre do ano de 2019 concorri a Bolsa Capes de Demanda Social vindo a ser contemplada, fazendo uso da mesma atualmente e até o fim da sua vigência no ano de 2021.

Neste último ano⁹ não ter as aulas me fez muita falta, a solidão da escrita dói, realmente dói, mas é um momento quando me encontrei como pesquisadora e tive que alçar voos. Finalizando, gostaria de dizer: Eu já não sou a mesma, ainda bem que não. Pois, é em meio a tudo isto, que eu quero e gosto de estar. Agradeço por poder compartilhar estas palavras e ter este registro.

Mas agora, já tendo me apresentado, falaremos neste momento sobre a pesquisa realizada, intentando aprofundar conhecimentos e ampliar as perspectivas de atuação na educação.

⁹ Durante o percurso da pesquisa, em especial no processo de finalização (ano de 2020), ocorreu a **Pandemia do Novo Coronavírus conhecido como COVID-19**, uma síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-COV-2), que obrigou a todos se isolarem socialmente fato este que dificultou o acesso às bibliotecas, laboratórios e a realização de parte da pesquisa empírica de forma remota.

INTRODUÇÃO

Buscamos nesta pesquisa analisar como aconteceu a formação docente de um curso de magistério diurno de turma única, no período de (1995-1998), em uma instituição da rede privada de ensino no município de Dourados - Mato Grosso do Sul, a Escola Serviço de Educação Integral (SEI). E para isso, nos interessou saber também sobre as demais escolas ofertantes de cursos de magistério atuantes na cidade de Dourados neste período, para compreender o cenário da formação de professores/as e a história da educação de Dourados do ponto de vista institucional e dos atores envolvidos.

Observando a complexa situação do grupo profissional na história, e, ainda presente, que vem resistindo a precarização do ensino no Brasil e na luta pela qualidade, faz-nos muitas vezes indagar: “Para quê professores numa sociedade que, de há muito, superou não apenas a importância destes na formação das crianças e dos jovens, mas que também é muito mais ágil e eficaz em trabalhar as informações? E então, para quê formar professores?” (PIMENTA, 1997, p. 5). Perguntas estas que podem até aparecer, de certo modo, pessimistas, mas nos levam a pensar este tema. Ainda existem motivos para formar professores?

Ramalho e Carvalho (1994) evidenciam que a profissão docente quando comparada a outras se difere pelo reconhecimento social e econômico, visto até mesmo como uma atividade de categoria inferior, sendo consensual que no Brasil, sobretudo o magistério nos graus iniciais, tem uma história marcada pela desvalorização e abandono da profissão. Assim, em meio a este cenário temos os cursos de formação de professores/as que formaram e acharam motivos para continuar, tal como aos alunos/as que, ainda assim, tinham motivações ao escolher o magistério como formação de nível médio.

Em vista disso, nos interessou saber: Como estava o cenário da formação docente neste período? Este curso ofertado pela Escola SEI, se assemelha aos outros existentes neste período na cidade de Dourados? Quais as motivações para a criação de um curso de magistério na Escola SEI, considerando ser uma instituição privada? Como aconteceu a formação destes professores/as?

E ainda, a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei nº 9.394/ 96 (BRASIL, 1996), Lei que estabeleceu, em seu Art.62, normas para a formação de docentes a fim de atuar na educação básica, foi fundamental para o término do curso? Qual a contribuição deste curso no ponto de vista dos envolvidos? Acreditamos na

importância de desenvolver uma pesquisa que poderá contribuir para elucidar a história de formação de professores/as, a partir de cursos de formação docente, pois como afirma Nóvoa (1991, p. 12) “A formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma nova profissionalidade docente [...]”. Para tanto, nossos objetivos foram: *Objetivo geral:* Compreender a formação docente no curso de magistério ofertado pela Escola Serviço de Educação Integral entre 1995-1998. *Objetivos específicos:* Realizar uma revisão historiográfica da formação docente; Investigar o único curso de magistério ofertado pela Escola SEI; Analisar os elementos da formação deste curso do ponto de vista institucional e o/as envolvidos/as na sua trajetória.

Para o recorte temporal da pesquisa elegemos o período de 1995-1998, justificado por serem as datas de início e término do curso de magistério na Escola SEI, portanto inicialmente elegemos esse período, mas a pesquisa se propõe no contexto da formação docente uma etapa, mais ampliada em relação ao ano de criação da instituição qual seria de 1980, quando ela passa a existir legalmente. Mesmo que neste período não houvesse ainda o curso de magistério, nos interessou saber o contexto que esta instituição foi criada até chegar à iniciativa de ofertar o curso. Em relação ao recorte espacial está circunstanciado no município de Dourados/MS, cidade na qual o curso pesquisado foi ofertado.

Assim, entendemos a realização deste trabalho a partir de triplas relevâncias: A relevância científica do estudo está pautada na perspectiva de que ao adentrar na história deste curso de formação, será possível contribuir para o campo da História da Educação, em específico da formação de professores/as, propiciando conhecer as especificidades de mais um curso de magistério que formou professores/as na Grande Dourados.

A relevância social, em contribuir com a comunidade a partir de publicações referentes à história deste curso, conforme apontado por Sarat e Santos (2010), pode ser uma maneira de manter a memória e o passado produzido por pessoas e instituições que fizeram e continuam fazendo história.

Além disso, a relevância pessoal em seguir com os estudos na área da formação de professores/as, iniciado na graduação e de modo aprofundado no Mestrado. Ademais, o interesse em investigar esta temática surgiu, primeiramente, na participação no “IV EHECO - Encontro de História da Educação do Centro-Oeste”, quando aconteceu a Mesa Redonda “História da infância e da educação da criança no Centro-Oeste: experiências e perspectivas de pesquisa”. Na ocasião, a professora Magda Sarat orientava uma pesquisa de Educação Infantil na Escola SEI, e apresentou um trabalho escrito a partir de entrevistas

realizadas com a professora Ezir, com mais de 80 anos de idade, fundadora e diretora da Escola Serviço de Educação Integral/SEI, narrando parte da história da instituição e de sua criação.

Diante disso, a escolha por investigar o curso de formação, nesta instituição, se deu por estar inserida em um Grupo de Pesquisa (GPEPC)¹⁰ e participar de um projeto maior intitulado: Trajetórias Docentes na Educação Infantil: pesquisas em escolas públicas de Mato Grosso do Sul; o qual permitiu avançar em uma trajetória de trabalhos já realizados na Escola Serviço de Educação Integral - SEI, trabalhos estes que embora tenham enfoque na Educação Infantil, serviram de suporte para esta pesquisa no que tange à História da Instituição. Dentro os quais cito: Trabalho de conclusão de curso (TCC) de Michelly Fermio da Silva (2007)¹¹ intitulado “História e Memória da Educação Infantil: Os 25 anos de atuação da Escola SEI – Serviço de Educação Integral (1980-2005) no Município de Dourados”.

A professora Silva (2007) foi a primeira a pesquisar sobre a Escola SEI e teve como recorte temporal dos anos de 1980 a 2005, justificado pelo fato de ser o ano da criação da instituição e o ano em que escola completou seu jubileu de prata, os 25 anos. Seu trabalho teve como objetivo recuperar a história da Escola SEI neste período e verificar a sua contribuição para a Educação Infantil do município. Metodologicamente fez uso de análises documentais e fotográficas e realizou entrevistas por meio da História Oral, com uma professora do maternal atuante há muitos anos na Escola SEI. Além disso, também entrevistou a proprietária/diretora da instituição. Teve como alguns resultados a confirmação do prestígio e reconhecimento social da escola, e a preocupação com o ensino e desenvolvimento integral das crianças.

A dissertação escrita por Samara Grativol (2017)¹² intitulada como “Educação ‘pré-escolar’ em Dourados: a escola Serviço de Educação Integral - SEI (1980-1995)”. A autora teve como recorte temporal de sua pesquisa os anos de 1980 a 1995, o início dos trabalhos na instituição e a realização dos 15 anos da Educação Infantil na Escola. O objetivo central foi compreender a concepção de criança e de trabalho pedagógico presente na Escola SEI, nos seus quinze primeiros anos de atuação no cenário educacional de Dourados. A

¹⁰ Neste Link é possível visualizar e baixar todas as pesquisas desenvolvidas pelo grupo: <https://portal.ufgd.edu.br/laboratorio/lapedi/acervo>

¹¹Foi aluna do curso de Pedagogia e orientanda da Professora Magda Sarat na FAED/UFGD.

¹²Foi membro do (GPEPC), aluna do programa (PPGEdu/UFGD) Mestrado em Educação, orientanda da Professora Magda Sarat e bolsista FUNDECT CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

metodologia esteve pautada na Nova História Cultural ligada à História do Tempo Presente, com fontes primárias compostas por documentos administrativos, burocráticos e também fontes iconográficas. A documentação encontrada pela autora informou que a concepção de criança, presente nas práticas da Escola SEI, esteve organizada no sentido de tomar a criança como o ponto de partida, colocá-la como o centro do planejamento e das atividades. Buscou-se o desenvolvimento da criança a partir de diferentes linguagens, enfatizando sua ludicidade. A referida instituição esteve presente na formação de gerações e sua história contribui com novas perspectivas de investigação na História da Educação local e regional.

Além destas duas pesquisas realizadas, temos ainda outras duas pesquisas em andamento, no âmbito da graduação,¹³ as quais possuem em comum a Escola SEI, parte delas foram apresentadas e publicadas em anais dos eventos, bem como na realização de pesquisas de Iniciação Científica. Sendo estas de Silva (2019) e Pires (2019) duas alunas do Curso de Pedagogia da FAED/UFGD.

A autora Suzana Maria Santos Pires (2019), com a pesquisa de Iniciação Científica concluída intitulada “História e Memória da instituição escolar: A Escola SEI-Serviço de Educação Integral do Município de Dourados/MS” aborda sobre a trajetória da instituição por meio dos documentos administrativos e dos relatos orais dos indivíduos que estiveram presentes, como: Os fundadores da instituição, alguns funcionários e alunos/as. E ainda, a mesma autora, desenvolve outra pesquisa de Iniciação Científica que encontra-se em andamento, cujo título é “Vida de Professora” História e Memória docente em instituições escolares no Município de Dourados/MS”, em que pretende trabalhar no interior da Escola SEI com a história de vida de professoras que lecionaram na instituição por mais de 30 anos, almejando compreender a história da escola e da educação do município de Dourados.

E a autora Elida Danielle da Silva (2019) com a pesquisa já desenvolvida intitulada “Ritos e celebrações no espaço escolar: memórias de uma escola de Dourados/MS”, investigou os ritos e celebrações festivos que englobavam a vida escolar anual da Escola SEI, gerando uma tradição entre as gerações de pais e filhos. Neste momento ela realiza outra pesquisa, em andamento, com o título “Celebrações e festejos escolares: as memórias da família”.

¹³ Ambas são pesquisas desenvolvidas dentro do GPEPC e orientadas pela Professora Magda Sarat que culminará nos trabalhos de conclusão de curso das mesmas. Silva (2019) aborda mais especificamente sobre os ritos e celebrações dentro da Escola SEI e Pires (2019) sobre a história e memória da Escola SEI.

Cabe destacar que não existem estudos desta instituição acerca do referido período histórico, seja ele 1995-1998, ou qualquer outro além destes apresentados.

Mediante o exposto, realizamos como parte desta pesquisa uma revisão da literatura no dia 27 de dezembro de 2020 no Repositório DSpace¹⁴ da Universidade Federal da Grande Dourados, já que a pesquisa bibliográfica ocorre pela “[...] necessidade de um mapeamento que desvende e examine o conhecimento já elaborado e apontem os enfoques, os temas mais pesquisados e as lacunas existentes” (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 38).

Primeiro usamos o descritor “formação de professores” em todo o repositório institucional e obtivemos o total de 1725 trabalhos presentes na UFGD correspondente ao referido descritor. Dado o grande número refizemos a busca, usando o mesmo descritor “formação de professores”, no entanto, filtrando para os trabalhos realizados no interior do Programa de Pós-graduação em Educação e tivemos 190 trabalhos, sendo 169 dissertações e 21 teses. Deste total escolhemos 18 trabalhos que mais se aproximavam com o nosso objeto de pesquisa e lemos o resumo dos mesmos. Como apontado no quadro a seguir:

Quadro 01: Trabalhos localizados no repositório da UFGD

Ordem	Título	Autor/a	Orientadora	Defesa	Tipo
01	Memórias e trajetórias de professores egressos do curso de magistério da escola “Menodora Fialho de Figueiredo” de Dourados (1971-2001)	Maria do Carmo Campos da Silva Silva	Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado	2013	Dissertação
02	História da formação para professores leigos rurais: o curso de magistério rural em Dourados, na década de 1970	Ana Paula Fernandes da Silva Piacentine	Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado	2012	Dissertação
03	O Curso de treinamento de professores leigos: profissionalização e representações da docência em Mato Grosso (1963-1971)	Rômulo Pinheiro de Amorim	Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado	2019	Tese
04	Educação rural em Dourados: a Escola Geraldino Neves Correa (1942-1982)	Clóvis Irala	Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado	2014	Dissertação

¹⁴ Pode ser acessado através deste endereço: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/>

05	História e memórias: a Escola Municipal de Primeiro Grau Antonio João Ribeiro do distrito de Indápolis-MS (1973-1988)	Mariza Salete Backes Silva	Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado	2019	Dissertação
06	Escola Franciscana Imaculada Conceição: história da instituição educativa na Região de Dourados, sul de Mato Grosso (1955-1975)	Eliane Maria Amaro	Profa. Dra. Maria do Carmo Brazil	2018	Dissertação
07	Trajetórias docentes: memórias de professores homens que atuaram com crianças no interior de Mato Grosso do Sul (1962-2007)	Adriana Horta de Faria	Profa. Dra. Magda Sarat	2018	Dissertação
08	Educação primária no sul de Mato Grosso: o grupo escolar de Bataiporã - MT (1955-1974)	Thierry Rojas Bobadilha	Profa. Dra. Rosemeire de Lourdes Monteiro Ziliani	2016	Dissertação
09	Da escola na casa à Escola Municipal Fazenda Miya do distrito do Guassú - MT (1965 - 1977)	Ana Lucia Pereira Borges Ebenritter	Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado	2018	Dissertação
10	Grupo Escolar Luiz de Albuquerque: sua história no processo de institucionalização do ensino primário público em Corumbá - MT (1908-1930)	Charlene Correia Figueiredo	Profa. Dra. Maria do Carmo Brazil	2013	Dissertação
11	História do clube de mães e as origens do atendimento à criança pequena em Naviraí/MS (1974-1990)	Giseli Tavares De Souza Rodrigues	Profa. Dra. Magda Sarat	2019	Dissertação
12	Grupo Escolar Antônio João Ribeiro: cultura escolar primária em Itaporã-MT: uma contribuição para a história das instituições educativas (1953-1974)	Claudiani Ferreira da Cunha Rodelini	Profa. Dra. Maria do Carmo Brazil	2015	Dissertação

13	De criança a aluna: memórias da infância e da escolarização de professoras (1930-1970)	Gislaine Azevedo Da Cruz	Profa. Dra. Magda C. Sarat Oliveira	2014	Dissertação
14	O Ensino secundário no sul do antigo Mato Grosso: o Colégio Estadual Presidente Vargas de Dourados (1951-1974)	Inês Velter Marques	Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado.	2014	Dissertação
15	Grupo Escolar Presidente Vargas, Dourados-MT: a escola primária urbano/rural em tempos de mudanças no ensino elementar brasileiro (1963-1974)	Wilker Solidade Da Silva	Profa. Dra Maria do Carmo Brazil	2015	Dissertação
16	Cultura escolar: a institucionalização do ensino primário no sul do antigo mato grosso: o grupo escolar Tenente Aviador Antônio João em Caarapó/MS (1950-1974)	Juliana Da Silva Monteiro	Profa. Dra. Ana Paula Gomes Mancini	2011	Dissertação
17	Jornal Expositor Cristão: educação e civilização, um olhar para o sul de Mato Grosso (1925-1946)	Rodrigo Dos Reis	Prof. Dr. Ademir Gebara	2014	Dissertação
18	Trajetórias docentes: memórias de professores homens que atuaram com crianças no interior de Mato Grosso do Sul (1962-2007)	Adriana Horta De Faria	Profa. Dra. Magda Sarat	2018	Dissertação

Fonte: Banco de dados repositório (UFGD) editado pelas autoras.

Como detalhado pelo quadro exposto, escolhemos o total de 18 trabalhos, sendo eles 17 dissertações e uma tese, todos defendidos pelo Programa de Pós-graduação em Educação da FAED/UFGD entre os anos de 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2018 e 2019. No entanto, para um melhor uso destes trabalhos, nesta pesquisa, optamos por realizar uma leitura na íntegra de 2 trabalhos sendo eles os de Piacentini (2012) e Silva

(2013) por se tratarem de pesquisas que abordem em específico a história de cursos de magistério na formação de professores.

A professora Ana Paula Fernandes da Silva Piacentini realizou a defesa da sua pesquisa de mestrado no ano de 2012, intitulada “História da formação para professores leigos rurais: o curso de magistério rural em Dourados, na década de 1970”. Esta pesquisa teve como objetivo compreender o processo de implantação e funcionamento do Curso de Magistério Rural, na década de 1970, no município de Dourados, situado no (antigo) sul de Mato Grosso. Fez uma análise do funcionamento desse curso, buscando examinar os elementos da formação ofertada. O recorte escolhido na década de 1970 sinaliza o período de criação e vigência do Curso de Magistério Rural. E metodologicamente fez uso de análise documental, bem como o uso de entrevistas com ex-professores/as e ex-alunos/as por meio da técnica da História Oral. Deste modo, a autora conclui que a criação e o funcionamento desse curso exerceram um importante papel, na formação profissional de uma determinada parcela de professores leigos rurais de Dourados e região, no Sul de Mato Grosso, na década de 1970.

A pesquisa intitulada “Memórias e trajetórias de professores egressos do curso de magistério da Escola Menodora Fialho de Figueiredo de Dourados (1971-2001)”, é uma dissertação defendida no ano de 2013 pela professora Maria do Carmo Campos da Silva Silva que teve por objetivo analisar as trajetórias de professores/as egressos do Curso de Magistério da Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo, do município de Dourados, no período de 1971 a 2001, anos correspondentes do início dos cursos e término. Fez uso de análise documental e entrevistas com professores/as egressos do curso por meio da técnica da História Oral.

Este trabalho é composto de uma contextualização do espaço onde a escola está instalada, ou seja, o Estado de Mato Grosso do Sul e a cidade de Dourados, a fim de articular o espaço e o tempo da realidade local. Bem como aborda a história da instalação e consolidação da Escola Menodora, e também a trajetória do Curso de Magistério, oferecido por 30 anos na instituição. E por fim, a autora apresenta a análise das entrevistas com os depoentes formados nesse curso de formação que se destaca historicamente por ser o primeiro curso de formação de professores/as da rede pública da cidade de Dourados.

Estes dois trabalhos foram orientados pela Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado, responsável, aliás, pela maioria dos trabalhos encontrados nesta busca, o que torna visível

o seu comprometimento com as pesquisas que envolvam a formação de professores/as, educação no campo e rural dentre outros temas.

Estes trabalhos apontados partem todos do período de 1970, pautados nas prescrições normatizadas pela Lei nº 5.692/1971 conhecida por reformar o ensino de 1º e 2º grau e substituir a Escola Normal pelos Cursos que habilitavam ao Magistério. Além deste fator em comum, temos as escolhas metodológicas pelos documentos e entrevistas. No entanto, um se delimita em um contexto urbano e o outro no contexto rural, o que nos auxilia a compreender o cenário da formação de professores/as na cidade de Dourados no período de 1970 até meados dos anos 2000. Percebemos que o trabalho de Silva (2013) aborda o período por nós pesquisado, especialmente ao caracterizar que a Escola Menodora Fialho de Figueiredo também oferecia curso de magistério nos anos de 1995-1998, época semelhante em que era ofertado o curso pela Escola SEI, fato contributivo para uma melhor análise dos nossos dados.

Exposto isto, foi possível constatar que nesta plataforma dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do PPGEduc, existem bons trabalhos e uma expressiva quantidade de 190 trabalhos que abordem sobre a formação docente, considerando os descritores que foram utilizados, no entanto, ainda um número sutil de pesquisas que enfoquem instituições, em especial aos cursos de magistério derivados da Lei nº 5.692/1971 e do Parecer nº 349/1972 os quais ofereciam habilitação ao magistério de 1º e 2º Graus, evidenciando “que existem enormes lacunas e silenciamentos acerca da história das instituições, sobretudo concernente aos estabelecimentos que se dedicaram à formação de docentes” (BRAZIL; MANCINI, 2012, p. 124).

Teórica e metodologicamente fizemos opções fundamentadas nas perspectivas do que a bibliografia nos apresenta como a Nova História Cultural e a História do Tempo Presente, permitindo-nos ampliar as possibilidades de pesquisas e trazer temáticas relevantes para investigar a história, sobretudo a História da Educação e a História da Formação Docente.

De modo que a Nova História Cultural, um novo paradigma de pesquisa, desabrochada no século XX como apontado por Burke (2008) tem mais de uma fonte de inspiração, podendo ser utilizada tanto no plano coletivo, como no individual. É com a nova História Cultural que se tem o estudo das práticas, das representações, história da memória, estudo da cultura material e tantos outros estudos que fazem parte da ampliação dos territórios que este paradigma perpassa (BURKE, 2008). Ou seja, uma nova visão

sobre os tipos de objetos, problemas, abordagens e até mesmo conceito de fontes, indo além daquelas predominantemente documentais.

Uma ampliação que possibilita o pesquisador realizar um tratamento interdisciplinar com as outras áreas, em que tudo pode ser história, dependendo somente da interrogação que o historiador realiza por meio dos modos de fazer necessários na reconstrução dos fatos. Segundo Constantino (2004, p. 49), o objeto da ciência histórica deixava de “ser simplesmente alcançado pelas fontes para ser construído pelo historiador, a partir das demandas do seu presente”, modificando a relação do historiador com o passado.

Entre as possibilidades alcançadas pela Nova História Cultural está a História do Tempo Presente, um campo de estudos voltado à história recente “uma história ainda não acabada, em que o historiador não cumpre o seu papel de reconstruir um processo já acabado, de que se conhecem o fim e as consequências” (PESAVENTO, 2005, p. 56). É um conhecimento incabado, provisório, que pode ser alterado ao longo do tempo.

Isso significa dizer que ela se reescreve constantemente, utilizando-se do mesmo material, mediante acréscimos, revisões e correções [...]. Por sua vez, essa singularidade de objeto deve nos alertar para a necessidade de buscar métodos e temáticas também específicos, como, por exemplo [...] a utilização das fontes orais (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 23).

Uma das especificidades de trabalhar com a História do Tempo Presente, é fazer uma pesquisa que não tem fim, reescrita de acordo com as necessidades e o olhar de cada pesquisador, porém “o que diferencia a história do tempo presente das temáticas históricas longitudinais, é a proximidade dos historiadores em relação aos acontecimentos, pois são praticamente contemporâneos de seus objetos de estudo” (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 24). Estabelecemos então um cuidado para com a subjetividade do pesquisador e um distanciamento do objeto para não prejudicar os resultados. Pois, faz necessário inserir-nos no tempo da pesquisa para compreender os aspectos da história, mas, simultaneamente, também escutar o presente (CHARTIER, 2001).

Assim, o nosso tema é a história da formação docente, tendo como objeto de pesquisa a história de um curso de formação de professores/as de uma instituição educativa da rede privada na cidade de Dourados, a partir do uso de documentos institucionais e das memórias dos atores que vivenciaram o curso de formação.

Metodologicamente fizemos leituras bibliográficas de autores que vão ao encontro das nossas indagações na pesquisa e nos ajudam a compreender os contextos que

almejamos. Em seguida, o uso de análises documentais com documentos administrativos coletados no arquivo da Escola SEI, já que tudo que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou fonte, sendo possível estudar e analisar em suas infinitas formas (CELLARD, 2012). Para as análises documentais utilizamos os estudos de autores como: Cellard (2012); Le Goff (1996); Luchese (2014); Mignot (2008) e outros.

E também, realizamos entrevistas por meio dos procedimentos teóricos metodológicos da História Oral, que consistem “na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjuturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2005, p. 155). Entrevistamos desta forma, uma professora e quatro alunos/as que vivenciaram o curso de magistério, como possibilidade de valorizar as vozes de pessoas, as trajetórias de vida, suas memórias, suas biografias, histórias que possam nos dar respostas às nossas indagações (SARAT; SANTOS, 2010).

Analizamos a partir das referências de Albert (2005); Ferreira (1996); Meihy (1996); Sarat e Santos (2010) entre outros os relatos obtidos pelas entrevistas gerando documentos, por meio das gravações, transcrições e textualizações, procedimentos da HO, que compõem os materiais de análise.

[...] a opção metodológica pela História Oral se dá pela discussão teórica que fomenta as investigações com essa fonte e concebe a História, também pela participação de pessoas anônimas que com as suas experiências constroem a sociedade. Neste aspecto, a História Oral é vista por grande parte dos pesquisadores como metodologia ou método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista para registrar as narrativas das pessoas. Histórias que há muito as pessoas sabiam e contavam, mas que estavam à margem da documentação produzida pela História oficial, e que somente com a inserção de novas fontes no debate teórico metodológico passam a ser aceitas com estatuto e rigor científico. Esta metodologia vem sendo incorporada à pesquisa em diversos campos do conhecimento, tanto em âmbito nacional quanto internacional (FURTADO; SARAT, 2012, p. 02).

Trabalhar com a oralidade imersa na Nova história Cultural é algo significativo, uma vez que permite que sejam criadas novas fontes, a partir dos depoimentos daqueles que vivenciaram os fatos, sejam eles os personagens reais da história, possibilitando uma leitura mais ampliada sobre o tema, por meio dos indícios e sinais que permitem decifrá-lo (GINZBURG, 1989), e não estão explícitos ou apresentados nos documentos. Em vista disso, a história Cultural com suas contribuições, apresenta diferentes possibilidades de

utilização de fontes na pesquisa, entre elas a história Oral. É com a história cultural que a pretensão da história de anexar a memória à esfera da cultura atinge o seu auge, passando a usar à memória como objeto da história com o desenvolvimento da chamada história das mentalidades (RICOEUR, 2007).

Tendo de tal modo os conceitos centrais da história cultural como base, a memória de um indivíduo “pode ser investigada como se fosse um microcosmo de uma camada social inteira em um determinado período histórico” (GINZBURG, 1991, p. 22). Cabe sempre observar que a entrevista em si não é história, para isso torna-se necessário a interpretação e análise do pesquisador para ser transformado em fontes, resultando em documentos históricos. Marc Bloch (2003) diz que a os testemunhos históricos são infinitos e bastante diversos, e tudo o que o homem diz e fabrica pode nos informar muito sobre ele, corroborando o potencial das entrevistas.

Para dar conta de tais análises e dos modos de fazer nos apropriamos, também, de documento como monumento, trazido por Le Goff (1996, p. 545).

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 1996, p. 545).

Neste sentido, cabe ao historiador fazer a crítica necessária aos documentos, observar as condições que foram produzidos e as intenções subliminares, pois todo documento é fruto de escolhas e intenções de quem o elaboram e não devem ser usados de forma passiva e sem questionamentos. Neste *corpus* documental temos que “o diálogo promovido pelo uso de diferentes fontes quase sempre se vale da história oral como forma de complemento de afirmações conseguidas a partir de vários recursos” (MEIHY, 1996, p. 44). Recorremos a memória dos/as entrevistado/as, por que

A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Através de histórias de famílias, das crônicas que registraram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se a cronologia atual e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico (DELGADO, 2010, p. 11).

A autora nos apresenta a importância da memória na produção do conhecimento histórico e o seu caráter longitudinal ao perpassar gerações. Similarmente Ricoeur (2007) pontua que o passado, ainda que não estando mais lá, é visto como verdade, mesmo que questionemos tal verdade, pois somente a memória pode nos assegurar de que alguma coisa se passou realmente antes. Delgado (2010, p. 2) considera ainda que o “tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história”. O recorte temporal delimita a pesquisa em uma linha do tempo específica, já o espaço nos mostra a realidade do lugar no qual o objeto pesquisado está inserido e a memória ajuda a compreender os indivíduos que produzem história.

Recorremos novamente a (DELGADO, 2010) quando explica o passado, ao dizer que ele pode ser assemelhado a um vidro estilhaçado composto por inúmeras cores e partes, buscar recompô-lo e remontá-lo como antes pode parecer algo impossível, sendo apenas possível de ser feito se buscarmos remontá-lo através da análise de cada um dos fragmentos. E assim, a história vem sendo reconstruída, investigada, separada, identificada e analisada em cada fragmento, para a construção de uma nova versão dos fatos, até que outro pesquisador lance seu olhar sobre tal aspecto e recomponha uma nova história.

Tendo exposto estes elementos sobre a memória, faremos uso do cruzamento de fontes orais e documentais, não com a intenção de legitimação dos relatos orais, mas para uma maior diversificação de fontes e recomposição da história a ser investigada, pautando-nos na perspectiva apresentada por Ricoeur (2007, p. 4) por ser “uma parte importante da batalha dos historiadores para o estabelecimento da verdade, nasce da confrontação dos testemunhos, principalmente dos testemunhos escritos; são levantadas questões: Porque foram preservados? Por quem? Para benefício de quem?”. Além destes pontos, Lopes e Galvão (2001) também nos lembram que o cruzamento e o confronto das fontes poderão ajudar no controle da subjetividade do pesquisador.

Buscamos com a escolha destas metodologias e *corpus* documental, contar a história do curso de habilitação no magistério, a partir de três possíveis olhares quais sejam: os documentos da instituição; os olhares da professora que atuou no curso e os olhares das alunas e do aluno egressos do curso, pois,

[...] no que se refere à história das instituições escolares, mais particularmente a respeito do preparo de professores para a missão de

ensinar, verifica-se que a temática se compara a um complicado tabuleiro de “quebra-cabeça”, pois apesar da significativa produção historiográfica já existente a respeito, no âmbito nacional e regional, ainda há lacunas concernentes às áreas internas do país, sobretudo sobre as particularidades sociais e culturais de seus distintos rincões. As peças desse ‘quebra-cabeça’ encontram-se dispersas nos arquivos (oficiais ou privados) à espera de investigações (BRAZIL; MANCINI, 2012, p. 126).

Esperamos então que a pesquisa seja mais uma peça do “quebra-cabeça” que todos os dias vêm sendo montado por pesquisadores espalhados pelo país, e se dedicam a estudar a formação de professores/as e a história das instituições escolares.

Neste contexto favorável, levantamos como uma conclusão inicial/parcial as hipóteses que: o curso de magistério tenha sido ofertado, primeiramente por questões financeiras para agregar serviços, e/ou ainda, pela escassez de escolas particulares que ofertavam um curso de magistério diurno na cidade de Dourados, atendendo a uma demanda de alunos/as que esperavam dar continuidade aos estudos e frequentarem aquela instituição desde a Educação Pré-escolar. Muito provavelmente tenha sido encerrado por conta da normativa legal sobre a formação de professores/as e, também pela falta de público no período, considerando o fato de ser uma instituição privada e sendo diurno atendia uma determinada parcela de pessoas.

Apontamos alguns dos caminhos traçados na coleta dos materiais existentes nos arquivos da instituição. Primeiro apresentamos a pesquisa aos responsáveis pela instituição, o Sr. Gustavo Jesus Estremera Gutierre e a Sra. Ezir Bomfim Estremera Gutierre, que foram solícitos para com a realização da pesquisa, por conta da posição que o GPEPC já ocupa na instituição em pesquisas anteriores. Feito isso, optamos por marcar visitas semanais à escola, com agendamentos prévios, sempre nas quartas-feiras de manhã, horário quando a secretária nos acompanhou na seleção e coleta da documentação existente. As visitas à escola foram em torno de um mês consecutivo, após isto foi de forma esporádica quando havia necessidade de complementar as informações.

Em nossa primeira visita, no dia 14 de agosto de 2019, foram apresentados, por meio da secretária, os espaços da escola e todas as dependências da instituição. Foi destinado o espaço da biblioteca como o lugar do trabalho, onde trouxeram algumas pastas de documentos administrativos da instituição e do curso para serem verificados por nós.

Imagem 01: Arquivo da Escola SEI - Pasta com a documentação do curso



Fonte: SEI/Dourados-MS.

Cabe ressaltar que não foi permitido o acesso direto aos arquivos pela pesquisadora, podendo somente conhecer o espaço sem realizar buscas “apesar da importância dos documentos para o conhecimento do patrimônio cultural e histórico, os pesquisadores ainda se deparam e lidam com muitas dificuldades para desenvolver as pesquisas históricas” (FURTADO, 2011, p. 151). Este fato limitou a pesquisa no sentido de não obter os dados na sua totalidade, pois, arquivar é guardar e é também esconder, sendo assim, quais divulgar e quais ocultar? (MIGNOT; CUNHA, 2006). No entanto, de acordo com as demandas da pesquisa íamos solicitando os documentos e a instituição de forma solícita disponibilizava os mesmos. Segue uma imagem do atual arquivo da instituição:

Imagem 02: Arquivo da Escola SEI – Pastas com documentos da escola



Fonte: SEI/Dourados-MS.

Em dado momento solicitamos se era possível conhecer o arquivo e a secretária então o mostrou visualmente. Ele estava organizado, porém bem cheio, com dificuldades no que tange ao espaço físico, foi nos informado que em breve estariam sendo organizado para uma ampliação deste espaço. Todos os documentos da vida escolar dos/as alunos/as são guardados nestas caixas, identificadas com números e dentro delas ficam os envelopes com registros também identificados.

Para Vidal (2005), o arquivo escolar pode fornecer elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a frequentaram ou frequentam, das práticas que nela se produziram e, sobre as relações que estabelece com seu entorno. Constitui-se, portanto, de um espaço que necessita de maior atenção por meio das pessoas e instituições que os guardam.

Como forma de organização, tem-se uma pasta que identifica o que são cada um destes números anotados nas caixas, para facilitar a busca quando necessário. Nada está digitalizado, o arquivo da Escola SEI é todo feito somente por registro manual, em papel, e não são poucos, se considerarmos que os mesmos possuem documentos deste a criação da escola. Para a instituição, guardar essa documentação é uma forma de respeitar a trajetória de cada aluno/a, assim corroborando a bibliografia que nos informa que o arquivo se constitui em instrumento de custódia e preservação de documentação, considerada importante para aqueles que o instituem (ANJOS, 2012).

Nas visitas seguintes, solicitamos se havia algo mais específico e recebíamos algum documento em mãos pela secretária. Todo material estava em caixas arquivo e dentro delas os materiais existentes estavam protegidos, bem cuidados e envoltos por folhas de papel almaço ou plásticos. Foram entregues também algumas fotografias da turma e um arquivo relacionado ao estágio supervisionado do curso de formação, contendo os cadernos usados na conclusão da disciplina.

Sempre que encerrava o momento da pesquisa, fazíamos anotações de tudo o que ocorreu, o que foi encontrado e outras pertinências, pois como trazido por Magalhães (2004, p. 137) “o oportuno registro das observações e impressões quando inicia os seus contatos com a instituição é fundamental para a construção da identidade histórica e um passo metodológico de capital importância”. Desta forma, assim que era recebido algum material no espaço da biblioteca, gerávamos uma identificação, fazíamos leitura e organizávamos os dados conforme o interesse e os objetivos.

Nada na vida de uma instituição acontece por acaso, tanto o que se perdeu, quanto o que se transformou como aquilo que permaneceu. A memória de uma instituição é não raro, uma somatória de memórias e de olhares individuais ou grupais, que se contrapõem a um discurso científico. É mediando entre os arquivos e as memórias que o historiador dá sentido para o seu trabalho e para a história das instituições educativas (MAGALHÃES, 2004, p. 155).

E, é esta mediação entre arquivo e memória que nos propusemos a fazer neste trabalho, na busca de respostas e de novos sentidos. Para isso, alguns materiais foram digitalizados/fotografados e outros a instituição nos fez cópias. Houve o cuidado de selecioná-los, de fazermos uma verificação criteriosa, identificando-os conforme o assunto tratado e armazenando-os em duas vias como segurança. Em seguida, agrupamos os documentos sob determinados aspectos que nos interessavam mais diretamente, para classificarmos e realizarmos as análises e interpretações dos mesmos em momento oportuno.

Desta forma, para que se tenha uma melhor visualização do que foi encontrado, dividimos o material de acordo com a abordagem dos documentos sobre a escola em si, sobre a criação do curso, a desativação do mesmo e o estágio supervisionado. Tal como os apresentamos a seguir:

- *Documentos sobre a escola:* ata de criação da escola, autorização de funcionamento, imagens, livro ponto;
- *Documentos sobre a criação do curso de magistério:* Justificativa de criação, ata de criação, Deliberação de funcionamento, relatório do processo, credenciamento docente, quadro curricular, ata de resultados finais ano de 1995, planos de ensino das disciplinas de história e língua portuguesa e fotografias;
- *Documentos de desativação do curso de magistério:* justificativa de desativação, relatório do processo, ata de resultados finais ano de 1998;
- *Estágio supervisionado:* 10 cadernos de estágio e 10 pastas de estágio com fichas avaliativas e planos de aula das/os alunas/os.

Os documentos precisam ser tomados como produções humanas, como indícios, como construções instituidoras de sentidos e significados humanos, precisam ser montados e desmontados. É preciso saber fazer perguntas, questionar, dialogar, desconstruir, desnaturalizar, virar pelo avesso e para isso o pesquisador deve lançar os seus modos de fazer (LUCHESE, 2014).

Após este processo de coleta documental, foi solicitado à escola o contato de algumas/uns professoras/es e aluna/os que atuaram/participaram do curso de magistério, no intuito de saber sobre a formação que receberam. Desses, alguns alunos/as do curso já não residiam mais na cidade de Dourados, outros não conseguimos contato, o mesmo para o corpo docente do curso. A secretária da escola nos indicou alguns nomes e conseguimos outros, conforme fomos conhecendo-os/as entrevistados/as. Conversamos com os egressos via telefone, nos apresentamos, explicamos sobre a pesquisa e marcamos uma conversa para dar início aos procedimentos da história oral.

Realizamos entrevistas¹⁵ com três alunas egressas, um aluno egresso e uma professora. Entregamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TECLE)¹⁶ com alguns pontos importantes: identificação da instituição, identificação do trabalho, identificação de depoente, declaração explícita do entrevistado da sua ciência e compreensão do procedimento do trabalho e declaração de responsabilidade do pesquisador. Este foi lido junto aos mesmos, explicando a necessidade de tê-los na

¹⁵ Em virtude da pandemia do Covid-19 duas das entrevistas necessitaram ser feitas virtualmente, devido ao isolamento social. Desta maneira, fizemos uso da plataforma Skype e do aplicativo de vídeo-chamada WhatsApp. Seguimos todos os procedimentos que a História Oral nos indica para o bom andamento da coleta das entrevistas, sobretudo lançando modos de fazer para a continuidade da pesquisa.

¹⁶ Ide aos anexos.

divulgação da pesquisa. Todas/os optaram por manter o nome verídico e após assinado, deixamos uma via com elas/es. Segue a identificação de cada entrevistado/a, conforme foi autorizado pelos mesmos:

Alesandro fez o magistério na Escola SEI, onde sua mãe foi professora e estudou da sétima série até o magistério. Depois se graduou em educação física, e exerceu a carreira docente por pouco tempo. Atualmente é funcionário público, exerce a função de policial. Foi o único menino de uma turma majoritariamente feminina.

Tatiane fez o magistério na Escola SEI. Durante o período fazia o magistério e trabalhava como estagiária na instituição, mesmo antes de se formar assumiu turma como professora de Educação Infantil na mesma Escola SEI. Atualmente é professora da educação básica na rede pública, no município de Dourados.

Luciana fez o magistério na Escola SEI e enquanto estudava, trabalhou também como estagiária na instituição. Atualmente é arquiteta. Luciana além de ter toda a história da sua educação ligada à Escola SEI, desde a educação infantil até o magistério, ainda mantêm vínculos, pois seus filhos são alunos na mesma instituição.

Janaína chegou na Escola SEI com nove anos de idade e ficou até o magistério. Atualmente é graduada em psicologia, atua na psicanálise e cursa Doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e é docente universitária.

Nize tem 80 anos de idade e uma história marcada pela carreira docente, desde os 14 anos, fez Normal Regional, Magistério, Pedagogia e Direito. Além de ser professora aposentada, já foi coordenadora, diretora e secretária de Educação. Nesta carreira foi também professora coordenadora na Escola SEI no curso de magistério e homenageada na formatura desta turma de formandos do curso de magistério da Escola SEI, duas de suas filhas foram alunas na Escola SEI. Mãe de Janaina, aluna do magistério, a qual nos conta que o magistério foi criado, entre outras razões, para “atender o seu desejo” de não mudar para outra escola.

Os encontros e desencontros foram muitos até o momento de ouvir os participantes da pesquisa, mas estes são alguns dos percalços que fazem parte do processo, tal como as restrições impostas pela/o entrevistada/o e a demora na confirmação para divulgação das falas (ALBERTI, 2005). Desta forma, alguns preferiram que a conversa fosse realizada em sua residência, outros em seus escritórios e outros na Biblioteca de uma instituição privada,

a Faculdade Unigran¹⁷, pois era de fácil acesso. É necessário que se tenha um cuidado na escolha do local de realização da entrevista, um espaço em que se sintam à vontade para desenvolver as suas falas e memórias (MEIHY, 1998).

Ao conversarmos com cada um dos participantes, mantivemos o padrão do primeiro contato: sempre com um sorriso no rosto, roupa adequada e iniciava, falando um pouco da vida pessoal (onde morava, idade, estado civil etc.) e brevemente sobre a trajetória acadêmica. Em seguida, solicitávamos para que a/o entrevistada/o falasse um pouco sobre si. Esta conversa inicial garante uma suavidade no diálogo e uma aproximação entre entrevistado-entrevistador que devem estar à vontade, para que o diálogo siga de forma natural (MEIHY, 1998).

Somente após estas devidas cordialidades apresentamos a pesquisa e o objetivo da conversa, dizendo de forma sucinta o que é história oral, os procedimentos que seriam realizados, e que a conversa seria gravada via áudio (celular), depois transcrita¹⁸ (notebook) em uma primeira versão exatamente como foi falado. Depois na segunda versão seria transcrito de forma mais limpa, sem repetições, vícios de linguagem, com coesão e coerência. Sobre a transcrição Bourdieu (1997, p. 710) nos ensina que para

[...] transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever como a passagem do escrito para o oral que o teatro faz, a passagem do oral ao escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade. [...]. É, portanto, em nome do respeito devido ao autor que, paradoxalmente, foi preciso as vezes decidir por aliviar o texto de certos desdobramentos parasitas, de certas frases confusas, de redundâncias verbais ou de tiques de linguagem [...]. Do mesmo modo, tomamos a liberdade de tirar da transcrição todas as declarações puramente informativas [...]. Mas nunca se substitui uma palavra por outra, nem se transforma a ordem das perguntas.

Após isto, entregamos uma via para a/o entrevistada/o ler, caso quisesse alterar algo seria feito e entregue novamente para confirmação, assinatura e liberação do documento para uso. Pois, “seria ingênuo pensar que qualquer pessoa despreparada metodologicamente, que saia para campo munido de um gravador, estaria fazendo história oral” (MEIHY, 1996, p. 15). Frisando que era apenas uma conversa acerca de elementos do curso do magistério que gostaríamos de saber, a partir da memória de cada uma, pois “a

¹⁷ Centro Universitário da Grande Dourados instituição privada localizada na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul.

¹⁸ Ide Apêndices.

memória [...] como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que os sujeitos percorram a temporalidade de suas vidas” (DELGADO, 2003, p. 16).

O roteiro de perguntas não era fixo, e sim maleável, pelo fato de lidar com dois grupos diferentes, quais sejam as/os alunas/os e a professora. Ou seja, houve perguntas gerais que foram realizadas a todos, e outras de forma mais específica. Foi essencial deixá-los falar, sem interromper, somente quando paravam que conduzíamos a entrevista para outra recordação. Embora o roteiro de entrevista contasse com outras perguntas aqui escrevemos as principais delas, as quais entendemos ser mais particularmente do interesse dos/das entrevistados/as. Para os/as alunos/as, foram:

- Identificação pessoal;
- Como conheceu a Escola SEI;
- O que motivou a realizar o curso;
- Como eram as aulas e os conteúdos;
- Como eram os professores/as;
- Como era a direção;
- O que se lembra do Estágio Supervisionado?
- Como foi a cerimônia da formatura?
- Qual a sua maior lembrança do curso?
- Após o curso atuou na área? Teve outra formação?

Para a professora, algumas das perguntas foram:

- Identificação pessoal;
- Trajetória de vida e profissão;
- Como conheceu a Escola SEI?
- Quais anos e disciplinas lecionou?
- Como era a turma de magistério?
- Qual maior recordação desta época?
- Como era o planejamento das aulas? Quais recursos tinham?

Assim, diante do exposto, realizamos as nossas coletas dos dados o que nos possibilitou compreender como ocorreu a formação docente neste curso e os elementos que a compõem. Este material permitiu realizar esta dissertação que está estruturada em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais.

No capítulo I realizamos, inicialmente, algumas aproximações com o magistério no Brasil, apontando a transição da Escola Normal para a Habilitação ao Magistério e as principais legislações. Em seguida, destacamos sobre a História da educação no espaço em que a pesquisa se desenvolve, ou seja, na cidade de Dourados-MS, abordamos também sobre os cursos de magistério que foram ofertados no período de 1995-1998 na cidade, levando em conta que a década de 1990 foi um período de transição da Formação de professores/as em que se dava em nível médio, para a de Nível Superior devido a Lei nº 9.394/1996.

No capítulo II tratamos sobre a História e Memória da Escola Serviço de Educação Integral desde a sua criação no ano de 1980 até o término do curso em 1998. Destacamos as motivações e as organizações necessárias para a criação do Curso de Magistério e a sua efetivação. E ainda, apresentamos o currículo, corpo docente, dentre outros dados que compõem as práticas envolvidas neste curso de formação.

No capítulo III abordamos, por meio dos documentos e dos relatos orais, algumas análises sobre os elementos dessa formação, tal como o desenvolvimento do estágio obrigatório que englobava o currículo deste curso. E, em seguida, refletimos sobre qual modelo de docentes a Escola SEI pretendeu formar e se tal formação teve êxito. Finalmente, elencamos os motivos que levaram ao encerramento do curso, considerando que formou apenas uma turma.

E assim, nós concluímos essa dissertação para que a mesma possa contribuir com o campo da educação, em especial na área da formação de professores/as ao contar com a história e memória deste curso ofertado por uma instituição na cidade de Dourados-MS.

1 FORMAÇÃO DOCENTE: aproximações com o magistério

Neste capítulo revisitamos parte da história da formação docente, a partir de algumas aproximações com o magistério no Brasil, apontando a transição da Escola Normal para a Habilitação ao Magistério e as principais legislações que englobam este período. Em seguida, no intuito de contextualizar, destacamos a História da educação no espaço em que a pesquisa se desenvolve, bem como a formação ofertada no local onde esta pesquisa se desenvolve, ou seja, na cidade de Dourados-MS, abordando também sobre os cursos de magistério que foram ofertados no período de (1995-1998) na cidade, ponderando que a década de 1990 foi um período transitório da Formação de professores/as que se dava em nível médio para a de Nível Superior devido a Lei nº 9.394/1996.

1.1 Formação de professores/as no Brasil: alguns aspectos

Não penso a História como neutra, como a verdadeira versão do passado, contínua, linear, progressiva, pautada na ideia de sujeitos fundantes e de origens, celebratória dos rumos escolhidos pelo ser humano no tempo, bem como não tenho privilegiado olhares explicativos binários sobre a realidade [...]. Compreendo a história como processo que, em suas multiplicidades, descontinuidades, brechas e atravessamentos constitui os momentos do passado-presente. Penso a História como narrativa, como trama do passado, como fios que se intersectam na construção do passado, permeado por práticas e representações (LUCHESE, 2014, p. 147).

E é nesta trama do passado que realizamos uma revisão historiográfica na conjuntura da formação docente, afinal os docentes que temos hoje são frutos de uma construção histórica, por isso torna-se importante revisitar e considerar aspectos da história do magistério no Brasil.

Tanuri (2000) pontua que nas últimas décadas o debate sobre a formação de professores/as se deu de maneira presente, devido a pontos importantes. Entre eles está à revitalização da escola normal e a criação dos Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAMs), os novos cursos de formação em nível superior e aprovação da Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que elevou a formação dos professores/as das séries iniciais ao nível

superior. Aspectos estes que formam a historiografia da formação docente ao longo das décadas.

Em vista disso, após 13 anos de embates, surge a Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961 a 1ª Lei de Diretrizes e Bases do Brasil, que segundo Trogan (1997) definiu princípios, unificou nacionalmente à educação do País, mas não alterou a formação dos docentes primários e nem trouxe grandes mudanças para o ensino normal, pelo contrário, flexibilizou o currículo do curso. Manteve a formação do regente em nível ginásial e do/a professor/a em nível colegial, acrescentando aos Institutos de educação a possibilidade de habilitar os docentes para ministrar aulas nas escolas normais.

[...] as políticas educacionais em todo Brasil tendiam a optar pela Escola Normal em detrimento aos demais cursos de formação docente. A explicação para este fato pode estar na limitação de recursos para a educação, haja vista que a Escola Normal era anexada a um curso ginásial comum, com o acréscimo de um curso de formação docente que poderia ser oferecido em apenas dois anos, diferentemente das demais opções que demandavam cursos mais específicos e/ou de duração maior (SIMÕES, 2014, p. 57).

Posteriormente, temos novas diretrizes com a Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971, implementada no contexto da Ditadura Militar (1964-1985), que veio para reformular a Lei nº 4.024/1961 e trouxe muitas permanências nas concepções de educação, mas também algumas mudanças. A Lei Federal nº 5.692/1971 previa o mínimo de formação para o exercício do magistério que o/a professor/a das quatro primeiras séries do 1º grau deveria ter, seria a habilitação específica de 2º grau, que equivaleria o curso magistério ou o normal, conforme estipula o artigo 30:

Exigir-se-á como formação mínima para o exercício do magistério:

- a) no ensino de 1º grau, da 1ª à 4ª séries, habilitação específica de 2º grau;
- b) no ensino de 1º grau, da 1ª à 8ª séries, habilitação específica de grau superior, ao nível de graduação, representada por licenciatura de 1º grau obtida em curso de curta duração;
- c) em todo o ensino de 1º e 2º graus, habilitação específica obtida em curso superior de graduação correspondente à licenciatura plena. (BRASIL, 1971).

Nesse contexto, a Escola Normal perde a sua identidade de escola e de curso, e a formação de normalista torna-se apenas uma das variadas possibilidades de habilitações profissionais para os docentes. Ela extingue o chamado regente de nível ginásial, fundindo

o antigo primário com o ginásio, ou seja, reformou o ensino de 1º e 2º graus e estabeleceu o ensino de nível médio profissionalizante que a formação profissional seria dada juntamente com a formação geral. Ou seja, a formação do/a professor/a passou a ser chamado: Habilitação Específica do Magistério (HEM):

Estabeleceu Diretrizes e Bases para o primeiro e o segundo graus, contemplou a escola normal e, no bojo da profissionalização obrigatória adotada para o segundo grau, transformou-a numa das habilitações desse nível de ensino, abolindo de vez a profissionalização antes ministrada em escola de nível ginásial. Assim, a já tradicional escola normal perdia o status de “escola” e, mesmo, de “curso”, diluindo-se numa das muitas habilitações profissionais do ensino de segundo grau, a chamada Habilitação Específica para o Magistério (HEM). Desapareciam os Institutos de Educação e a formação de especialistas e professores para o curso normal passou a ser feita exclusivamente nos cursos de Pedagogia (TANURI, 2000, p. 80).

Vários discursos que já vinham sendo propagados desde o início da década de 1960 continuaram, tais como as críticas referentes à falta de articulação dos níveis de ensino, à separação dos ensinamentos clássico e científico e à falta de um ensino mais profissionalizante agora tiveram maior enfoque.

Surgem então os cursos de Habilitação Específica para o Magistério (HEM), o qual consistia em uma habilitação específica para atuar no ensino de 2º grau. Assim, houve uma mudança no cenário da formação de/das professores/as com o Parecer nº 349/1972 (BRASIL, 1972), que organizou a Habilitação do Magistério em duas modalidades básicas: Uma com a duração de três anos (2.200 horas), que habilitaria a lecionar até a 4ª Série; e outra com a duração de quatro anos (2.900 horas), habilitando ao magistério até a 6ª Série do 1º grau. Além disso, o Parecer nº 349/1972 estabelecia que o currículo apresentasse um Núcleo Comum, obrigatório em âmbito nacional, e uma parte de formação especial, que representasse o mínimo necessário à habilitação profissional (PIMENTA; GONÇALVES; et al, 1992).

Houve, neste bojo, críticas contundentes feitas às HEMs no período, algumas delas eram: à dicotomia entre teoria e prática, entre conteúdo e método, entre núcleo comum e parte profissionalizante; ao desprestígio social do curso; à inadequação dos docentes ao curso, em termos de formação, tendo em vista a inexperiência de muitos deles no Ensino de 1º grau e a necessidade de assumirem várias disciplinas; à insuficiência e à inadequação dos livros didáticos; aos problemas pertinentes à realização do Estágio de Prática de

Ensino (TANURI, 2000). A fim de configurar as condições precárias do exercício do magistério.

Pautando-se nisso, como tentativa de reverter o cenário desfavorável, houve iniciativas governamentais e uma delas ocorreu em 1982, quando foram criados os Centros de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAMs), com o objetivo de revitalização da Escola Normal (SAVIANI, 2009). Esta medida foi implantada visando à garantia do tempo integral dos alunos/as e o trabalho de monitoria nas séries iniciais do ensino fundamental por meio de bolsas (TANURI, 2000). Como salientado também por Pimenta (1995), os CEFAMs se expandiram em número e ofereciam cursos de formação integral, currículos voltados para a formação geral e pedagógica dos docentes, com ênfase nas práticas de ensino.

Vale lembrar que a década de 1980 foi marcada por um panorama político que caminhava rumo à redemocratização do País, depois dos duros anos trazidos pela Ditadura Militar (1964-1985) no qual “cortou, calou, silenciou, matou” (FREITAS; BICCAS, 2014, p. 311) e pela promulgação da nova Constituição Federal Brasileira de 1988. Com efeito, trouxe grandes avanços para o sistema educacional, como o Ensino Fundamental gratuito, obrigatório e a inclusão da Educação Infantil, dentre outros fatos importantes. Quanto as Universidades, Gatti (2010, p. 1357) evidencia que:

No final dos anos de 1930, a partir da formação de bacharéis nas poucas universidades então existentes, acrescenta-se um ano com disciplinas da área de educação para a obtenção da licenciatura, esta dirigida à formação de docentes para o “ensino secundário” [...]. Esse modelo veio se aplicar também ao curso de Pedagogia, regulamentado em 1939, destinado a formar bacharéis especialistas em educação e, complementarmente, professores para as Escolas Normais em nível médio [...]. Quando em 1986, o então Conselho Federal de Educação aprova o Parecer n. 161, sobre a Reformulação do Curso de Pedagogia, que faculta a esses cursos oferecer também formação para a docência de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, o que algumas instituições já vinham fazendo experimentalmente. Foram, sobretudo, as instituições privadas que se adaptaram para oferecer este tipo de formação ao final dos anos de 1980.

É em meio a este cenário de mudanças e adequações que compõem as características de um sistema de ensino ainda de caráter elitista, com a dualidade entre o ensino acadêmico e o profissional, sobretudo a ampliação do ensino particular; Tanuri (2000) nos situa, por meio de alguns dados como estava à procura pelos cursos com habilitações para

o magistério no ano de 1996, ano este em que o curso por nós investigado, estava em seu segundo ano de formação.

Assim, em 1996, havia 5.276 Habilitações Magistério em estabelecimentos de ensino médio, das quais 3.420 em escolas estaduais, 1.152 em escolas particulares, 761 em municipais e 3 federais. Quanto aos cursos de Pedagogia, dados de 1994 indicavam a existência de apenas 337 em todo o país, 239 dos quais de iniciativa particular, 35 federais, 35 estaduais e 28 municipais (TANURI, 2000, p. 85).

Vemos nestes dados um grande índice de oferta dos cursos em nível médio, quanto ao nível superior, eles ocorriam em estabelecimentos particulares. Por conseguinte, após oito anos de tramitação houve a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996, tratando-se de um documento de real importância para uma compreensão a respeito da organização brasileira ao término do século (FREITAS; BICCAS, 2014), uma vez que estabeleceu dois níveis de ensino: a Educação Básica e a Educação Superior.

Definido no artigo 21 da lei, o conceito de Educação seria articulada à Educação Infantil, ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, ampliando, deste modo, os direitos educacionais, dentre outras ações. Similarmente, no que tange a formação docente, as alterações são propostas tanto para as instituições formadoras como para os cursos de formação de professores/as, sendo definido o período de transição para efetivação de sua implantação (GATTI, 2010). Assim, esses centros que proviam formação em nível médio, foram fechando aos poucos e a formação docente foi transferida totalmente para o nível superior.

Tal como a LDBEN (9.394/1996), expressa nos artigos 62 e 63:

Art. 62 – A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em Universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Art. 63 – Os Institutos Superiores de Educação manterão:

I - Cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do Ensino Fundamental;

II - Programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de Educação Superior que queiram se dedicar à educação básica; III -

Programas de educação continuada para profissionais de educação dos diversos níveis (BRASIL, 1996).

Muitos espaços de formação que habilitavam para o magistério e que estavam ativos, com este advento da LDBEN/1996, continuaram com suas atividades, outros foram reduzidos por mais alguns anos. Pois, “a partir da Lei n. 9.394 de 1996, postula-se a formação desses docentes em nível superior, com um prazo de dez anos para esse ajuste” (GATTI, p. 2010, p. 1356). É notório que com esta nova normatização o público foi diminuindo aos poucos, pois agora precisavam de uma formação em nível superior. É nesta conjuntura que se situa o curso de formação de professores/as ofertado pela Escola SEI no período de 1995 a 1998, com uma nova normatização e um período transitório e de adaptações.

1.2 Sobre a História da Educação no estado de Mato Grosso do Sul

Iniciamos este ponto, com a abordagem da divisão do estado, e consideramos que foi uma história marcada por movimentos políticos, sociais, econômicos e culturais amplos. O presidente da época, Ernesto Geisel, assinou em 11 de outubro de 1977 a Lei Complementar nº 31, que decretou o desmembramento¹⁹ de Mato Grosso e criou o Mato Grosso do Sul com a posse do primeiro governador Harry Amorim Costa.

Uma causa que atravessou um século, o separatismo sul-mato-grossense só encontrou solução quando, a 11 de outubro de 1977, o governo Geisel, em pleno regime militar, assinou a lei que incluiu no desenho da bandeira brasileira uma nova estrela: Mato Grosso do Sul [...]. Mas a trajetória transcorrida para que o sul de Mato Grosso se tornasse Mato Grosso do Sul não foi curta nem isenta de percalços (BITTAR, 1997, p. 93-94).

Sendo um dos estados da região Centro-Oeste faz divisa com Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e também com o Paraguai e Bolívia. “Sons, cheiros, sabores e cores se confundem na região Centro-oeste, configurando-se um misto de elementos da cultura indígena, dos migrantes, de bolivianos e paraguaios [...]” (SÁ; QUINTERO, 2015, p. 114).

¹⁹ Para saber mais sobre a história da divisão dos estados MT/MS consultar: Bittar (1997; 1999) e Queiróz (2014).

Segundo o censo do IBGE (2019) a sua área é de 357.145,535²⁰ km², tem uma população aproximada de 2.778.986 pessoas, possui 79 municípios e sua capital é a cidade de Campo Grande, assim como destacado no mapa abaixo:

Mapa 01: Mapa - Estado de Mato Grosso do Sul e estados vizinhos



Fonte: IBGE, 2020.

Neste aspecto, antes da divisão do estado, nas décadas de 1950-1960 as Escolas Normais do Sul de Mato Grosso chegavam a reta final das suas implantações, no entanto em condições precárias. Destaca-se a criação da 1ª Escola Normal de Campo Grande, o Grupo Escolar Joaquim Murтинho²¹ (1930) e a Escola Normal de Aquidauana chamada Jango de Castro²² (1943).

²⁰ Estes dados foram obtidos no site < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/panorama> > Acesso em: 17 jan. 2020.

²¹ Para saber mais ler em: Simões, Caroline (2014) “A formação de professores na Escola Normal Joaquim Murтинho no Sul de Mato Grosso no período de 1930 a 1973”. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²² Para saber mais ler em: Carvalho (2014) “A implantação e consolidação da Escola Normal no Sul de Mato Grosso: Escola Normal Jango de Castro, Aquidauana (1943-1975). Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Logo, o município de Dourados, que está localizada no sul do Estado de Mato Grosso do Sul na região Centro-Oeste. Situa-se aproximadamente a 220 km da capital do estado a cidade Campo Grande, e 120 km da fronteira com o Paraguai. Tem aproximadamente 222.949 habitantes²³ e compreende 4.086,237 km² de área territorial.

O Distrito foi criado com denominação de Dourados pela Lei n.º 658, de 1914, ainda subordinado ao município de Ponta Porã. E depois foi elevado à categoria de município, pelo Decreto n.º 30, de 1935, sendo desmembrado de Ponta Porã. Inicialmente seu crescimento foi lento pelas dificuldades de acesso e a precariedade de recursos, mas chamou atenção devido à qualidade do solo que atraiu várias pessoas de diversas regiões do país (MARQUES; IRALA, 2017).

Este processo migratório que contribuiu para o avanço da cidade Douradense foi marcado pelo movimento de “Marcha para o Oeste” nos anos de 1937 a 1945, instituído no governo de Getúlio Vargas no período do Estado Novo. Segundo Bittar (1997, p. 196) “a campanha Marcha para o Oeste pode ser considerada, como o primeiro movimento nacional que tratava de dar conta da questão sobre a necessidade de ocupação e expansão do território nacional”.

Silva (2016) enfatiza que as Colônias Agrícolas Nacionais (CANs) foram o pilar de sustentação da Marcha para o Oeste, o qual incentivou a migração da população localizada nas regiões consideradas críticas, como o Nordeste para o Centro-Oeste. O incentivo à migração era uma alternativa que atenuaria os conflitos gerados pela pressão populacional existente nas cidades, geraria empregos, ocuparia as áreas de fronteira por brasileiros, dinamizaria a produção agrícola e formaria um mercado de consumo dos produtos industriais.

Estabeleceu-se então a colonização com a implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), pelo Decreto nº 5.941, de 28 de outubro de 1943:

Art. 1º - Fica criada a Colônia Agrícola Nacional-Dourados, no Território Federal de Ponta Porã (C.A.N.D), na região de Dourados, em suas terras a serem demarcadas pela divisão de terras e colonização do Departamento Nacional de Produção Vegetal e Ministério da Agricultura (BRASIL, 1943).

²³ De acordo com o último censo do IBGE/2019. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/dourados/panorama>>. Acesso em: 14. jun. 2019.

A instalação da Colônia propiciou muito trabalho aos colonos que tinham a missão de desbravar, abrir picadas e demarcar os lotes. Porém, como aponta Marques e Irala (2017), a implantação da Colônia não proporcionou apenas expansão demográfica, mas sobretudo transformações econômicas, políticas, culturais e sociais, tendo um processo significativo na educação.

Compreendemos, a partir dos escritos de Furtado e Marques (2013, p. 1), que:

[...] tal desenvolvimento intensificou a expansão da educação escolar no município, com a instalação e regulamentação de escolas primárias, de instituições de ensino secundário, de formação de professores e até mesmo de ensino superior, no final da década de 1960.

Antes da colonização, a educação Douradense caminhava em passos lentos sendo ofertadas em casa pela própria família nas áreas rurais e com os docentes itinerantes, somente a partir de 1930 surgem as primeiras escolas na área urbana na casa dos próprios professores/as em turmas mistas (FERNANDES; FREITAS, 2003). Havia também algumas outras escolas, entretanto eram de iniciativa privada. Em 1946, com o Decreto Municipal nº 70, houve a determinação em ofertar o ensino de “instrução primária” gratuita e obrigatória aos filhos dos colonos. E com os efeitos desta expansão demográfica temos as primeiras escolas de ensino secundário, trazidos pela autora Silva (2013, p. 21), que registra:

As primeiras escolas a oferecer o ensino secundário em Dourados foram instaladas na década de 1950. Em 1954, foi a escola de ensino secundário Ginásio Osvaldo Cruz de Dourados e, em 1958, foram criados os Cursos Ginásial e Normal na Escola Imaculada Conceição. Ainda nesse ano, começou a funcionar a primeira Escola Estadual com oferta do Ginásio, a Escola Estadual Presidente Vargas.

Percebemos a criação de vários estabelecimentos de ensino, tanto de 1º Grau quanto de 2º Grau. Neste bojo, no ano de 1959, a Escola Imaculada Conceição iniciou o curso que contemplava o curso ginásial e o curso Normal, em 1964 foi oferecido o primeiro curso de formação de professores/as primários (MANCINI; SARAT; SILVA, 2007) sendo o primeiro curso de formação de docentes primários na cidade, contudo era de cunho privado com perspectivas cristãs católica. Em seguida, o Colégio Osvaldo Cruz, no ano de 1965, se torna a segunda instituição de ensino de Dourados a oferecer formação de docentes primários (MARQUES; IRALA (2017). Pouco tempo depois, em 1968, é instalado o

primeiro curso de magistério a nível superior no Centro Universitário de Dourados (ROSA, 1990).

Vale lembrar que desde a Constituição Federal Brasileira de 1947 em específico no seu artigo 168, o ensino primário deveria ser obrigatório (FREITAS; BICCAS, 2009). Assim, a formação de professores/as primários em Dourados, na década de 1960, estava composta de duas escolas, e uma delas a nível superior, porém estas ainda não eram suficientes para suprimir a demanda. Deste modo, “a primeira escola de formação de professores de 1ª a 4ª série, da rede pública, somente é instalada em Dourados na década de 1970, quando foi criada a Escola Normal de Dourados anexa ao Centro Educacional Menodora Fialho de Figueiredo” (SILVA, 2013, p. 27). No entanto, apesar do avanço nas instalações das instituições de formação de professores/as:

[...] o que se verificou no Sul de Mato Grosso, mais especificamente no Município de Dourados, foi que essas instituições de ensino não conseguiram atingir os problemas vivenciados pelo município na área da educação, no que diz respeito ao professor primário [...] (PIACENTINI, FURTADO, 2015, p. 75).

Desta forma, o ano de 1971 marca o final do ensino secundário a partir da Lei nº 5.692/71 - reforma do 1º e 2º grau e também pelo Parecer nº 349/72 que dentre as outras normas fixadas, apresenta o magistério como uma habilitação específica do ensino de 2º grau. Posto isto, destacamos que no período entre 1995 e 1998, quando estava sendo ofertado o curso de magistério pela Escola SEI, nosso objeto de estudo, também estavam acontecendo outros cursos de magistério na cidade de Dourados, sendo: dois deles na rede Estadual de Ensino (Escola Menodora Fialho de Figueiredo e Escola Vilmar Vieira de Matos) e um na rede privada de ensino, na Escola Imaculada Conceição, conforme aponta a bibliografia.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Vilmar Vieira de Matos, Escola Estadual de Pré-Escolar e de 1º e 2º Graus Presidente Getúlio Vargas (Distrito de Vila Vargas), Escola Estadual de 1º e 2º Graus Dom Aquino Corrêa (Distrito de Panambi), Escola de Pré-Escolar e de 1º e 2º Graus Dom Bosco (Distrito de Indápolis), Escola de Pré-Escolar e de 1º e 2º Graus Serviço de Educação Integral (SEI) (GRESSLER, 1995, p. 55).

Apresentamos somente algumas informações das instituições de formação de professores/as da cidade de Dourados, recorte temporal desta investigação, pois devido aos limites da pesquisa não apresentaremos dados referentes às instituições dos distritos que fazem parte do município e que também tiveram outras experiências.

A Escola Menodora está situada na Avenida Weimar Gonçalves Torres, nº 3447, Jardim Caramuru. Segundo a direção Colegiada, a história do estabelecimento de ensino começa em 1º de março de 1971, quando o então centro educacional de Dourados passou a denominar-se Escola Estadual de 1º e 2º graus Menodora Fialho de Figueiredo. A instituição foi a primeira escola pública a formar professores/as primários em Dourados, período em que nesta localidade somente se ofereciam cursos de formação em instituições de ensino privadas (FURTADO; MARQUES, 2013).

A Escola Vilmar Vieira de Matos situada na Rua Manoel Rasselem, nº 1450, Jardim Rasselem. Segundo a direção colegiada, a escola foi criada através do Decreto nº. 1.504 de 28 de janeiro de 1982, iniciou suas atividades em 1983, ofertando as séries iniciais do ensino fundamental, e foi gradativamente ampliada até a 8º série. No ano de 1987 a escola foi elevada de nível para oferecer o ensino médio e posteriormente o Curso Magistério, formando professores/as para o ensino de 1ª a 4ª séries.

E a escola particular denominada Escola Franciscana Imaculada Conceição, situada na Rua Firmino Vieira Matos, 1509, Vila Progresso.

A escola “Imaculada”, como é carinhosamente conhecida, passou a existir em Dourados há cerca de cinco décadas, constituindo-se na primeira escola normal para atender a sociedade douradense a partir da Ação Social Franciscana e sua Escola Paroquial Patronato de Menores. A referida instituição instalou-se em Dourados em 9 de fevereiro de 1955 num cenário que envolve história política de expansão, memória e construção sócio identitária (BRAZIL; MANCINI, 2012, p. 124).

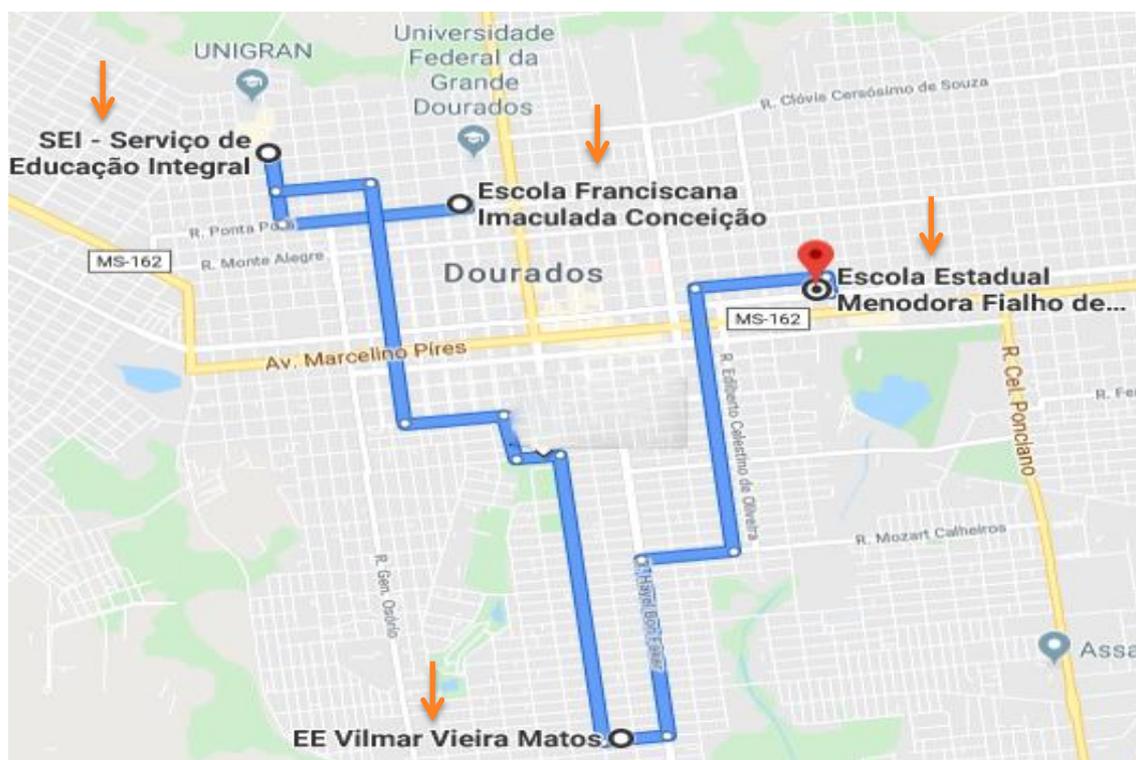
A instituição de ensino tem a sua origem em 1954, quando Dom Orlando Chaves pede Irmãs Religiosas como Filhas de Maria e Cruzada Eucarística para Dourados, com a finalidade de trabalhar na educação, catequese e movimentos religiosos. No dia 09 de fevereiro de 1955, as religiosas chegam e iniciam as matrículas para o curso Primário e Jardim da Infância, na Ação Social Franciscana e Patronato de Menores (ASFPM), iniciaram-se as aulas com 300 alunos/as, número que, no final do mesmo ano letivo, elevou-se para 485. Em 1956, as Irmãs abriram mais uma Escola, recebendo o nome de Patronato de Menores Santo Antônio. Pelo grande número de alunos/as, não foi fácil encontrar professores/as suficientes para atender o Jardim de Infância e o Primário (AMARO, 2018).

Em 1957 iniciou a construção da nova escola paroquial, ao lado da Igreja Matriz, que continuou com o mesmo nome. Em 1959 teve início a Escola Normal no Instituto, no

qual ofertou o Normal Regional (1º grau) com 17 alunas e o Normal Colegial (2º grau), com 06 alunas. No dia 07 de outubro de 1959 houve a construção do IED – Instituto Educacional de Dourados, atual Escola Franciscana Imaculada Conceição e em 1964 iniciaram as aulas para as alunas do curso normal. Em 1969 acontece a inauguração da Escola Imaculada Conceição. Em 1970, a Escola abre matrículas para Jardim da Infância e Primário; e em 1971, a escola começa com turmas mistas no primário e ginásio (AMARO, 2018).

Segue um mapa que nos permite visualizar a distância entre as escolas ofertantes do curso de magistério neste período pesquisado.

Mapa 02: Mapa - Distância entre as escolas ofertantes do curso de magistério na cidade de Dourados - MS (1995-1998)



Fonte: Google Maps²⁴.

Tais informações apontam que as escolas não eram próximas, estavam em um raio de menos de 6 km uma da outra. Dentre elas, a mais próxima da Escola SEI era a Escola Franciscana da Imaculada Conceição, situada a 1,6 km de distância. Quanto aos bairros, a Escola Imaculada Conceição e a Escola SEI estavam situadas em bairros mais nobres e em

²⁴ Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 15. Mai. 2020.

pleno desenvolvimento considerando o período pesquisado. Logo, a Escola Menodora estava em um bairro central e a Escola Vilmar Vieira em uma região conhecida como mais periférica.

Realizamos, para complemento destas informações, algumas visitas a estas escolas apresentadas anteriormente, no intuito de conhecer detalhes dos cursos de magistério ofertados e sobre as turmas formadas entre os anos de 1995 a 1998, período em que a Escola SEI também ofertou o curso. Para tanto, a maioria dessas escolas foi solícita a realização deste mapeamento, entretanto, com outras tivemos maior restrição.

De tal forma que a Escola Menodora Filho de Figueiredo recolheu parcialmente algumas das informações solicitadas e nos passou dias após, via telefone, não permitindo que a pesquisadora estivesse presente ou manuseasse os arquivos. Logo, a Escola Vilmar Vieira de Matos nos deu total abertura e acesso aos documentos e demais informações. E por fim, a Escola Imaculada que nos indicou uma pesquisa já realizada sobre a temática, porém a indicação não comportava a demarcação temporal necessária. Realizamos, então, várias tentativas para agendar uma conversa com a responsável, mas não obtivemos sucesso, o que limitou a pesquisa.

Após este contato anotamos os dados separando-os por escolas, em seguida por anos e turmas para facilitar a compreensão, como podemos ver a seguir.

Tabela 02: Alunos/as formados no Curso de magistério

Escola Vilmar Vieira de Matos				
Série	Ano de 1995	Ano de 1996	Ano de 1997	Ano de 1998
1 ^a	40	38	43	34
2 ^a	37	46	48	64
3 ^a	40	29	35	35
4 ^o	33	39	45	60
Total:	150	152	171	193

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora (2019) - extraído da ata de resultados finais 1995-1998.

A Escola Vilmar ofertou o Curso de habilitação específica de 2^o grau para o magistério da Pré-escola e do ensino de 1^o grau de 1^a a 4^a série no período noturno, estes cursos foram oferecidos entre os anos de 1987 a 2001. Porém, iremos nos ater aos anos de

1995 a 1998 por compreender o recorte desta pesquisa. Podemos inferir que a quantidade de alunos formados na 4ª série pelo curso na Escola Vilmar tornou-se crescente ao passar dos anos, chegando a dobrar o número de formandos em 1998, ano que corresponde a última turma de magistério da Escola SEI. Revela-se ainda que, se observarmos a quantidade de discentes atendidos por ano que em 1995 e 1996, praticamente não houve crescimento, entretanto em 1998 a quantidade de alunas/os passa de 150 para 193, o que nos leva a perceber uma ascensão nas matrículas.

A Escola Menodora Fialho de Figueiredo que, também, ofertou o Curso de habilitação específica de 2º grau para o magistério da Pré-escola e do ensino de 1º grau de 1ª a 4ª série, contudo não colocou à disposição as informações de quantos alunos/as formaram em cada série. Forneceu apenas a quantidade de discentes formados em cada ano e quantas turmas ocorreram por turno. Sendo assim temos:

Tabela 03: Quantitativo de alunos/as aprovados

Escola Menodora Fialho de Figueiredo			
Período	Quantidade	Turmas no	Turmas no período
		período matutino	noturno
1995	80	01	02
1996	70	01	02
1997	59	01	02
1998	66	01	02

Total de alunos/as formados: 275

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora (2019).

Segundo estas informações, a quantidade de turmas em cada ano não foi alterada. Todavia, a quantidade de discentes formados em 1995 diminuiu comparado a 1998. Mas, diante da impossibilidade de recorrer à documentação escolar, recorreremos a uma pesquisa,²⁵ já realizada nesta instituição, sobre o curso de magistério ofertado de 1973 a 2001, a qual destaca: “A Escola formou aproximadamente 1.561 docentes, dentre estes,

²⁵Ler mais em: Maria do Carmo Campos da Silva Silva. Memórias e trajetórias de professores egressos do curso de magistério da Escola Menodora Fialho de Figueiredo em Dourados (1971-2001). Dourados-MS: Dissertação. UFGD, 2013.

930 habilitados para atuar de 1ª a 4ª séries do 1º Grau e 631 habilitados para atuar na Pré-Escola e de 1ª a 4ª séries do 1º grau” (SILVA, 2013, p. 52).

Amaro (2018) aponta que a formação docente na Escola Imaculada Conceição situa-se no ano de 1959, quando ocorreu a implantação dos cursos de Normal Regional e Normal Colegial. Nesse ato, a Escola se intitulou como a primeira escola a trabalhar com a formação de professores/as (Curso Normal) no município de Dourados. Em 1971, com a promulgação da lei educacional nº 5.692, as escolas teriam a obrigatoriedade de criar plano de implantação das exigências da nova lei, e assim o fez. Temos desta forma em 1959, o Normal Regional e Normal Colegial; em 1961, o Ginásio Secundário; e em 1971, o Pré-Primário e Primário da Escola Imaculada. Como apontado, não conseguimos dados sobre os cursos de magistério desta instituição.

A pesquisa nos informa que a cidade de Dourados, no período de 1995-1998, possuía escolas públicas e particulares ofertando curso de magistério na maioria no período noturno. Mesmo com mudanças normativas, referentes a oferta de formação docente, inferimos que os cursos mantiveram seus fluxos de matrículas e formações.

2 A ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL

Neste capítulo destacamos, inicialmente, sobre a História e Memória da Escola Serviço de Educação Integral desde a sua criação, no ano de 1980 até o término do curso em 1998. Em seguida, ressaltamos as motivações e a organização necessária para a criação do Curso de Magistério e a sua efetivação. E ainda, apresentamos o currículo, corpo docente, dentre outros dados que compõem as práticas envolvidas neste curso de formação.

2.1 A História e a Memória da instituição

Antes de abordarmos sobre o curso de magistério, objeto deste estudo. Faz necessário apresentar a escola em que ele se insere, ou seja, a motivação para construção de tal empreendimento, prédios, clientela, serviços ofertados, modo de trabalho, dentre outros elementos que nos situem em que espaço o curso de formação foi criado. Silva (2007) em sua pesquisa, também sobre esta instituição, nos mostra que a Escola SEI passou inicialmente de um sonho pessoal da professora Ezir (proprietária e diretora) para uma instituição concreta:

Eu acho que nasci professora, porque eu lembro que minha mãe costurava e eu pegava a caixinha de botões, que ela tinha uma grande reserva, e ficava botando em fila, dando aula para os botões [...]. Mesmo hoje com a idade que tenho, quando faço um levantamento do que eu gostaria de ser na minha vida, professora é a primeira coisa que aparece [...] quando estou dando aulas mesmo que na igreja, sinto que estou fazendo o que Deus queria e dizendo que me enche de alegria e realização... Eu sou uma professora, não sei se sou uma boa professora, mas sou uma professora por vocação (EZIR, *apud* SILVA, p. 21, 2007).

Além disso, a escola foi criada, também, por uma necessidade econômica. Pois, o casal saiu de São Paulo e veio para Dourados com o objetivo de viver em um sítio que haviam comprado, contudo, infelizmente, a experiência não foi satisfatória, o que levou a professora Ezir retomar seu sonho de menina de ter uma escola, segundo seu relato:

[...] foi daí que partiu a necessidade econômica, e vendo que eu não tinha outra saída, a única coisa que eu sabia mesmo, que eu garantia era ensinar. Então eu podia pegar um grupo, e peguei entre as alunas do Osvaldo Cruz, duas e disse: “vamos lá, vamos fazer”, convidei e fomos começando. Daí deu o SEI (EZIR, *apud* SILVA, p. 21, 2007).

Mas, querer e saber ensinar naquele momento não era o suficiente, era necessário ter ajuda financeira, e essa ajuda viria de seu pai que deu o recurso necessário para o investimento inicial e a criação da escola. Fala esta que corroborou com um trecho do livro organizado pela coordenadora Telma Koller, junto aos discentes da 6ª série do ano de 1989, intitulado “sentindo a vida”, realizado no interior da escola.

[...] o que antes parecia muito longe talvez até inacessível, agora se tornava realidade pelas mãos do pai da Dona Ezir, o Senhor Bomfim que disse: “Minha filha, pode montar sua escola! Tenho algumas economias e juntando tudo dá para o início e depois, Deus proverá”. Mas como seria ela? Seria um recanto onde em primeiro lugar se louvaria ao senhor e em seu nome tudo seria feito. Seria um local onde se procuraria atender ao próximo da melhor forma possível: O serviço deveria ser total. E a educação? Bem, esta estaria envolvendo tudo, entranhada de tal forma, em todas as atividades, que não teria como separá-la e por isso; integral. Daí o nome: Escola Serviço de Educação Integral (SEI) (KOLLER, s/p.,1989).

Esta história, trazida por este fragmento, circula através dos anos nas turmas formadas pela instituição como a história oficial sobre as origens da escola, ou seja, o sonho de menina realizado pelo pai. Neste trecho podemos perceber os primeiros objetivos que a instituição deveria atingir e a explicação do nome da instituição, ou seja, Escola Serviço de Educação Integral. Além de deixar claro que não se tratava de uma escola que atende em tempo integral, mas que forma o indivíduo integralmente. Saviani (2005, p. 28) sobre o conceito de instituição nos apresenta que,

[...] as instituições são criadas para satisfazer determinadas necessidades humanas, isto significa que elas não se constituem como algo pronto e acabado que, uma vez produzido, se manifesta como um objeto que subsiste à ação da qual resultou, mesmo após já concluída e extinta a atividade que o gerou. Não. Para satisfazer necessidades humanas as instituições são criadas como unidades de ação. Constituem se, pois, como um sistema de práticas com seus agentes e com os meios e instrumentos por eles operados tendo em vista as finalidades por elas perseguidas. As instituições são, portanto, necessariamente sociais, tanto na origem, já que determinadas pelas necessidades postas pelas relações entre os homens, como no seu próprio funcionamento, uma vez que se constituem como um conjunto de agentes que travam relações entre si e com a sociedade a que servem.

Desta forma, após definir seus agentes e as práticas com que os instrumentos educacionais seriam aplicados, a Escola SEI iniciou seu atendimento em 1981 recebendo

turmas do Maternal, Jardim, Pré-escola I e II. Em 1988 deu início a expansão do ensino fundamental até a 4ª série sendo de forma gradativa até a 8ª série no ano de 1991. Em seguida, no ano de 1995, ofertaram um curso de habilitação específica de 2º grau para magistério da Pré-escola e do Ensino fundamental de 1º Grau da 1ª a 4ª série, o que durou até o ano de 1998, assunto abordado mais à frente.

Inicialmente o nome desta instituição pesquisada era “Serviço de Educação Integral para Pré-escolar e 1º Grau”. Depois passou a se chamar “Serviço de Educação Integral para Pré-escolar, 1º e 2º graus” e atualmente nomeada como “Serviço de Educação Integral”, chamada popularmente de “SEI”.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (1988), a Escola SEI nos seus primeiros anos de atendimento passou por três endereços e prédios distintos. Sendo o seu 1º endereço no ano de 1980, situado a Rua Ciro Mello, nº 2.236, um lugar adaptado, pois não era espaço próprio e sim um internato do seminário.

Imagem 03: Fachada do primeiro prédio em 1981



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Podemos visualizar um muro baixo com uma faixa escrita o nome da escola, e possivelmente com um convite para a realização das matrículas. Vemos ainda, um ambiente bem arborizado e lá aos fundos a escola como melhor detalhado pela professora Ezir:

Havia um grande salão no início, nós dividimos com eucatex, e fizemos: uma parte secretaria, outra parte era o salão onde a gente fazia abertura, ensinava historinha, cantava, fazia oração e reunião dos pais. No outro prédio por que eram duas casas, o outro prédio nós fizemos as salas de aula [...] (EZIR *apud* SILVA, 2007).

Mas, à medida que o número de estudantes cresceu, surgiu a necessidade de, em 1988, mudar para uma residência, onde seria adaptada à escola. Cujo endereço era na Rua Monte Alegre, nº 2180. Cabe dizer que não foram encontrados registros fotográficos do segundo prédio em que a escola funcionou, encontramos apenas informações de que era uma casa vistosa com dois pavimentos, contendo: um pátio espaçoso, campo, horta, piscina, além de salas próprias para o maternal com parquinho e casa de bonecas. Fechando o ciclo de mudanças, em 1992, a escola foi para a sede própria na atual Rua Balbina de Matos, nº 1895, lugar onde aconteceu o curso de formação.

Imagem 04: Fachada da Escola SEI (1992)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Essa imagem retrata uma escola mais ampla do que as anteriores, com calçadas e gramados verdes, sobretudo com um andar a mais, estendendo a sua capacidade de atendimento. Visualizamos, também, a identificação do nome da escola escrita na parede.

A Escola SEI foi fundada, segundo Ata de criação, no dia cinco de setembro de 1980, em uma reunião na residência do casal Ezir Bomfim Estremera Gutierrez²⁶ e seu esposo Jesus Estremera Gutierrez²⁷, na presença de doze pessoas que tinham o objetivo de criar esta instituição de ensino cujo principal objetivo era o desenvolvimento máximo das potencialidades físicas, intelectuais e morais do educando.

Foi decidida a criação de uma instituição escolar de atendimento inicial específico à faixa etária que corresponde ao nível pré-escolar. Como tal empreendimento correspondia a um antigo desejo da professora Ezir Bomfim, e possuindo as qualificações exigidas por lei, ficou sendo ela a diretora da citada instituição (ATA DE CRIAÇÃO ESCOLA SEI, 1980).

A proposta consistia em oferecer uma educação integral, ou seja, que formasse o indivíduo integralmente, mediante um currículo diferenciado, tendo como eixo norteador a criança, com perspectivas de formação que contemplassem os diferentes campos, fosse de natureza social ou intelectual, reafirmando a filosofia educacional da instituição. Além de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade. Assim,

O processo histórico de institucionalização da escola compreende uma complexificação crescente nos planos material e organizacional. A cultura escolar, suas bases normativas, culturais, organizacionais, metodológicas, relacionais [...] as institucionais educativas constituem realidades em constante transformação [...] inseridas em contextos geográficos e em tempos históricos marcados por fatores de natureza sociocultural, numa conjuntura e circunstâncias históricas (MAGALHÃES, 2004, p. 69).

Contudo, enfatizamos, neste contexto, que a escola nasceu na década de 80 do século XX, década de grande efervescência política no Brasil com a ditadura militar²⁸, o movimento Diretas já²⁹, o fim da ditadura, e a promulgação da Constituição Brasileira³⁰ que está em vigor até os dias atuais. A sua abertura foi neste cenário e tem funcionado até os dias atuais, formando gerações no município de Dourados.

Faz necessário abordar alguns elementos da sua trajetória enquanto instituição, pois “compreender e explicar a realidade” histórica de uma instituição é integrá-la no modo

²⁶ Formada em Magistério (1951) e em Psicologia educacional. Lecionava como professora.

²⁷ Formado em Pedagogia.

²⁸ A ditadura militar no Brasil foi o regime instaurado em 1 de abril de 1964 e durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares.

²⁹ As “Diretas Já” foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido entre 1983 e 1984.

³⁰ A Constituição da República Federativa do Brasil foi aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte em 22 de setembro de 1988 e promulgada em 5 de outubro de 1988.

mais amplo do sistema educativo, nos contextos e circunstâncias históricas em uma região, contextos políticos e territoriais (MAGALHÃES, 2004, p. 133) e, para isso, teremos como referência o Projeto Político Pedagógico de 2015, ainda em uso, documentos legais e dois³¹ livros elaborados pela Escola, no projeto - contando nossa história. Para que consigamos compreender o curso pesquisado, torna-se de grande relevância conhecer a instituição escolar na sua materialidade e nos seus vários aspectos:

[...] o contexto histórico e as circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola; seu processo evolutivo: origens, apogeu e situação atual; a vida da escola; o edifício escolar: organização do espaço, estilo, acabamento, implantação, reformas e eventuais descaracterizações; os alunos: origem social, destino profissional e suas organizações; os professores e administradores: origem, formação, atuação e organização; os saberes: currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos de ensino; as normas disciplinares: regimentos, organização do poder, burocracia, prêmios e castigos; os eventos: festas, exposições, desfiles (NOSELLA; BUFFA, 2013, p. 16).

Deste modo, as primeiras matrículas foram abertas a partir de 15 de dezembro de 1980 e neste ano as atenções estavam voltadas para: a montagem da escola, realizar a escolha e organização do local, documentação, aquisição de materiais, organização da metodologia, formação do grupo de trabalho, dentre outros elementos. E, após estes trabalhos, no dia 15 de dezembro de 1980 deram início as matrículas. A primeira aluna matriculada foi Raissa dos Reis Balaniúc as primeiras professoras Ester Alves dos Santos, Maura Nasser e Mercia.

As aulas iniciaram no dia 16 de fevereiro de 1981. Neste ano ficou caracterizada a filosofia da escola: uma orientação firme, preocupada com a formação integral do aluno, buscando desvendar-lhes suas potencialidades por meio das múltiplas atividades e ensino voltado para uma educação Cristã. Os documentos e informações encontradas durante o curso da pesquisa nos apontam que neste primeiro ano de funcionamento da escola houve 156 alunos/as. A fim de pontuar sobre este fato, fizemos uso de algumas fotografias encontradas no arquivo da instituição, as quais aqui, uma delas está identificada como “primeiros alunos”, desta forma “[...] o historiador deve fazer dialogar com o documento fotográfico com demais fontes disponíveis sobre o período” (VIDAL e ABDALA, 2005).

Podemos perceber na fotografia a seguir, que as pessoas estão posicionadas nas dependências do primeiro prédio situado a Rua Ciro Mello, nº 2.236. Uma foto que foi

³¹ Organizado pelos alunos/as da 6º série do ano de 1989 e pelos alunos/as da 8º série de 1996, com auxílio da professora de Português Telma Koller hoje secretária da escola.

organizada com intuito de ser registrada, pois os/as alunos/as estão posicionados em ordem, aparentemente por idade, sendo os menores embaixo sentados e os maiores a cima em pé. Pela imagem dá-se entender que ainda não havia o uniforme da instituição, pois cada um está com um tipo de vestimenta. Há, ainda, uma tentativa de manter a ordem para capturar a imagem, porém é possível notar uma criança correndo e outras um pouco dispersas.

Imagem 05: Primeiros alunos/as da Escola SEI



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Neste primeiro ano de funcionamento da instituição, os muros da escola serviam de telas para as obras retratando as mãos de todos os alunos, um muro cheio de mãozinhas coloridas. Como podemos observar, na foto a seguir, temos uma imagem que aparentemente foi capturada no intuito de registrar tal atividade, talvez tirada pela professora ou algum funcionário da instituição. Vemos meninos e meninas uniformizados, em frente ao muro da instituição, eles colocam suas mãos na parede branca com o intuito de deixar uma pintura que possivelmente antes deste registro passaram tinta nas mãos. As crianças estão todas posicionadas uma ao lado da outra, em ordem, e pela posição no qual a foto foi tirada, podemos inferir que havia mais crianças fazendo está atividade. Tal atividade ficou conhecida na cidade de Dourados como “a escola das mãozinhas”.

Imagem 06: Crianças pintando o muro da Escola



Fonte: Arquivo Escola SEI.

Foi neste ano, de 1981, que iniciou também a aula especial de artes, chamada de “parede mágica” até hoje ativa na escola. Uma atividade oferecida para a turma infantil cuja base é uma parede azulejada, onde as crianças recebem as tintas e ali elas pintam e se divertem. Como mostrado na imagem a seguir, as crianças têm liberdade para desenhar e se expressar com as tintas, sem medo de se sujar. Vemos nesta fotografia, as crianças posicionadas de frente para a câmera a fim de que a foto seja tirada, cujo intuito é o de mostrar o resultado da aula, sobretudo crianças envoltas de tinta e a parede aos fundos com seus desenhos. As professoras também aparecem na fotografia. Outro aspecto que podemos evidenciar é a altura dos azulejos, facilitando o alcance das crianças. Além do uso de uma única cor de tinta.

Imagem 07: Aula na parede mágica (1981)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Estas imagens nos auxiliam a compreender como foi este primeiro ano da instituição, além de confirmar tais atividades desenvolvidas. Como destacado por Vidal e Abdala (2005, p. 178) “a importância da fotografia como fonte para a história e a história da educação residiria nesse seu dom de permitir visualizar o ontem e o outro em seus contornos da verdade”. Ou seja, nunca saberemos, de fato, em que contexto a imagem foi capturada, nem o que se passava com certeza, mas nos permite ter uma ideia e dialogar com outras fontes, tais como: os documentos institucionais e relatos orais.

Uma das primeiras festas realizadas na Escola SEI foi a comemoração da páscoa, como registrado nesta foto de 1982. Verificamos nela várias crianças da Educação Infantil, em pé, com uniformes e adereços de coelhos nas cabeças, elas estão no espaço de um pátio da escola, onde vemos as janelas do espaço interno e alguns cartazes comemorativos. Vemos, ainda, a presença de adultos ao fundo. Ao olharmos a reação das crianças, estampada em seus rostos, sentimos curiosidade de saber o que havia em sua frente para tal animação. Mas, este é o limite e o efeito que existem nas fotografias em que “várias vezes nos vemos tomados pelo prazer de vagar o olhar em imagens que não possuem qualquer marca da nossa presença, como fotografias de uma festa do qual não participamos ou retratos de lugares pelos quais jamais passamos” (VIDAL e ABDALA, p. 178, 2005).

Imagem 08: Festa da páscoa na Escola SEI (1982)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Em 1981 aconteceu a primeira formatura do Pré-escolar, evento que se tornou tradição até os dias atuais. Na foto percebemos os alunos um ao lado do outro, em cima de uma arquibancada, todos com trajes de formatura, provavelmente aguardando o início da cerimônia enquanto a professora os organiza.

Imagem 09: Formatura do Pré-escolar



Fonte: Arquivo Escola SEI

Na formatura da 2ª turma do Pré-Escolar, no ano de 1982, houve uma novidade, a professora Ezir escreveu o hino da instituição, denominado de “SEI”, e todos cantaram a seguinte letra:

Cantar feliz meu canto de amor – SEI
Pintar um barco, um sol, uma flor – SEI
Brincar na areia vendo a tia
Que me olha com atenção
Me dá prazer igual ao que sinto
Quando faço a lição
Me balançar pra lá e pra cá – SEI
No gira-gira alegre rodar – SEI
Com meu amigo logo aprender
Que é vantajoso repartir
E que é bom aprender a ler
Que é bom também saber escrever
Que é muito bom viver e sorrir
Ouvir atento o que a tia diz – SEI
Participar de um lanche feliz – SEI
Pular na água de uma piscina
Toda feita para mim
Ter a certeza que Deus me ama
Ele mesmo diz assim (EZIR,1982).

Vemos neste hino da instituição, criado pela diretora e proprietária, a intenção em demonstrar que as crianças desta escola são felizes e suas atividades são prazerosas, é notório também, ao realizar a leitura deste, um incentivo pela vida bem vivida e feliz. Nos chama a atenção a forma que os alunos tratam a professora ao chamá-la de “tia”, numa clara referência ao aspecto afetivo o que é alvo de muitas críticas por algumas linhas pedagógicas que fazem a opção de tratar as docentes pelo nome ou por professora. E por fim, lemos no hino a afirmação de que “Deus as ama”, característica de uma instituição com uma concepção cristã, representada pela confissão religiosa da família proprietária da escola, embora não seja uma escola confessional e religiosa.

Em 1982 começou a implantação do 1º grau de modo gradativo, já tendo turmas da 1º série. Aconteceu neste ano a primeira quadrilha no encerramento do 1º semestre, atividade que se tornou tradição até os dias atuais. Na foto, a seguir, percebemos uma apresentação em roda ao centro com as crianças com vestes caipiras e algumas professoras

auxiliando. É possível notar que os pais estão assistindo, além do ambiente amplo, com gramado e decoração de quadrilhas.

Imagem 10: Uma das primeiras quadrilhas na Escola



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Neste mesmo ano aconteceu a formatura da 3ª turma da pré-escola, e a ocasião ficou marcada pela música criada pela professora Ezir tornando-se um símbolo da escola:

Adeus prézinho

*Foi muito bom estar aqui
O tempo voa
Passou correndo e eu não senti
Os meus amigos
Minhas tarefas
Os bons momentos
Que vivi aqui no SEI
Por toda vida
Vou recordar o que aprendi
Das minhas tias
De quem carinho recebi
Tenho certeza que me lembrarei
E a Deus por isso louvarei
Meu prézinho
Ilusão, realidade
E amor
Crescimento, amizade*

*Vida em flor
Mamãe, papai
Foi uma etapa que venci
E com vocês e por vocês eu consegui
Tenho certeza que sempre assim
Terei vocês pensando e acreditando em mim*
(Adeus prézinho, Ezir Gutierre, 1982).

Esta canção, possivelmente, tem a intenção de dar um adeus à fase escolar Pré-escolar, aponta os avanços e sentimentos deste período na vida da criança, e o agradecimento às “tias”, aos pais e louvares a Deus, os quais sempre estão presentes nos hinos da instituição e em suas práticas. Em 1984 houve a criação do Coral, semanalmente, sob orientação da professora Graciela Chamorro e depois pela professora Maria Cleuza Porfirio Carneiro, traz músicas folclóricas e religiosas em seu repertório. Segue a foto de um dos momentos da apresentação dos/das alunos/as, após vários ensaios.

Imagem 11: Alunos/as na apresentação do Coral



Fonte: Silva (2019).

A instituição pesquisada forma gerações que passa de pais para filhos, pois aqueles que passaram pela escola, atualmente retornam com seus rebentos, perpetuam os laços com a instituição e assim fazem com que, “a história da escola não é a história uniforme no

tempo e no espaço. Ocorre desde os aspectos organizacionais até os pedagógicos, numa complexa malha de relações” (MAGALHÃES, 2004, p. 124).

Este retorno à escola é, em grande parte, vivenciada de forma positiva nos eventos e projetos que acontecem anualmente ao longo dos anos em seu calendário, eventos clássicos e esperados por todos como forma de manter viva a tradição destes ritos escolares. Já que este é a rememoração perene do que aconteceu numa primeira vez e que volta a acontecer, graças ao ritual que separa a distância entre o passado e o presente (ALMEIDA 2017). Eventos estes que os pais celebram com nostalgia lembrando os seus tempos de alunos nesta mesma escola, pois “a instituição educativa é local, tradição, representação, contexto, materialidade e apropriação” (MAGALHÃES, 2004, p. 67).

Os eventos por nós apresentados são apenas alguns que a Escola SEI criou e deu sequência ao longo dos anos, são eventos esperados e de grande prestígio pela comunidade escolar, demonstrando que “ há um rito no educacional escolar que a escola comporta e a que dá sequência e significado” (MAGALHÃES, 2017, p. 715).

Seu público alvo são alunos cujos pais/responsáveis pertencentes a diferentes setores trabalhistas, no entanto com condições financeiras que permitem, ou pessoas que priorizam, o investimento em educação por meio do pagamento à escola. Magalhães (2004, p. 67) aponta que “a história das instituições educativas é um campo de investigação, em que a instituição e a educação se articulam por ações do sujeito”. Ao analisarmos os registros das matrículas da escola encontramos profissões relacionadas às famílias como, por exemplo: motoristas, vendedores/as, lavradores/as, professores/as, funcionários públicos, pequenos/as empresários/as, artesãos, militares, religiosos/as entre outras. Estes são provenientes de vários pontos da cidade, de alguns distritos e de cidades vizinhas. Fazem parte do quadro discente vários bolsistas.

A filosofia da escola é calcada em princípios cristãos, como apontado na documentação “formar cidadãos críticos e tementes a Deus”. Ela não se apresenta como uma instituição confessional, mas ensina os princípios cristãos, mesmo recebendo alunos de diversas crenças.

Em 1995, a escola passou a contar com o curso de habilitação específica para o magistério da Pré-escola do ensino de 1º grau de 1ª a 4ª série. Neste primeiro ano de curso houve nove alunos sendo eles: Alesandro, Ana, Janaina, Luciana, Paula, Silvia, Tatiana, Tatiane e Mirela. Além disto, as coordenadoras da escola foram participar de formações

que aconteciam na Escola da Vila³², em São Paulo, onde receberam orientações pedagógicas para desenvolver trabalhos dentro de uma perspectiva construtivista, mas o mesmo não durou muito tempo, pois retornou para a Tendência Pedagógica Tradicional a qual os orientavam no início e que seguem até hoje como ressaltado pela professora Ezir.

O famoso construtivismo tem coisas ótimas e tem coisas que não são adequadas. Muito melhor você ir para o tradicional. Eu acho que o nosso discernimento de professor, é que deve saber, a minha turma precisa mais disso, mais daquilo, e você adequar o seu ensino aquela realidade (Ezir *apud* Silva, 2007, p. 37).

Foi por esta perspectiva de ensino, pautada na experimentação e no diálogo entre diferentes teorias, que a Escola SEI permeou suas ações ao longo da sua trajetória compondo uma identidade própria, como diz Oliveira e Junior (2002 p. 75):

No seu percurso histórico, uma instituição educativa como totalidade a ser construída, sistematicamente compõe sua própria identidade. Nessa composição, ela produz sua cultura escolar, que vai desde a história do fazer escolar, práticas e condutas, até os conteúdos, inseridos num contexto histórico que realiza os fins do ensino e produz pessoas.

A escola, pelo o que revelado na documentação, caminhou para um crescimento no número das matrículas desde a sua inauguração. Portanto, segundo o livro de matrículas da instituição no ano de criação do curso de formação de professores/as, havia as seguintes turmas matriculadas na instituição:

Tabela 04: Quantidade de alunos/as matriculados (1980-1995)

Ano	Quantidade de alunos
1981	156
1982	272
1983	308
1984	440
1985	507

³² A Escola da Vila é uma escola privada e pioneira no ensino construtivista no Brasil criada em 1980, com o objetivo de educar crianças de 2 a 6 anos e formar professores através de seu Centro de Formação onde são organizadas as ações de capacitação internas e externas (cursos e seminários abertos a profissionais de outras instituições). As ações de seu Centro de Formação ampliaram-se para além dos limites da cidade de São Paulo e, hoje, a Escola da Vila se transformou em um importante centro de referência nacional. Disponível em: <<https://www.escoladavila.com.br/>>. Acesso em: 01.mar.2021.

1986	572
1987	727
1988	735
1989	693
1990	703
1991	819
1992	705
1993	647
1994	643
1995	655
Total:	8.582 alunos/as

Fonte: Livros de matrículas - Escola SEI.

Cada série apresentada nesta tabela correspondia a duas salas de alunos, por exemplo, a 1º série tinha ao todo 86 crianças, sendo aproximadamente 43 alunos em cada sala de aula. Podemos inferir, deste modo, que a Escola estava em ascensão, com um público razoavelmente grande no ano de 1995, passando a margem de 700 alunos matriculados. O que pode ter incentivado a expansão dos níveis de ensino, passando a ofertar deste modo, o curso de habilitação específica de 2º Grau para Magistério da Pré-Escola e do Ensino de 1º grau da 1ª a 4ª série.

2.2 A criação do curso de magistério na Escola SEI

A ata de criação, assinada no dia 15 de agosto de 1994, às 17:00 horas nas dependências da escola³³, com a presença de seis pessoas³⁴ informa que:

Foi realizada uma reunião com a finalidade de criar o curso de magistério, visando atender à clientela escolar de 2º grau com um ensino altamente qualificado. Como tal empreendimento corresponde a um antigo desejo da professora Ezir Bomfim E. Gutierre coube-lhe a incumbência de selecionar pessoal competente para assessora-la nos vários setores pedagógico-administrativos. Foram feitos em seguida, vários planejamentos quanto a localização, horários e currículo, todos visando o funcionamento de um curso que atenda de forma eficiente à

³³ Estava neste período situada no atual endereço: Rua Balbina de Matos nº 1875.

³⁴ Na seguinte ordem: Mauro Henrique Bomfim Gutierre; Fábio Luis Bomfim Gutierre; Jesus Estremera Gutierre; Ezir Bomfim Gutierre; Elizabeth Maria Cuoco Gutierre e Telma Koller.

população da cidade, tendo como principal objetivo o desenvolvimento máximo das potencialidades físicas, intelectuais e morais do futuro educador, ficando resolvido também que doravante a escola passa a denominar-se ‘Serviço de Educação Integral para Pré-escolar, 1º e 2º graus’.

Fica evidenciado, neste documento, a criação do curso e a organização necessária para que o mesmo pudesse acontecer, tal como a explicitação do objetivo que norteou todo o processo de formação, sendo estes: o desenvolvimento máximo das potencialidades físicas, intelectuais e morais do futuro educador. Esta é a informação das atas, no entanto, também fomos para os relatos orais e as memórias das pessoas que fizeram parte desta história. A partir do relato da professora Nize podemos compreender uma outra abordagem sobre as motivações para a criação do curso que ela expressa ao dizer:

Eu decidi levar minha filha Janaina (no 3º ano do primário) e a Inajara (no 2º ano) para a Escola SEI. Lá tudo o que a tia Ezir fazia as minhas filhas participavam. Assim de tanto encontrar com a tia Ezir nós ficamos amigas e eu sempre admirando muito a postura dela como educadora e administradora. Então, sempre que me encontrava com ela nós conversávamos sobre o nosso passado, quando fizemos o magistério e lembrávamos das nossas aulas. Eu fui diretora de uma Escola Normal no Paraná e professora de didática em Curitiba no Colégio Divina Providência um colégio de magistério para meninas. A gente lembrava muito tudo isso. Como eu tinham boas lembranças a Ezir também, tanto do magistério que fizemos, quanto do magistério que demos aula. Então pensamos: Como seria bom fundar uma escola de magistério! Ficamos com esse sonho, de ter um curso que pudéssemos fazer do nosso jeito! Quando minha filha Janaína terminou a 8º série no SEI, ela não queria sair da escola de jeito nenhum, então a Ezir resolveu fundar uma escola de magistério que durou quatro anos (NIZE, 2020).

Percebemos no relato que o desejo de criar o curso partiu primeiramente de um conjunto das experiências docentes que as professoras Nize e Ezir adquiriram ao longo da vida. Ambas foram formadas no magistério e a professora Nize teve uma ampla experiência docente. Como ela nos conta:

Fui professora aos 14 anos em uma fazenda que chamava Nossa Senhora Aparecida. Eu ia e ficava a semana toda lá e só voltava no final de semana. Depois eu fui morar. O dono da fazenda construiu uma casinha para eu morar com minha mãe. Eu adorava ensinar, tinha aluno mais velho do que eu (risos) [...] toda vida adorei o magistério. Principalmente a fase de alfabetização. Aos 16 anos eu fui para a cidade dar aula em um bairro na Vila Almeida em Ribeirão do Pinhal. Aos 18 anos fui nomeada pelo estado, para dar aula no Grupo Escolar Marcelino Nogueira. Me

lembro que foi a fase mais gostosa, por que eu tinha uma sala enorme, com 40 alunos, sempre gostei de ter muitos alunos (NIZE, 2020).

Ao relatar sua experiência docente a professora conta com detalhes sobre os modos e as estratégias que utilizava em sala de aula para conseguir alfabetizar e ter a atenção dos alunos para seus conteúdos, apontou os passos da sua trajetória, as salas e turmas pelas quais passou, e nos diz:

Eu ensinava sempre por meio de historinhas, versinhos e desenhos no quadro. Tinha dois quadros negro, em um eu deixava registrado as sílabas que estávamos estudando com o desenho daquela sílaba na frente, para eles olharem e recordarem. Eu contava todo dia uma historinha antes de começar a aula, referente ao desenho que estava na cartilha. Ia inventando a história e contando, igual uma novela. Eu adorava! [...] nesta época eu só tinha até a 4ª série. Então eu fui estudando e dando aula. Fiz um curso que chamava Normal Regional, equivalente a 5ª e 8ª série [...] quando eu terminei já era casada e tinha dois filhos. Fui fazer o Magistério, equivalente ao ensino médio. Depois eu fui ser diretora de uma Escola Normal que foi muito bom também, mas não tão bom como alfabetizar. Em seguida, eu fui fazer a faculdade de Pedagogia em uma cidade próxima (NIZE, 2020).

A professora Nize expressa, no seu relato, seu amor pela docência e fala com emoção especial sobre a alfabetização, pois desde muito nova esteve imersa na carreira docente, e lecionou por muitos anos, estando na área da educação em diferentes níveis como professora, diretora, gestora, trabalhou até a sua aposentadoria. Deste modo, a criação do curso de magistério da Escola SEI partiu destas motivações pessoais decorrentes das experiências no ensino, mas também pelo desejo de criar um curso no qual elas pudessem fazer “do jeito delas”, como ela aponta na fala já mencionada, quase que um curso elaborado de modo autoral, pois,

[...] se uma pessoa ensina durante trinta anos, ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de si mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional. Em suma, com o passar do tempo, ela tornou-se aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros – um professor, com sua cultura, seu éthos, suas ideias, suas funções, seus interesses etc. (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 210).

Nos relatos percebemos tais aspectos dessa existência docente intensa e carregada de significado, e assim ao retornarmos as atas verificamos que após 15 dias desta reunião da criação do curso, houve a elaboração do processo de solicitação à Secretaria de Estado

de Educação (SED, 1994), no qual nele consta a seguinte justificativa para abertura do curso. Tendo em vista:

- 1) A desvalorização da carreira de professor, tanto pela sociedade, como pelos poderes constituídos;
- 2) Que esta desvalorização vem apoiada na acomodação quanto á aquisição e aprofundamento de conhecimento por parte de uma grande parcela destes profissionais;
- 3) Que na Grande Dourados, inexistente oferecimento, em escola da rede particular de ensino, do curso de magistério;
- 4) E que há uma busca continua pelo mesmo, nos propomos a implanta-lo com o objetivo de resgatar os conhecimentos básicos necessários a formação do educador, onde ele saiba que só se modificam comportamentos e se conduz uma aprendizagem produtiva, quando realmente se sabe o que quer.

Nas justificativas para a criação do curso percebemos que inicia tratando da desvalorização docente, e que a mesma se dá devido à falta de conhecimentos por parte dos profissionais, alegando certo grau de acomodação. Em seguida, no item (2), diz que não existe escola da rede particular de ensino, no entanto, a Escola Imaculada Conceição já estava ofertando curso no período. Além disso, um argumento que também consta neste relatório é que existiam apenas duas escolas oferecendo a habilitação para o magistério na cidade de Dourados, sendo uma pública e uma particular, o que contradiz a justificativa neste aspecto. A partir dos dados encontrados na pesquisa e apresentados previamente, existiam duas escolas públicas e uma escola particular, nessa ordem: Escola Vilmar Vieira de Matos, Escola Menodora Fialho de Figueiredo e Escola Imaculada Conceição. E por fim, encerram as justificativas afirmando que existe uma demanda contínua pelo referido curso. Neste aspecto, nos perguntamos, por que houve uma única turma de 12 alunos inicialmente? Um número que demonstra uma demanda baixa de matrículas.

Neste processo apresentado, a SED/MS consta um relatório que nos informa sobre as condições físicas da instituição naquele período, aponta que a mesma estaria passando por reformas, tendo como fim a ampliação dos espaços, já que após algumas mudanças de prédios a instituição estava neste ano de 1995 em prédio próprio e em expansão.

Sobre as pretensões do curso estas seriam: “motivar cada aluno a gostar de ensinar, saber como ensinar e conhecer o que vai ensinar, crendo que desta forma estariam contribuindo para o resgate da credibilidade do professor na sociedade” (SED/MS, 1994). O que afirma novamente que o motivo para a desvalorização da profissão docente se dá pela falta de conhecimento dos profissionais e que a criação deste curso estaria contribuindo para este resgate credibilidade. Entre os motivos que levariam a instituição

particular a preocupar-se com a credibilidade da docência na sociedade se devesse à formação da professora Ezir e ao carisma pela docência, já manifestado em suas falas.

Mas, possivelmente não seja uma preocupação com o resgate da credibilidade e sim a necessidade de formar professores/as no estilo da Escola SEI, ou para que estes profissionais fossem trabalhar na instituição após a formação de acordo com seus padrões de aceitabilidade. Neste processo, encontramos plano de implantação do curso no qual descreve que:

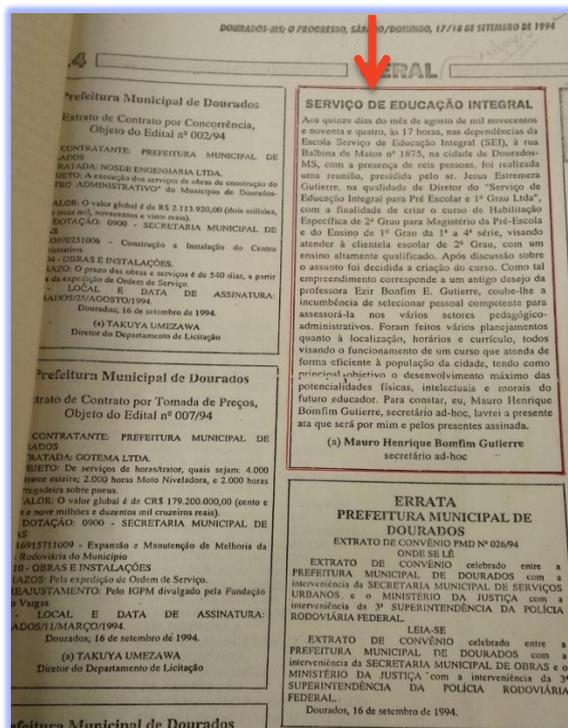
O curso a ser oferecido constará de 4 séries, com implantação gradativa a partir da 1ª série, no turno diurno, período matutino, numa única turma de no máximo 40 alunos. Os professores que atuarão no 2º grau são todos habilitados, e os credenciados por este núcleo foi para o período de 2 anos, com orientação que os mesmos devem providenciar o registro junto ao órgão competente (SED/MS, 1994).

Em outras palavras, o intuito da direção ao lançar este curso era que a cada ano fosse implantada mais uma turma, e, pelo visto, acreditavam que ele seria bem procurado, quando consideraram ter no máximo 40 alunos por sala. Após isto, no dia 19 de maio de 1995, publicou-se no Diário Oficial nº 4038, página 05, a Deliberação do Conselho Estadual de Educação no qual:

Autoriza o funcionamento do ensino de 2º grau – habilitação específica de 2º grau para o magistério da Pré-escola e do ensino de 1º grau de 1ª a 4ª série, a partir de 1995, do Serviço de Educação Integral para Pré-escola, 1º e 2º graus, com sede em Dourados/MS.

Assim, a Escola SEI, agora legalizada para a criação do curso, fixou uma faixa em frente ao seu prédio anunciando a abertura para ingresso de novos alunos com o convite “matrículas abertas para o curso de magistério” e publicou uma nota no jornal municipal - O progresso 17/18 de setembro de 1994, sendo o conteúdo do texto o mesmo que constava na ata.

Imagem 12: Publicação da abertura do curso



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Com a proposta aprovada e legalizada o curso inicia com três professoras que foram fundamentais para sua realização inicialmente, sendo estas a professora Ezir Gutierre diretora da instituição, a professora Nize Souza Bianchi e a professora Maria Marques Paz que eram as coordenadoras, segundo um relato: “[...] a tia Ezir, Nize e Maria idealizaram o curso e montaram. Elas não recebiam salário por este trabalho, por que a turma ficou muito pequena e tinha mais despesas do que lucros, a mensalidade dos alunos não pagava a folha dos professores” (TATIANE, 2019). As docentes seguiram com o curso, mesmo quando a escola já não conseguia remunerar o ofício, atuando como coordenadoras e professoras.

Alguns alunos matriculados no curso já estavam estudando anteriormente na escola dando apenas continuidade, como é o caso de Alesandro, Luciana e Janaina. Em entrevista realizada com um destes ex-alunos ele, Alesandro, nos conta:

Minha mãe era professora e coordenadora do SEI. Em 1993 nós estudávamos em uma escola estadual e naquele ano, a rede entrou em greve. Então a tia Ezir perguntou: Lurdinha você tem dois filhos e onde eles estudam? Minha mãe respondeu, no Floriano Viegas, mas estão em greve. Ela falou: Não, traz seus meninos para cá! Minha mãe disse que

não tinha condições de manter-nos. A tia Ezir respondeu: Eu disse para você trazê-los, não falei as condições. Traga-os! Minha mãe entendeu o recado. Eu e meu irmão chegamos em 1993 eu na 7ª série e meu irmão na 6ª série (ALESANDRO, 2019).

O discente Alesandro e seu irmão foram bolsistas na instituição, pois a escola SEI tinha a política de conceder bolsas aos filhos dos docentes. Assim, uma vez que sua mãe, Maria de Lourdes, ingressa como professora e futuramente como coordenadora, eles saem da escola pública para a escola privada e lá ficam até o curso de magistério. Outra egressa entrevistada na pesquisa relata:

Eu sou do SEI desde o início, fiz tudo lá! Comecei junto com o SEI e estudei a vida toda. Minha mãe era amiga da tia Ezir antes mesmo dela abrir a escola... eu nasci e alguns anos depois o SEI surgiu. Eu entrei na escola e fui até o magistério. Além disso, trabalhei como auxiliar na secretaria enquanto fiz magistério. Tive todo esse vínculo dentro da escola (LUCIANA, 2019).

A aluna Luciana conta que teve sua vida escolar inteira ligada à escola, onde ingressou ainda criança, em virtude do contato pessoal da sua mãe com a professora Ezir e ali permaneceu até o curso de magistério. Luciana ainda fez estágio na instituição como auxiliar na secretaria administrativa.

E Janaína também chegou na escola SEI durante a sua infância, como ela mesma retrata, com base na fala da sua mãe, foi uma das pessoas que esteve no cerne da motivação de abrir o curso de magistério:

Fui pequena para lá, eu tinha 9 anos quando cheguei no SEI. Eu já tinha passado por uma experiência anterior de escola pública, pois como a minha mãe era a chefe da Secretaria de Educação em Dourados, ela apostava muito no ensino público, e queria que as filhas tivessem tal experiência. Eu estudei no Castro Alves e foi maravilhoso! Me serviu muito até mesmo para entender algumas coisas hoje. A minha mãe com o conhecimento dela, elegeu o SEI como a escola que ela gostaria de formar as filhas, por que confiava muito no trabalho da tia Ezir. Eu fiquei muito tempo inserida naquele movimento humano, de sensibilidade, delicadeza este trajeto marca a minha escolha pela psicanálise (choro) [...] O SEI me deu essa condição de pensar, de ser eu e desenvolver um estilo de estar no mundo! Por que hoje as pessoas já não sabem mais quem elas são. O SEI nunca tentou se encaixar em um padrão, ele era uma outra coisa comparado as outras escolas (JANAINA, 2020).

Janaina comenta que devido à profissão de sua mãe que na época trabalhava na Agência Regional de Educação em Dourados, ela possuía um conhecimento muito grande

sobre as instituições de ensino da cidade, assim escolheu a escola SEI para a formação das filhas. Portanto, após passarem pela experiência da escola pública elas ingressaram na Escola SEI. Neste bojo, Janaina evidencia a escola como ponto importante e fundamental no seu crescimento pessoal e profissional, tanto que saiu do curso decidida a cursar psicanálise, o que resultou no discernimento da sua profissão obtido em especial nas aulas de psicologia:

Neste magistério foi a partir das aulas de psicologia com a tia Ezir que houve o meu chamado para exercer a psicanálise. A aula dela não era uma aula teórica, era abstrata, ela se emocionava, ela se trazia ali de forma muito intensa, não sei nem explicar, era indescritível. Ela sempre falou muito em Deus, era algo transcendente, uma marca dela. Lembro de filmes e histórias que sempre tinham uma mensagem reflexiva. Eu tinha 14 anos e tudo aquilo me constituía, não tenho como colocar em palavras o que eu pude aprender. A tia Ezir marcou a minha direção profissional e eu nem tenho como agradecer o suficiente (JANAINA, 2020).

Além deste aluno (Alesandro) e destas alunas (Luciana e Janaina) que já estavam inseridos na instituição, temos alguns outros que estudavam em outras instituições e, por algum motivo optaram por realizar o curso de magistério na Escola SEI. Não pontuamos todos os alunos do curso, mas aqueles que conseguimos contatar e entrevistar pelas mais diversas razões, embora tenhamos feito um esforço na direção de procurar todas as egressas. Outra aluna nos conta:

[...] O meu pai não queria que eu fizesse magistério, então eu fui atrás por conta própria com a Tatiana. Descobrimos que iria abrir o magistério perto do Concórdia e fomos lá ver. Conhecemos o SEI pela primeira vez, tinha uma faixa na frente... quem nos recebeu foi o “tio” Gutierre, pensa a diferença? Ele levou a gente em todos os pedacinhos da escola. Nos levou sala por sala, piscina, pátio, parque, sala dos professores, ficamos duas horas conversando com ele com aquela paciência. Pronto, só faltava o dinheiro! (Risos). Nesse mesmo dia a gente preencheu uma ficha para trabalhar no SEI como monitora, mesmo sem saber se iria fazer a matrícula ou não (TATIANE, 2019).

A aluna Tatiane nos conta que, em companhia da amiga da amiga Tatiana que tem o nome semelhante ao seu, que estudavam em escola pública, quando terminaram o 1º grau, nomenclatura da época, estavam procurando uma escola que oferecesse curso de magistério. Após fazerem algumas visitas em outras escolas, conheceram a Escola SEI, contudo as mesmas não tinham recursos financeiros. A secretaria da escola sugeriu que ambas preenchessem uma ficha se candidatando a estagiárias da instituição, e ali elas viram uma oportunidade de realizar o curso.

Quanto ao valor das mensalidades do curso não foi divulgado pela administração da escola, apenas pontuado como um valor acessível. Conseguimos, então, uma informação mais detalhada por Tatiane (2019).

Passaram alguns dias e a Beth ligou e falou: Olha você vem fazer uma experiência. Antes mesmo de fazer a matrícula eu fui selecionada. Então eu consegui um emprego que daria para pagar, mas quando fui fazer a matrícula não era suficiente, não dava para pagar. Por que estagiária ganha muito pouco (risos). Era um terço do salário mínimo da época (seria hoje uns 42 reais, e a mensalidade da escola era uns 112,00 reais mais ou menos). Então o meu pai teria que inteirar.

Podemos inferir que como meio de facilitar o ingresso no curso, devido à pouca procura, a escola passou a oferecer estágios na secretária, no pátio e como auxiliares em sala de aula. Se tratando de adolescentes (faixa etária entre 14 e 15 anos), que acabavam de concluir o 1º grau e residiam possivelmente com seus pais, o estágio era uma boa oportunidade para o primeiro emprego e para aqueles que não tinham condições financeiras, pois poderiam conciliar o trabalho com os estudos em turno oposto, tendo em vista que o curso era no período matutino. Diante do exposto, nos perguntamos de onde partiu o interesse desses adolescentes em realizar um curso de formação de professores/as?

Eu desde pequenininha quis ser professora, a minha mãe conta que eu muito pequena a fiz comprar quadro, giz, apagador e que eu chamava as crianças, as vizinhas, para brincar de escolinha. Tanto é que eu comecei bem nova, comecei o magistério com 14 anos, mas eu tinha isso fixo desde muito tempo, eu iria ser professora (TATIANE, 2019).

O desejo pela profissão docente, despertado desde a infância nas brincadeiras, veio a se confirmar a partir do curso que habilitava para o magistério e posteriormente a possibilidade de exercer a docência. Contudo, no caso do egresso aluno Alesandro o interesse inicial não partiu dele, conforme nos relata:

Foi a minha mãe! Ela disse você tem interesse em fazer Educação Física, então faz este magistério aqui e depois você já fica preparado. Eu fui para não desagradar ela. E no fim deu uma boa base mesmo. Depois teve um emprego que eu só consegui por que tinha magistério e os outros candidatos não. O magistério deu uma base muito boa, para o curso de Educação Física por que eu já sabia dar aula. E outro estímulo era que não poderia reprovar por que não teria outra turma depois da nossa para fazer (ALESANDRO, 2019).

Alessandro iniciou o curso por incentivo da mãe e depois cursou Educação Física, cuja formação inicial subsidiou sua carreira profissional dando bases práticas. Ademais, ele nos conta que além do incentivo em continuar no curso para agradar a mãe, pois seu desejo era cursar a educação física, teve o aspecto da escola não ofertar outras turmas, o que inviabilizava qualquer possibilidade de reprovação. No caso de Janaina, ela não queria sair da instituição, pois não se sentia preparada para decidir sobre a carreira acadêmica e ou profissional, como nos conta:

Eu era uma menina muito diferente das outras. Elas queriam ir para outras escolas. Queriam passar em cursos caros e reconhecidos, crescer profissionalmente, mas eu não me interessava por aquelas coisas eu queria outra realidade profissional. Comecei a chorar para a minha mãe, pois eu não queria sair da escola. Eu queria fazer magistério, mas não sabia se exerceria à docência. Eu queria algo diferente para permanecer no caminho do humano e, para mim fora dali nos outros cursos eu não encontraria isso. Até que mãe disse que iria propor o magistério a tia Ezir e ver se ela toparia. Fiquei então na torcida (aos 13 anos) pelo curso de magistério (JANAINA, 2020).

Percebemos nestes relatos diferentes informações que apontam aspectos da docência, algumas pessoas dizem ter certeza sobre a identidade docente desde pequenos, outros foram por incentivo dos pais ou mesmo pela pouca idade e não terem certeza dos próximos passos, fazendo-os optar por realizar o curso como uma oportunidade de se prepararem ou amadurecem e decidirem o que cursar depois, confirmando as palavras de Tardif e Raymond quando dizem que:

[...] Uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos. Os professores são trabalhadores que foram imersos em seu lugar de trabalho durante aproximadamente 16 anos (em torno de 15.000 horas), antes mesmo de começarem a trabalhar. Essa imersão se expressa em toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática docente (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 217).

Nas nossas fontes documentais temos a relação nominal da primeira turma, e embora a Escola SEI tivesse autorização e capacidade para receber até quarenta alunos por sala, conforme aprovado pelo Conselho Estadual de Educação, a primeira turma se caracterizava por um pequeno quantitativo de 11 alunas e 1 aluno matriculadas/os no ano de 1995, seguindo uma situação recorrente no magistério, onde a maioria eram mulheres e

apenas um menino. A turma era composta por um grupo restrito e bem abaixo da expectativa que a instituição teve ao oferecer tal curso à comunidade, conforme podemos observar pelos nomes dos ingressantes da única turma do Magistério da Escola SEI:

Quadro 05: Relação nominal da 1ª turma matriculada no curso

Quantidade	Nomes
01	Alesandro Silva Ferreira
02	Ana Paula Marques Abdala
03	Diaine Jacobben
04	Fabrizia Arruda Gonçalves
05	Gislaine Moreira da Silva
06	Janaina Bianchi de Mattos
07	Luciana Baggio Cassel
08	Mirella Biasotto
09	Paula Ferreira Quedi Taborda
10	Silvia Helena Martins da Silva
11	Tatiana Aleixo Bologna
12	Tatiane Silveira Doffinger

Fonte: Ata de resultados finais – candidatos ao curso.

Neste primeiro ano as aulas seguiram o curso normalmente e ao término do ano de 1995, mesmo a turma sendo pequena ainda teve algumas baixas, pois somente 08 discentes foram aprovados, uma vez que houve 1 reprovação, 2 desistências e 1 transferência (ATA DE RESULTADOS FINAIS – CANDIDATOS AO CURSO). No ano seguinte, em 1996, abriram uma nova turma, porém só houve 2 matrículas e estes alunos optaram por sua transferência para o curso de 2º grau, Lei nº 7.044/82, e por essa razão, no ano seguinte, 1997, não foi possível a continuidade do curso mesmo com as aulas já iniciadas. De forma, em 1997 havia apenas a 3ª série do curso em formação. E em 1998 a formatura foi realizada com apenas 10 alunos, como mostra a tabela.

Tabela 06: Alunos/as aprovados em cada turma

	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a
1995	12	-	-	-
1996	02	12	-	-
1997	-	-	11	-
1998	-	-	-	10

Fonte: Ata de resultados finais – alunos aprovados.

Na fotografia a seguir mostra a turma na 2^a série (1996) do curso. No entanto, não estão todos presentes na aula. Podemos visualizar que possivelmente foi uma foto pensada, para registrar a turma, tendo em vista todos estarem uniformizados, além da posição padrão que cada um se encontra, alguns de pé com os braços para trás e outros agachados.

Imagem 13: Alguns alunos do curso em 1996

Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Temos nesta outra imagem, de 1998, os alunos reunidos junto à professora Maria de Lourdes, mãe de Alesandro, em uma atividade extraclasse. Uma quantia de 09 meninas e 01 menino, nesta imagem a turma está completa.

Imagem 14: Turma reunida junto a professora



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Cabe apontar que Alesandro foi o único homem formado no curso, fato recorrente se considerarmos a feminização do magistério. Campos (2002) situa que no final do século XIX o processo de feminização da profissão de professor/a no Brasil estava relacionada ao desprestígio do magistério, à sua baixa remuneração e qualificação, e ao fato de acolher moças originárias de camadas pobres da população. Deste modo, Alesandro nos conta um pouco sobre sua experiência neste cenário:

Foi estranho, por que na escola você está em uma fase a todo tempo com alguém semelhante a você, ali por vezes me vi sozinho, no sentido de não ter o que conversar, então ficava na minha, mas nunca nos tratamos mal, nunca houve motivo para isso e quando tinha oportunidade conversávamos. Quando fazia os grupos eu sempre ficava por último, com o tempo elas foram se acostumando, às vezes não falavam de tudo na minha frente, mas depois mudou. É um espanto, para os outros quando eu dizia: Eu faço magistério! Por que na época todo mundo queria curso de 2º grau e tentar faculdade fora. Mas quando eu explicava e dizia: Eu vou fazer por que depois quero Educação Física. Quando viam a ligação, ficava normal.

Por ser único homem, ele comenta sobre a solidão em alguns momentos, e não se sentia parte do grupo caracterizado por nove meninas. E, além disso, havia um estranhamento das pessoas quando ele dizia que estava cursando o magistério, tendo que associar a pretensão de cursar Educação física para que fizesse sentido e a opção fosse

aceita. Sobre este estranhamento, pelo fato de Alesandro cursar o magistério, Faria (2018, p. 80) infere que:

Podemos apontar que tal fato ocorre, em especial, com os homens na profissão docente, pois outras atividades em que indivíduos do sexo masculino lidam diretamente com crianças, como o médico pediatra, enfermeiros, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos, entre outros, as situações de comprovar sua capacidade em exercer seu trabalho com competência não é comum.

E ainda, com grande pertinência nos diz:

É importante notar que os homens e as mulheres passam por um curso de graduação que os/as formam para serem professores, estando assim, preparados para lidar com as situações cotidianas do ambiente escolar. São considerados profissionais da educação, independentemente do gênero ou das características pessoais (FARIA, 2018, p. 90).

Sobre este preconceito em cursar o magistério similarmente ocorreu com Tatiane, mesmo sendo do sexo feminino.

[...] todo mundo falava que eu não ia passar no vestibular por que as disciplinas eram diferentes. O primeiro ano é básico e depois as disciplinas vão ficando mais pedagógicas, específicas do magistério mesmo. Então qual era a lógica? Quem fazia magistério poucos passavam no vestibular. Era um outro índice, a pessoa não fazia nível superior fazia um cursinho (TATIANE, 2019).

Sobre isto, Pimenta e Gonçalves (1992) dizem que após a Lei nº 5.692/1971 foi possível identificar algumas características da Habilitação Magistério como algo esvaziado de conteúdo, não efetivando nem a formação geral nem a específica, mas vista como uma habilitação de “segunda categoria” destinada aos alunos com menos condições de cursar os cursos de *status*. No entanto, no caso desta turma percebemos que a maioria não via como algo que lhes incomodassem socialmente, mesmo com a condição favorável de alguns deles para cursar qualquer tipo de curso que desejassem, eles optaram pelo curso de magistério.

2.3 Currículo e práticas

A organização e estrutura do Projeto Curricular do curso, à época chamada de “grade curricular” teve carga horária total de 3760 horas, divididas nos quatro anos da

formação. Tal carga horária estava dividida da seguinte forma: 900 horas por ano de curso, com 24 disciplinas e o Estágio Supervisionado, assim como apresenta o próximo quadro.

Quadro 07: Quadro Curricular de 1995-1998

Disciplinas	Carga horária/total de horas
Língua Portuguesa	432
Literatura	108
Língua Estrangeira Moderna Inglês	72
Língua Estrangeira Moderna Espanhol	72
Geografia	144
História	144
Matemática	360
Física	144
Química	144
Biologias e Programas da Saúde	144
Educação Física	144
Ensino Religioso	72
Educação Artística	72
Psicologia da Educação	216
História e Filosofia da Educação	144
Sociologia da Educação	144
Estruturas e Funcionamento do Ensino de 1º Grau	72
Didática	216
Metodologia do Ensino de Educação Física	108
Metodologia de Estudos Sociais	108
Metodologia de Ciências	108
Metodologia de Português	108
Metodologia de Matemática	144
Metodologia de Pré-escolar	144

Estágio Curricular Supervisionado	160
-----------------------------------	-----

Fonte: Arquivo SEI - editado pelos autores.

Pimenta e Gonçalves (1990) dizem que o conjunto de disciplinas articula-se para definir conteúdos, métodos e procedimentos que superem a visão fragmentada do conhecimento e conseqüentemente a precária formação geral e a desarticulação do curso. Interessante perceber que como se tratava de um curso de ensino médio havia as disciplinas do curso regular e acrescentavam-se as especificidades da formação docente, pautada pelas disciplinas de caráter didático, os estágios, a disciplina de psicologia da educação e as diversas metodologias de ensino que conferiam ao curso seu caráter de formação de professores/as, pois os/as alunos/as deveriam aprender os conteúdos e como ensinar didaticamente tais conteúdos.

Quadro 08: Disciplinas ofertadas por ano letivo

Quantidade	1995	1996	1997	1998
01	Matemática	Geografia	Língua portuguesa	Língua portuguesa
02	Inglês	Língua portuguesa	Didática	Matemática
03	Química	Física	Literatura	Educação artística
04	Estrutura e funcionamento o ensino de 1º grau	Matemática	Matemática	Literatura
05	Biologia e programas da saúde	Metodologia de português	Espanhol	Sociologia
06	Física	Educação física	Psicologia	Espanhol
07	Língua portuguesa	Didática	Ensino religioso	Didática
08	Psicologia educacional	Biologia e programas de saúde	Sociologia	Ensino religioso
09	Geografia	Química	Metodologia de português	Estágio supervisionado
10	Educação física	História e filosofia da educação	Metodologia de Pré-escolar	Metodologia de Português
11	História e filosofia da educação	Psicologia da educação	Matemática	Metodologia de Pré-escolar

12			Metodologia de Educação física	Metodologia de Ciências
13			Metodologia de Ciências	Metodologia de Estudos Sociais
14			Metodologia de Estudos sociais	Metodologia de Educação Física
15				Metodologia de Matemática

Fonte: Canhotos dos diários escolares – editado pelas autoras.

Observamos o total de 51 disciplinas nos quatro anos de curso, sendo: 11 disciplinas no primeiro ano, 11 disciplinas no segundo ano, 14 disciplinas no terceiro ano e 15 disciplinas no último ano. Bem como o início das disciplinas metodológicas de cada matéria a partir de 1996, chegando ao número de 6 metodologias ofertadas somente no ano de 1998, ano este que também contava com o estágio supervisionado. Sobre isso, Tatiane em sua entrevista afirma que:

Foi um curso bem polido, por que eram 10 alunos. Imagina você conduzir uma turma de 10 alunos? Eles exigiam da gente o sangue! Teve uns anos que a gente tinha 11 disciplinas. Foi um curso bem difícil. No primeiro ano tinha química, física, matemática, ou seja, conteúdo de três anos reduzidos em um. Por que essas disciplinas do Ensino Médio, faziam uma síntese no primeiro ano. Por isso a questão de não passar no vestibular. Você tinha todo conteúdo, mas enxugado. Então para mim foi muito difícil (TATIANE, 2019).

O relato da ex-aluna aponta que a qualidade do curso se deu em grande parte pelo número reduzido de 10 alunos na sala, o que levava o/a professor/a a ter mais tempo para um atendimento individualizado e conseqüentemente exigir mais. No entanto, a organização do curso tornava-se mais estrito, já que os alunos deveriam, nestes quatro anos, ser capazes de compreender as disciplinas específicas e as metodológicas deixando o processo de aprendizagem um pouco complexo.

Sobre as aulas e os conteúdos, Luciana que já era aluna na escola e conhecia o ritmo requisitado pela instituição, comenta que a metodologia ensinada foi algo marcante em sua trajetória e ela a utilizava na área escolar e ainda na vida pessoal.

Basicamente como um estilo de aula que o SEI já dava então nós tivemos muita teoria. Tivemos com a tia Ezir as aulas práticas, as aulas de como trabalhar com as crianças, as atividades, era tudo muito interessante. Eu achei muito valido, não só para o magistério, mas para a vida (LUCIANA, 2019).

Para Alesandro (2019), o processo não foi tão simples. Ele relata: “eu tive dificuldades em todas as matérias menos em educação física, por que era tudo metódico. E eu ainda não tinha assimilado muito bem esse negócio de metodologia, quando eu passei a entender certinho, passou a ficar menos difícil”. Percebemos nestas falas que os/as alunos/as que migraram da escola pública para a escola particular obtiveram maiores dificuldades para se adaptar às aulas.

Tais conhecimentos eram importantes e se davam no curso de formação de professores/as, pois tornava-se necessário que os alunos aprendessem os fundamentos metodológicos do ensino das áreas do conhecimento. Entende-se por metodologia do ensino a finalidade do ensino (para que ensinar, o conteúdo do ensino (o que ensinar) e a forma do ensino (como ensinar) (PIMENTA; GONÇALVES, 1990). Com efeito, percebemos que o referido curso adotava alguns destes critérios em suas atividades. A egressa Tatiane explica:

Como era um “pingo” de aluno os professores sentavam do nosso lado. Só que depois a gente foi pegando o ritmo e eles passaram a exigir muito da gente. Tinha metodologia de tudo, a tia Ezir e os professores queriam coisas concretas, que a gente fosse usar depois ao longo do magistério. Coisas de Pré-escolar que a gente costurava, com cadarço, botão, zíper. Tinha que explicar o que é o material, o que ele desenvolve, como que usa, para que idade, enfim. Tudo sobre aquele material era a teoria e a prática. Nós fazíamos e colocávamos na prática em sala com as crianças enquanto éramos avaliadas. Tanto é que uma vez nos últimos semestres a gente estava estudando motivação para crianças, e tinha de pegar o conteúdo e colocar em prática, só que a gente não estava conseguindo e a tia Ezir teve que várias vezes mostrar, explicar, ela dizia: não é isso que é motivação! Muita gente não conseguia colocar os conteúdos na prática (TATIANE, 2019).

Os relatos informam de que modo as metodologias eram trabalhadas no curso, e assim identificamos o caráter prático do mesmo a partir de confecções de materiais pedagógicos e ela ênfase na preocupação em articular a teoria e a prática, conferindo de fato a denominação de curso de magistério. Luciana (2019) diz que era muita informação, então a professora Ezir solicitava que eles organizassem “uma pasta com as atividades que ela mandava fazer, eu tenho todas elas... o caderninho com o que ela dizia e a gente ia anotando, esses eu não tenho coragem de jogar... está lá guardadinho, umas pastas cheias

de desenhos, exemplos de atividades, musiquinhas e brincadeiras para a gente poder passar para as crianças”. O resultado final era quase que um manual de dar aulas.

O curso também teve atividades extras, assim como Tatiane (2019) nos informa: “teve uma semana só de oficinas no SEI que eles montaram para o magistério. Convidaram outras pessoas para ensinar e teve de tudo, por exemplo, oficina de Máscara de papel higiênico, papel machê, fantoches e outros”. Havia uma ênfase nas práticas aliadas a teoria e as aulas de didática, com alguns conteúdos específicos, os quais eram destaque a serem ensinados:

[...] até o jeito de apagar o quadro, de sentar, de não ficar apagando de costas e sim de frente para os alunos. Todos os detalhes quando a gente ia dar aula no estágio, a tia Ezir assistia à aula. Eu ficava lembrando dos detalhes de como tinha de fazer e ficava cuidando para não esquecer dos detalhes. A estrutura do quadro, a letra. A tia Ezir é muito rigorosa! Você conhece a letra dela? É perfeita, é pura caligrafia, e ela quer que você faça perfeita. Tanto que até a 5ª série tem o livro de caligrafia até hoje e as crianças compram e passam o ano todo fazendo caligrafia (TATIANE, 2019).

Este conjunto de habilidades teóricas e práticas que os professores, em formação, interiorizavam deveriam ser aprendidos para moldarem suas práticas até estarem aptos a lecionar no magistério, como Pimenta e Gonçalves (1992, p. 127) afirmam: “a didática deve fornecer ao professor bases teóricas e práticas do trabalho docente” e pelos relatos no curso de magistério da Escola SEI, era levado ao rigor da prática.

Para que este curso se efetivasse o corpo docente era composto por um grupo coeso. Nos documentos consultados, constam a relação nominal dos/as professores/as formandos por um número de 12 profissionais, sendo estes 09 professoras e 03 professores, conforme quadro abaixo:

Quadro 09: Corpo Docente de 1995

Ordem	Nome dos professores
01	Aristides Estevan Almeida Filho
02	Delenir Aparecida Romanini do Prado
04	Eliana Mara Volaco Doff Sota
05	Enio Ribeiro de Oliveira
06	Ezir Bomfim Estremera Gutierre
07	Maria Marques Paz

08	Marta José Rodrigues Simis
09	Nize Souza Bianchi
10	Rosana Aparecida Almeida dos Reis
11	Tarcísio Antonio Boatrelí Cesar
12	Telma Koller

Fonte: Arquivo Escola SEI - credenciamento docente.

Destacamos que ao longo dos quatro anos muitas mudanças no corpo docente aconteceram, como é natural no processo de organização das instituições, assim muitos destes professores/as não chegaram de fato a dar aula no curso. Estas alterações não mudaram a base do curso e ao longo dos quatro anos se mantiveram com o mesmo núcleo básico representado pelos primeiros docentes que iniciaram o curso. No entanto, com intuito de confirmar os dados obtidos no credenciamento docente, recorreremos aos canhotos dos diários escolares por serem os únicos documentos institucionais que constavam o nome dos docentes e as disciplinas ofertadas, visto que os documentos pessoais dos docentes são devolvidos a eles ao término do contrato, como nos foi informado pela secretária. Deste modo levantamos os seguintes dados:

Quadro 10: Relação dos docentes e disciplinas 1995-1998

Nome	Disciplinas
Angela Rosa Ceolin Farias	Matemática
Aristides Estevan De Almeida Filho	Inglês
Maria Marques Paz	Estrutura e funcionamento do ensino de 1 grau; geografia; didática; ensino religioso; estagio supervisionado; metodologia de português
Mara Alves	Biologia e programas de saúde
Ilda Amelia Pereira Wordracek	Língua portuguesa
Ezir Bomfim Estremera Gutierre	Psicologia educacional, metodologia de pré-escolar
Lenice de Sales Arendt	Educação física; metodologia de educação física
Nize Souza Bianchi	História e filosofia da educação; metodologia de estudos sociais
Vera Lúcia Viana Benites	Geografia
Leolinda Lange	Física, matemática
Maria Bezerra Quast Oliveira	Literatura, metodologia de português
Miriam Celia Frantz	Espanhol
Dheliane Romanini Do Prado	Psicologia; sociologia

José Felice	Matemática; metodologia de matemática
Luciane Modenez Saldivar	Metodologia de ciências
Rosana Palhano Taveira de Matos	Educação artística
Telma Koller	Literatura
Celina Arzameradia Silva	Metodologia de ciências
Jeferson Peres	Química

Fonte: Canhotos dos diários de 1995-1998.

Deste modo, se olharmos o quadro anterior vemos que apenas 6 dos docentes credenciados permaneceram ativos lecionando no curso. Da mesma forma, apenas alguns professores/as tinham disciplinas fixas ao longo do curso, a maioria deles exercia a profissão em uma forma de rotatividade, eles chegavam a lecionar ao longo do curso até 6 disciplinas diferentes, como é o caso da professora Maria Marques.

A escolha do corpo docente se deu pela maioria que já trabalhava na Escola SEI e posteriormente outros foram contratados, como pontuado por Luciana (2019).

Tem vários professores que a gente já conhecia lá do SEI como o Aristides, a Telma e davam aula para nós. A Nize entrou depois e a tia Ezir. Os nossos professores foram muito queridos em dividir as experiências deles, os materiais, a forma do trato, foi uma experiência bem interessante neste sentido.

A mesma egressa, Luciana, fala sobre alguns docentes que mais destacaram na sua memória e elogia a experiência vivenciada por meio das práticas destes em sala de aula. Ainda sobre o trabalho dos docentes, Tatiane (2019) relata:

A maioria dos nossos professores, como a tia Ezir, a Maria Bezerra, a Maria de Lurdes e a Nize, eram professoras da Unigran, ou seja, de nível superior há muitos anos. Então elas levaram o nosso curso nesse nível, com mais o rigor da tia Ezir em cima de um professor do SEI.

Tatiane comenta que, como a maioria das professoras/es do curso eram também docentes universitárias suas aulas e seus modos de trabalhar eram rigorosos, faziam de um curso de nível médio as mesmas exigências do curso de nível superior. Sobre isso Luciana (2019) também afirma que “foi o melhor curso que já fiz, foi um curso que eu não precisava fazer mais nada, não precisava de outras licenciaturas”.

Neste mesmo assunto, Janaina comenta:

Eu entrei na 4^o série em uma turma bem complicada. A professora não estava dando conta e saiu. No meio do ano chegou uma professora nova, a Maria Bezerra e ela foi aos poucos resgatando essa turma toda por meio da poesia e da arte. Eu sempre agradeço a ela por que foi ali que eu despertei para a escrita, através dos livros que ela trazia e íamos confeccionando as poesias, aprendendo a escrever, ler, a estruturar a lógica do pensamento e ser criativos. No final do ano elaborou um livrinho de poesias e textos nosso que ficou incrível. Depois fui ao ginásio com professores muitos bons, e a tia Ruth professora de português, me apresentou leituras incríveis, contos, mitos, histórias regionais, foi quando eu passei a ler muito e integralmente (JANAINA, 2020).

Deste modo, entendemos que a escola, juntamente ao corpo docente, se preocupava com os conteúdos e a formação dos alunos, bem como ao incentivo da leitura, e rigidez na elaboração das atividades e nos estudos primando pela qualidade. Sobre os/as professores/as do curso, todos já possuíam uma carreira profissional³⁵ em andamento e muitos deles a professora Ezir já os conheciam.

Como bem diz Tardif e Raymond (2000), ao longo da história de vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor/a interioriza um certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores etc., os quais estruturam a sua personalidade e as suas relações com os outros. Deste modo, a professora Nize evidencia que parte das aulas que ela ministrava no curso se constituía da sua trajetória como docente quando diz:

A gente ia formando o material a partir do planejamento geral, íamos preparando o material. A gente tinha um método bem democrático, nada era imposto. A gente fazia aquela apresentação dos tópicos, colocava na lousa e ia falando sobre tudo aquilo, e eles maioria das vezes iam acompanhando pela apostila. Principalmente na minha parte de didática eu tinha que ensinar muito como se comportar e tal, partindo do meu exemplo, eu sempre ensinava como apresentar as vogais, o alfabeto aos alunos, as historinhas que eu contava, mesmo que era algo antigo, era válido e é até hoje. Por que quando a gente apresenta uma historinha, um desenho, uma música as crianças, eles aprendem muito melhor do que apresentar assim “no seco” a eles (NIZE, 2020).

Neste relato a professora conta que lançava seus modos de fazer construíram sua experiência docente e diretamente ela repassava estes saberes na formação dada a estes novos professores/as. Pois,

Quando os alunos chegam ao curso de formação inicial, já têm saberes sobre o que é ser professor. Os saberes de sua experiência de alunos, que

³⁵ Não foi possível localizar a documentação correspondente à certificação dos docentes.

foram de diferentes professores em toda sua vida escolar. Experiência que lhes possibilita dizer quais foram os bons professores, quais eram bons em conteúdo, mas não em didática, isto é, não sabiam ensinar. Quais professores foram significativos em suas vidas, isto é, contribuíram para sua formação humana. [...] O desafio, então, posto aos cursos de formação inicial é o de colaborar no processo de passagem dos alunos de seu ver o professor como aluno ao seu ver-se como professor. Isto é, de construir a sua identidade de professor (PIMENTA, 1997, p. 7).

Ao observarmos os planos de ensino dos docentes, que lecionavam no curso, é possível evidenciar que os mesmos possuíam uma estrutura padrão composta por: identificação (disciplina, série, ano, nº de aulas no ano e no semestre, professor); justificativa; objetivos gerais; objetivos específicos; conteúdos; desenvolvimento metodológico; avaliações e bibliografia. Todos em torno de 5 a 6 laudas digitadas. Para uma melhor visualização segue alguns trechos de um plano de ensino da disciplina de história, apresentada na 1ª série do curso de magistério, ano de 1995.

Tendo como objetivos:

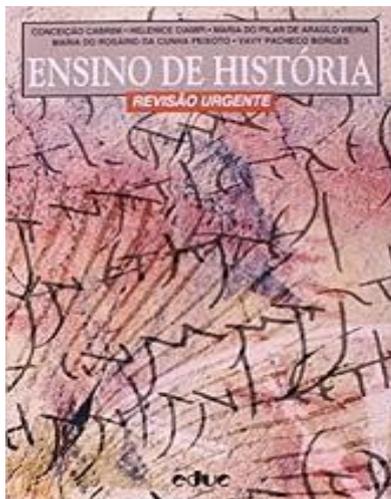
- Demonstrar que o conhecimento histórico é determinado pelas condições objetivas da sociedade, e que, portanto, varia de época para época;
- Desenvolver a capacidade de percepção de si mesmo como ser histórico e a sua integração na sociedade contemporânea;
- Conceber o processo histórico enquanto movimento e constante transformação, que se constrói nas diversas e múltiplas contradições existentes na sociedade; contínuo, dinâmico, plural, inacabado;
- Aprender refletir historicamente, adquirir uma visão global da realidade que nos cerca;
- Refletir sobre o processo de mudança social e da responsabilidade de cada um de nós na tarefa de construir o amanhã.

As principais metodologias para o desenvolvimento dos conteúdos eram:

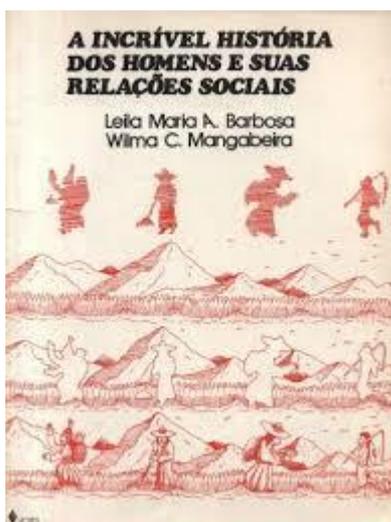
- Leitura individual
- Leitura em grupo
- Levantamento de termos desconhecidos
- Destacar ideias principais e secundárias
- Discussão
- Debate entre grupos
- Pesquisas e exposição
- Elaboração de textos
- Filmes
- Entrevistas
- Aulas expositivas

Como principais bibliografias apresentadas em aula têm-se:

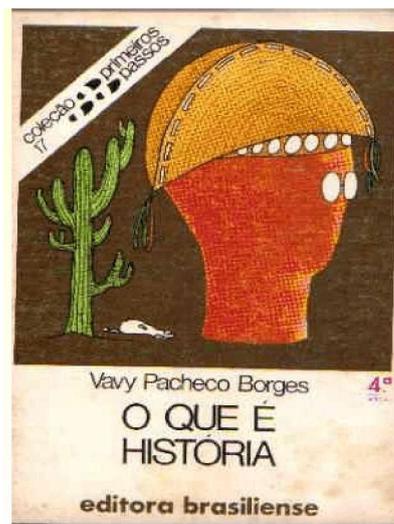
- Conceição Cabrini (1987) - O ensino de história pela editora “urgente”;



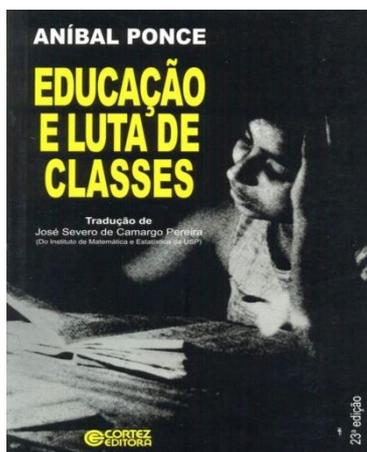
- Leila Maria Barbosa (1986) - A incrível História dos homens e suas relações sociais pela editora “Vozes”;



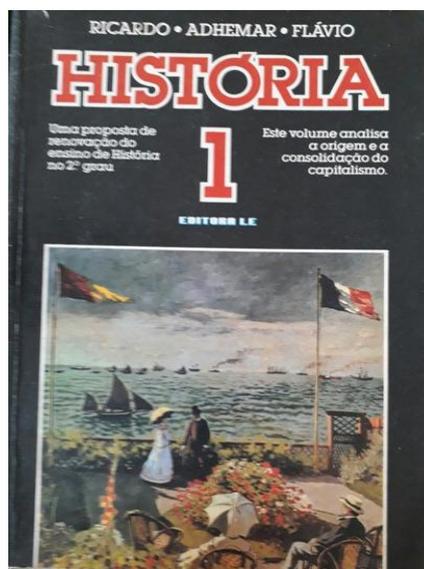
- Vavy Pacheco Borges (1990) - o que é história pela editora “Brasiliense”;



- Anibal Ponce (1986) - Educação e luta de classes pela editora “Cortez”;



- Ricardo, Ademar e Flávio (1994)- História pela editora “Le”.



Sobre a forma de como que as aulas eram ministradas e os conteúdos utilizados na formação, o egresso Alesandro afirma que, às vezes:

Tinha dificuldade por que eu não entendia. Em todas as aulas tinha coisa diferente, principalmente na aula da tia Ezir e da professora Nize. Havia muita coisa em grupo, atividades fora da sala, estava no início da computação, então eles iam ambientando a gente com a informática através das pesquisas no computador, a gente assistia também a muitos filmes (ALESANDRO, 2019).

Tatiane, da mesma forma, comenta sobre a dificuldade encontrada em relação as disciplinas e notas, pois como Alesandro ela vinha de outra instituição:

No primeiro ano eu tive dificuldade para alcançar a média, por que no SEI a média é sete e no Concórdia era seis. Então as disciplinas difíceis como química, física, matemática tinha que estudar bastante. As disciplinas das professoras que eram de nível superior, da universidade, eram as mais difíceis, elas nunca propunham uma coisa fácil (TATIANE, 2019).

Em vista disso, percebemos por meio do percurso metodológico realizado, que o curso foi criado a partir de uma conversa entre duas educadoras e teve sua abertura com um número menor do que o esperado, mas com muito esforço manteve o nível de ensino planejado. Os/as alunos/as, deste curso, comentam que a formação foi suficiente e importante nas suas carreiras profissionais e que o fazer docente de alguns professores/as ficaram marcados em suas memórias. Assim, no próximo capítulo desta pesquisa nos interessa compreender os demais elementos desta formação como a realização do estágio, sobretudo qual o tipo de professor/a a Escola SEI buscou formar, culminando no encerramento do curso.

3 A FORMAÇÃO OFERTADA NA ESCOLA SEI

Neste capítulo abordamos, por meio dos documentos e dos relatos orais, algumas análises sobre os elementos dessa formação, tal como o desenvolvimento do estágio obrigatório, que englobava o currículo deste curso. E, em seguida, refletimos sobre qual modelo de professores/as a Escola SEI pretendeu formar e se tal formação teve êxito. E por último, sobre os motivos que levaram ao encerramento do curso, considerando que formou apenas uma turma.

3.1 O Estágio Supervisionado: obrigatoriedade na formação

Por se tratar de um curso de formação de professores/as, sua proposta curricular exigia o Estágio Supervisionado, para a conclusão desta formação. O Estágio se configura como algo fundamental da formação docente e na proposta da escola estava presente obrigatoriamente para todos os discentes. Entendemos que a finalidade do Estágio Supervisionado é propiciar ao aluno uma aproximação a realidade em que irá atuar, sendo a teoria sobre a prática docente tão bem apresentado por Pimenta e Gonçalves (1992).

O Estágio era organizado e dividido em três partes, como em geral as propostas de estágios do período, assim consta de observação, participação e regência. Realizava-se, naquele período nas salas do Pré-Escolar e de 1ª a 4ª séries, com o total de 40 horas e ao final do estágio todas as atividades desenvolvidas deveriam ser minuciosamente relatadas em um caderno e posteriormente entregue para a professora que supervisionava o estágio. Deste modo, ocorreria ao longo do curso, como forma de trazer a realidade para a sala de aula, a ser refletida com os/as professores/as, nas diferentes disciplinas, ampliando a visão do aluno para uma visão crítica de modo que eles identifiquem possibilidades de transformá-la (PIMENTA; GONÇALVES, 1992).

A gente teve estágio todos os anos! Todas as matérias a partir do 3ª ano eram práticas, tínhamos todas as metodologias. Metodologia de ciências, matemática, língua portuguesa, Educação Física, Pré-escola. A tia Ezir que dava metade das disciplinas e eram metodologias. Quer dizer o método que você vai ensinar. A gente fazia material e dava aula para a gente mesmo. Algumas vezes a gente fazia material, descia lá para as salas e uma das professoras nos avaliava com as crianças. Eu lembro que na educação infantil nós não escolhíamos, nós fazíamos em todas as salas (TATIANE, 2019).

Cabe destacar que os estágios eram desenvolvidos todos no interior da própria Escola SEI, que também funcionava como uma escola de aplicação para as/os alunas/os do Magistério e caso elas/eles tivessem bom desempenho poderiam futuramente vir a ser professoras/es contratados/as na própria Escola como foi o caso de uma das alunas ao relatar:

A gente sabia tudo, não era um curso a nível médio, o nosso magistério foi o magistério mais difícil que o curso de Pedagogia. Por que os professores eram de nível superior só que com dez alunos. Todo mundo ou a maioria queria trabalhar ali entende? Por que era muito estimulante, os professores propunham muitas coisas difíceis, porque os professores também tinham que mostrar serviço. Eles tinham uma expectativa muito grande com o magistério, e queriam mesmo pegar as “crias” e colocar na escola, mas poucos ficaram. Poucos ficaram (TATIANE, 2019).

Mas, o fato de realizar o estágio na mesma escola de formação gerava algumas situações constrangedoras, como explica Luciana, pois após as orientações da professora Ezir nas aulas, elas iam até as salas observar, reger e aplicar os conteúdos aprendidos, sendo observadas pela regente da sala e avaliadas pela professora Ezir que era a diretora da instituição e também a avaliadora do estágio.

A gente tinha medo de falar da professora. Tinha o maior cuidado, para ver o que podia falar para não prejudicar, pois, as professoras eram escolhidas “a dedo” e estavam há muitos anos na escola. Se tinha algum problema foi no início, fez caligrafia, melhorou, já estava polida. É assim, mesmo, ela dava muita bronca e ia ficando boa! Tudo era supervisionado pela professora, coordenadora e tia Ezir. Nunca, nada se fazia sozinho [...] as professoras tinham que avaliar o efeito que a nossa leitura causava nas crianças. E os professores dela também estavam sendo avaliados. Tudo era muito conduzido (TATIANE, 2019).

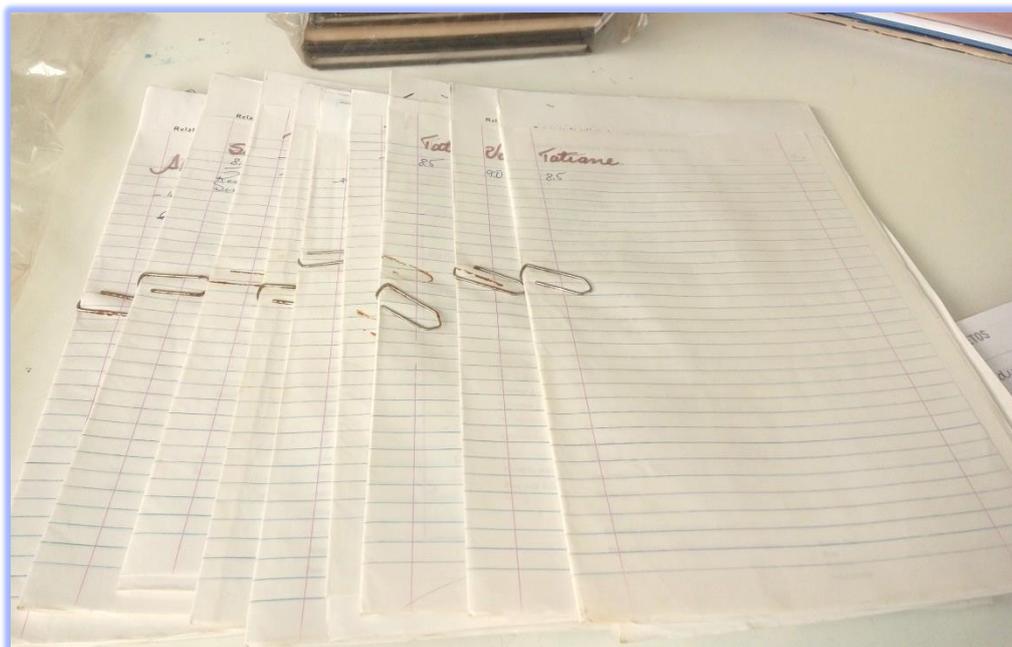
Uma troca de posição e inversão dos papéis em que ora o/a professor/a da sala estava avaliando, ora ele estava sendo avaliado. Percebemos ainda, certa inexistência de rotatividade de docentes na instituição, pelos relatos infere-se que o quadro docente se mantinha por anos a fio, e se conectarmos com a fala de Tatiane sobre o “polimento” destes docentes pela diretora, podemos compreender tais aspectos. Isto demonstra que a escola tem um ritual próprio a ser aprendido em seus códigos internos, que deve ser aprendido pelos alunos e também pelos novos professores (BOTO, 2017) e depois de estarem estabelecidos, e de terem incorporado as normas, os mesmos ficam grande parte de

suas vidas na instituição. Ainda sobre o estágio, Janaina demonstra sua satisfação em fazê-lo e sua importância dizendo:

O estágio era na escola, eu ia preparada, falava com as crianças e me deu a base que eu precisava para ser professora universitária com 22 anos, eu conseguia dominar uma turma, mesmo sendo nova e recém-formada, mas foi graças ao magistério que eu fui direto do estágio com crianças, para uma sala com adolescentes e adultos (JANAINA, 2020).

Recebemos, em mãos, dois blocos de materiais que se referiam ao estágio supervisionado. O primeiro eram pastas individuais feitas de folha almaço contendo em seu interior: fichas avaliativas, plano de aula da regência e algumas atividades anexas. Como mostrado nesta imagem.

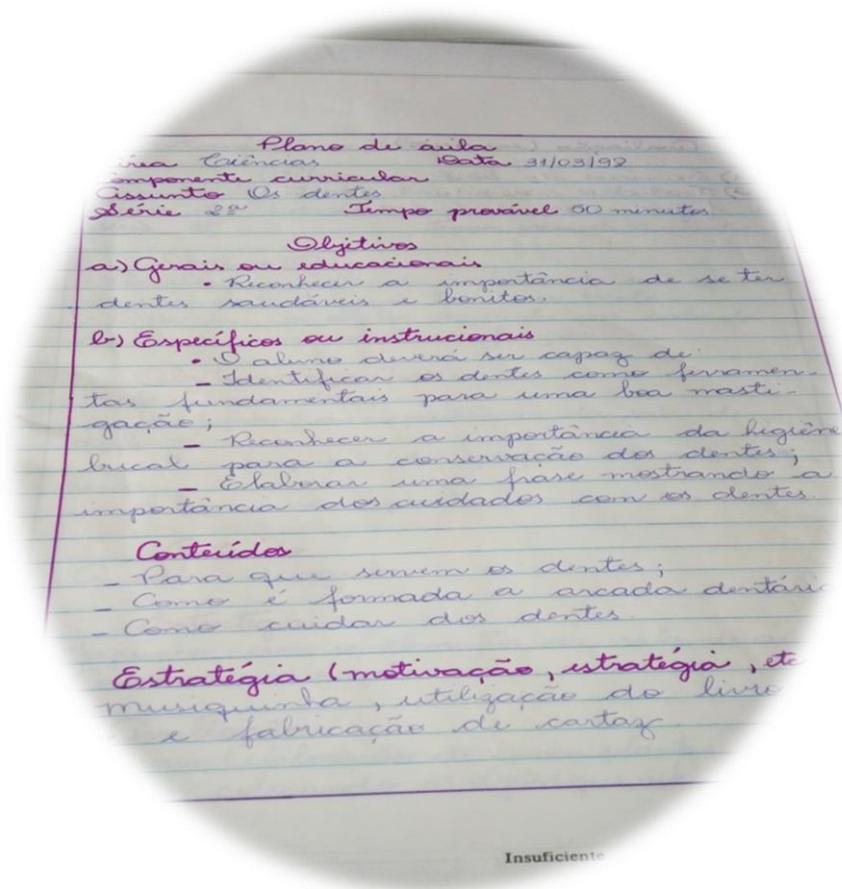
Imagem 15: Documentos sobre o estágio supervisionado



Fonte: Arquivo da escola SEI.

Podemos observar que cada aluno entregou o seu material requisitado na disciplina e alguém os organizou para arquivar neste padrão. Um dos documentos que estava no interior destas folhas eram planos de aulas dos alunos para serem aplicados em sala durante a regência dos mesmos. Como podemos visualizar nesta imagem de um dos cadernos:

Imagem 16: Plano de aula de Ciências



Fonte: Arquivo da escola SEI.

Nela podemos visualizar a data de 31/03/1998 e a disciplina de ciências para a turma da 2º série com o tema “Os dentes” a ser realizada no tempo de 50 minutos. Consta ainda o objetivo geral: reconhecer a importância de se ter dentes saudáveis e bonitos. Os objetivos específicos e os conteúdos. Dentre os conteúdos deste plano estavam: apresentar musicinhas, leitura de livro e fabricação de cartaz. Todos os demais planos seguiam esta estrutura padrão.

No outro bloco de material que recebemos estavam os cadernos de estágio de cada aluno. Deste modo, nos interessou trazer estes cadernos escolares à nossa vista, como algo reconhecido, valorizado e como um elemento fundamental na escolarização que, por sua vez, às vezes passa despercebido aos nossos olhos. Estes são passíveis de serem compreendidos além da sua materialidade, pois nos falam de uma época própria e versam sobre métodos, currículos e circunstâncias (MIGNOT, 2008).

Em geral estes cadernos tinham o mesmo padrão: uma capa com belos desenhos, uma contracapa com a identificação pessoal de cada discente, bem como a identificação das turmas nas quais os estágios foram desenvolvidos.

Imagem 17: Cadernos de estágio



Fonte: Arquivo da escola SEI.

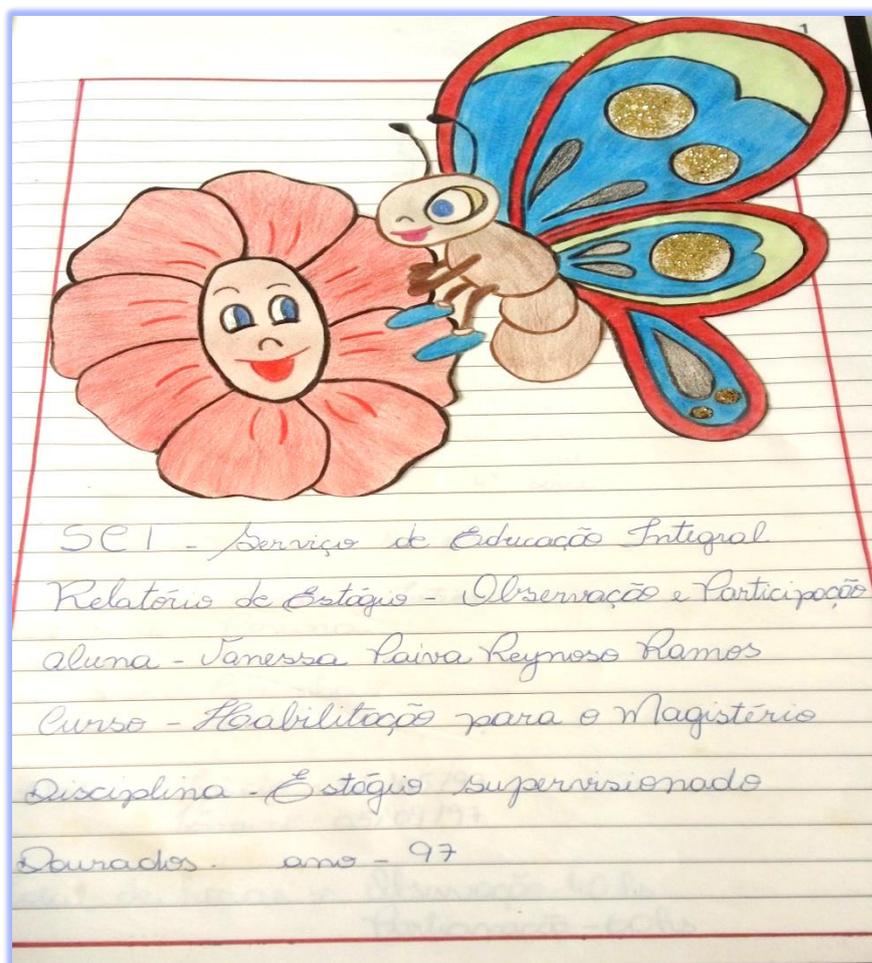
No caderno do relatório de estágio havia elementos Pré-textuais como: dedicatórias, poemas, a filosofia da escola representada pela epígrafe de “formar cidadãos críticos e tementes a Deus” dentre outros. Observamos que em todos eles aparecia nas primeiras páginas os objetivos da escola, presente no regimento escolar:

- I - O desenvolvimento harmonioso da criança;
- II - A socialização da criança, em ambiente apropriado;
- III- O aprimoramento da comunicação;
- IV- O desenvolvimento da capacidade de observação;
- V- A criatividade, através de atividades de livre escolha, e
- VI-Iniciação da formação de hábitos/atitudes cívicas/morais/religiosas
- VII- Proporcionar ao educando sua formação integral e
- VIII- Oferecer condições para que o mesmo desenvolva suas potencialidades, visando a auto realização, a preparação para o trabalho, a participação na obra do bem comum, através da sua formação espiritual, humanística e de uma cidadania consciente (REGIMENTO ESCOLAR,1988).

E embora a instituição não se apresente como confessional, a mesma adota práticas cristãs em sua rotina, tal aspecto fica evidente em sua filosofia e nos objetivos da formação em que inicia os alunos na formação de hábitos cívicos, morais e religiosos. Deste modo, os alunos do curso deveriam estar cientes desses itens e imbricar os mesmos nas práticas docentes do estágio.

Trouxemos uma imagem de um dos cadernos autorais que simbolizam bem uma das especificidades que marcavam os cursos de magisterio. A maioria destes cadernos é composto por imagens, desenhos e margens.

Imagem 18: Caderno de uma aluna do curso

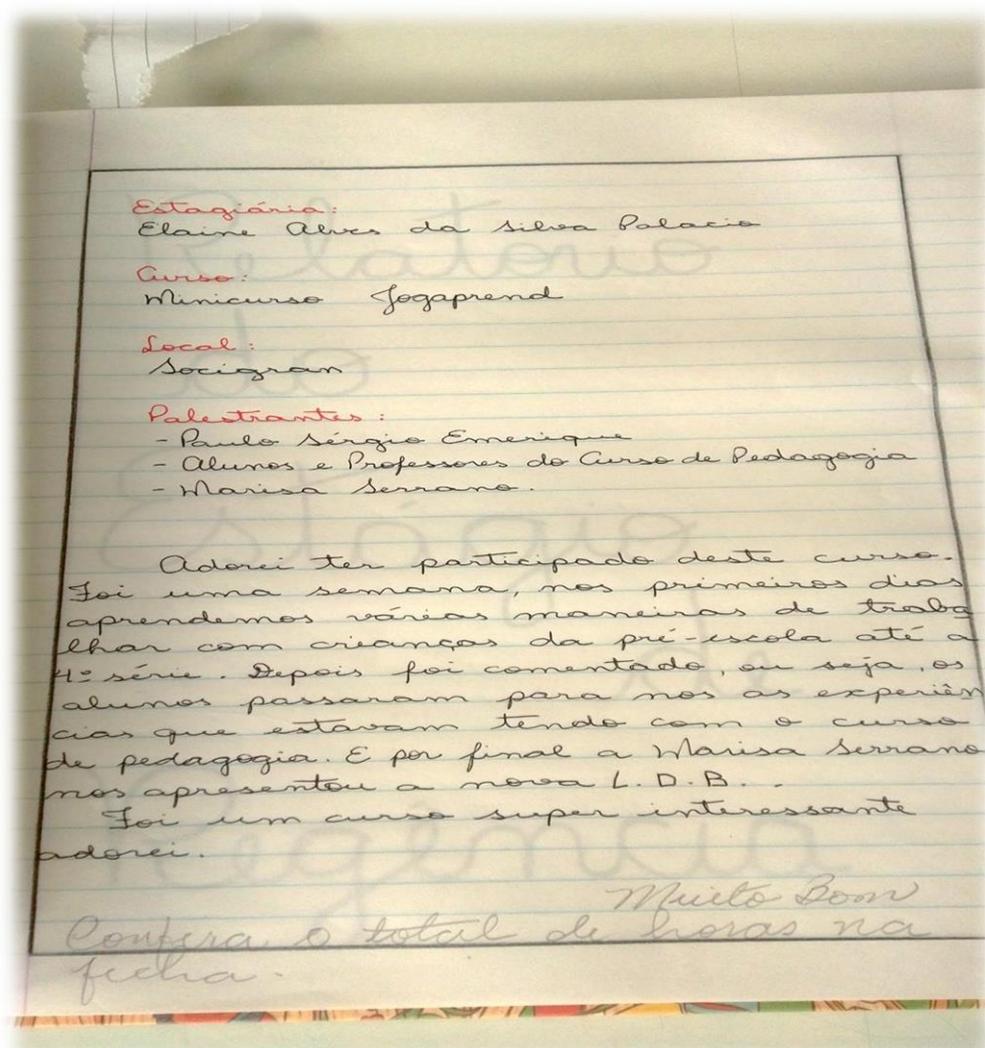


Fonte: Arquivo da escola SEI.

Este caderno é de uma aluna, no ano de 1997, seja ele o 3º ano do curso e correspondia a observação e participação. Nesta imagem estão: o título do relatório; nome da aluna; curso; disciplina e ano.

No mesmo relatório a/o estagiária/o deveria apresentar os problemas observados e percebidos na escola e dar sugestões, sobretudo, apontando como ocorriam as relações interpessoais dentro da mesma, com destaque para os relatos em que apresentavam como eram as crianças de cada sala por onde passaram, evidenciando aspectos de seu desempenho, suas dificuldades, seus traços de personalidade, além disso, os aspectos físicos da escola, as condições higiênicas dos alunos e o ambiente. E ainda, relatar quando aconteciam eventos extraclasse, como é o caso dessa imagem retirada do caderno da egressa Elaine:

Imagem 19: Caderno com relato de minicurso

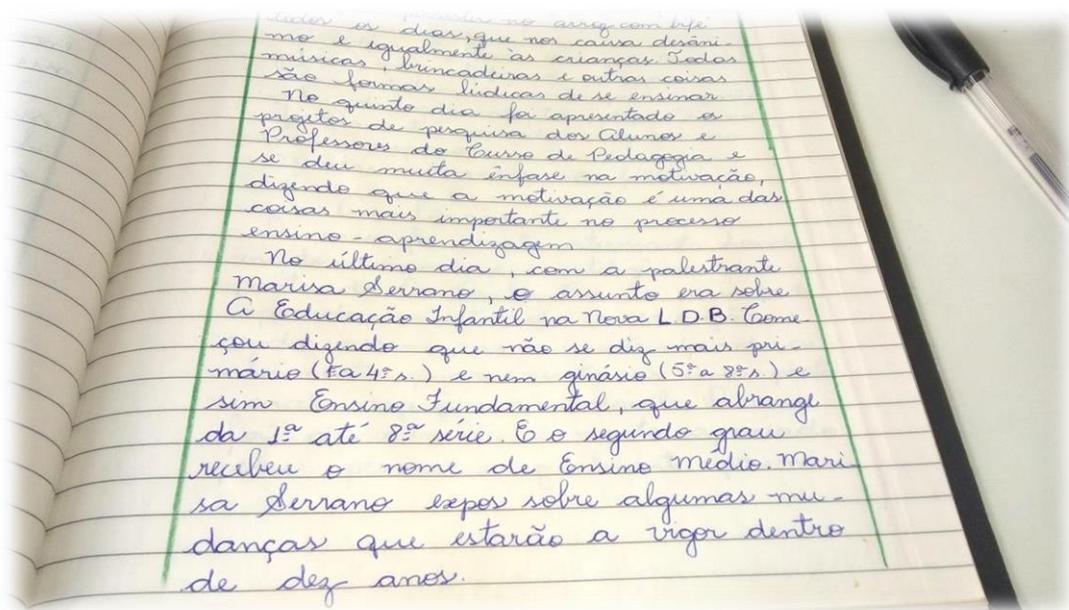


Fonte: Arquivo da escola SEI.

Visualizamos que o mesmo é o relato do “minicurso jogaprend” realizado na “Socigran”³⁶, com a duração de uma semana tendo como palestrantes alunos e docentes do curso de pedagogia, bem como a Profa. Maria Serrano e o Professor Paulo Sérgio Emerique, os quais apresentaram temas como: várias maneiras de trabalhar com crianças da pré-escola até a 4ª série; troca de experiências com os discentes do curso de Pedagogia e a apresentação na Nova LDB na época, se referindo a LDBEN/1996.

Sobre este fato da nova normatização, trazida pela LDBEN/1996, encontramos outro relato deste minicurso em um dos cadernos e o mesmo também pontua sobre tal elemento:

Imagem 20: Relato do minicurso



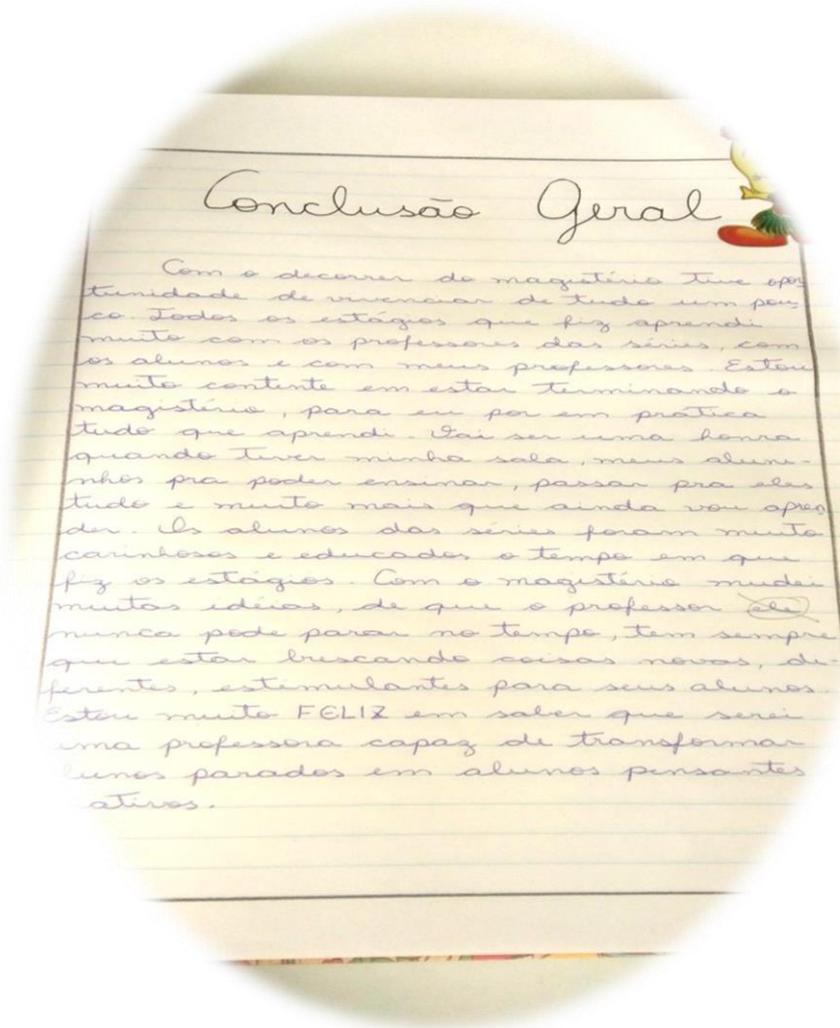
Fonte: Arquivo da escola SEI.

A aluna relatou que foi apresentado a todos alunos presentes no minicurso, “jogaprend”, sobre a nova LDB e que agora não chamaria mais ensino primário e ensino secundário, mas, sim, ensino fundamental que correspondia da 1ª s 8ª série. E que o segundo grau agora recebeu o nome de ensino médio. Relata, ainda, que a palestrante professora Maria Serrano pontuou sobre as mudanças para a educação Infantil e as outras mudanças que entrariam em vigor no prazo de até 10 anos. Este relato nos mostra que o assunto da nova e atual LDBEN/1996 foi discutido na comunidade acadêmica e escolar.

³⁶ Atual Centro Universitário da Grande Dourados – Unigran. Uma universidade privada da cidade de Dourados-MS.

E por fim, nestes cadernos, os/as alunos/as deveriam fazer uma conclusão geral com todos os apontamentos observados ao longo do estágio:

Imagem 21: Conclusão do estágio



Fonte: Arquivo da escola SEI.

Essa aluna relata: “Estou muito contente em estar terminando o magistério para pôr em prática tudo o que aprendi. Vai ser uma honra quando tiver minha sala, meus alunos, para poder ensinar, passar a eles tudo e muito mais que ainda vou aprender. [...] estou muito feliz em saber que serei uma professora capaz de transformar alunos parados em alunos pensantes e ativos”. Afirma que está satisfeita com o que pode vivenciar e aprender ao longo do período de estágio realizado na instituição.

Sobre o estágio de observação Tatiane, também, nos diz:

Me lembro de tudo, foi em todos os anos, a gente entrava na sala, fazia uma escala, sentava e anotava tudo. Ela lançava uns caminhos que a gente tinha de observar. Quando chegava no conteúdo da 4ª e 5ª série, a gente tinha que estudar o conteúdo, pois não dominávamos tudo. A gente tinha medo de falar algo errado, não tinha tempo, era muita coisa, muito difícil, além do nervoso de ser avaliado (TATIANE, 2019).

Se considerarmos um curso matutino, dado a adolescentes e que muitos destes ainda em contra turno realizavam estágios remunerados, se torna denso e rigoroso. No entanto, observamos que na maioria dos cadernos selecionados estava presente aspectos sobre reclamações da escola, que estava passando por reformas, e a falta de controle de alguns/as professores/as em relação aos alunos. Seguem alguns trechos de alunas/os no item conclusão do relatório de estágio:

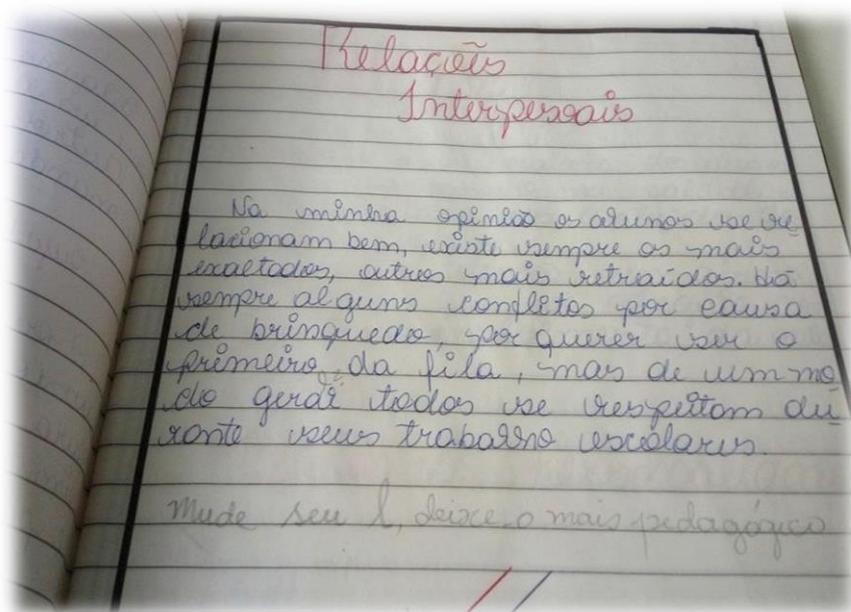
Conclui-se que os professores devem se dedicar o possível e o impossível para desenvolver o seu aluno como deve ser desenvolvido. Esse aluno deve aprender a respeitar e ser respeitado pelo mesmo. Quem deve aprender é o aluno e não o professor; o aluno não é uma nota, mas quem faz a nota do aluno é ele mesmo (CADERNO 01).

E ainda,

A escola é uma sociedade do aluno, e ele deve crescer na escola sabendo que nem sempre será auxiliado por professores e pais, mas que na vida dele vai haver dificuldades e problemas que ele terá de resolver sozinho ou deixar de resolver. O professor deve deixar o aluno se desenvolver tornando – o responsável e otimista (CADERNO 02).

Ao adentrarmos a escola, existe uma epígrafe bem destacada que diz: “Nesta escola é permitido errar”, a direção explica que o erro é o começo e não o fim, e a partir dele a criança pode aprender. E nisso engloba o respeito para com todos, “respeite para ser respeitado”. Se olharmos a escrita do caderno 01 percebemos como o discurso da escola adentra a concepção dos alunos. A escola se expressa socialmente como instituição estratégica, por seus ritos que firmam os comportamentos (BOTO, 1997). Assim, como no caderno 02, a preparação do aluno para a sociedade vai ao encontro dos objetivos da escola, lançados no regimento escolar.

Estes cadernos eram organizados minuciosamente pelos alunos/as, raramente foi possível encontrar rasuras ou manchas, ao manuseá-los eles estavam intactos se considerarmos mais de 20 anos de existência, o que afirma o zelo da instituição pela história dos seus alunos. Podemos inferir que havia recomendações na elaboração dos mesmos e conseqüentemente as correções para avaliação final. É o que podemos ver nesta imagem:

Imagem 22: caderno corrigido

Fonte: Arquivo da escola SEI.

A aluna, ao relatar as relações interpessoais do seu estágio, escreve um texto e é corrigida de modo que faça uma letra mais pedagógica “Mude seu L deixe-o mais pedagógico”. A correção representa a existência de um padrão a ser seguido e o alto rigor da escrita. Fator este que reafirma uma das especificidades dos cursos formação de professores/as.

Sobre o estágio, Alesandro rememora a sua experiência de professor homem no estágio realizado com as crianças pequenas da educação infantil.

(Risos) [...] a única coisa que lembro sempre é das crianças. Por que era diferente com o tio. Elas só tinham tia. Então quando eu chegava na sala de aula era igual aquele filme do Arnold Schwarzenegger - “Um tira no jardim de infância”. Eu entrava na sala eles me olhavam com uma cara (imita) então eu falava: oi crianças! Eles respondiam: oi tio, sabia que a gente nunca teve um tio?! Eu ouvia isso em todas as salas, com a mesma reação, no começo ficaram meio assim, mas depois elas estavam em volta de mim o tempo todo. O resto era dar aula e ser observado.

A experiência de Alesandro como professor em formação, na sala de aula, foi bastante curiosa, pois o que predomina nas salas, em especial das crianças, são professoras e não professores, e as crianças ficavam surpresas com a presença dele no início, mas como ele bem comenta, logo passava e tudo fluía normalmente. Sobre isto, o professor Timóteo Neres de Oliveira (2020) em sua investigação sobre a temática homens na educação infantil nos diz que:

Historicamente, o cuidado com a criança foi atribuído a figura feminina o que contribuiu para que a presença masculina cause estranhamento em alguns, não nas crianças. A partir deste pensamento, há inclusive iniciativas políticas intencionando restringir, por vias legais, a participação masculina no cuidado das crianças na Educação Infantil. Iniciativas como esta, além de ser um reforçador de preconceitos fere o princípio básico da Educação Infantil: a indissociabilidade do cuidar e educar que vai dizer que cabe ao professor, profissional da educação exercer as funções de cuidado e educação frente à criança. [...] transformando os professores em outsiders, ou seja, os de fora, aqueles que não pertencem aquele lugar e que por isso, para além das questões relativas a formação para estar ali, precisam lidar com a desconfiança que gera vigilância (OLIVEIRA, 2020, p. 128-129).

Assim, percebemos que a feminização do magistério faz parte de uma conjuntura histórica, mas não podemos nos esquecer de que os primeiros professores a lecionar foram homens e tudo era muito natural. Por que será que o assunto “homens na educação infantil” em pleno século XXI ainda gera tanto desconforto e causa tantos tabus? A resposta ainda não sabemos, mas causa esperança saber que o nosso entrevistado egresso do curso, Alesandro, enfrentou todos os discursos de estranhamento e seguiu com a sua formação neste curso de magistério.

Percebemos pelos documentos e relatos que o estágio supervisionado o qual englobava o currículo do curso teve vertentes positivas e contribuiu na formação dos alunos, diante do exposto, nos perguntamos quais professores/as a Escola SEI pretendeu formar?

3.2 Fazer um Magistério “Diferenciado”: Quais professores/as formar?

Nos documentos analisados, a Escola SEI indica que gostaria de formar bons profissionais para a educação, sobretudo, investir na formação docente de nível médio, em um período no qual o magistério ainda poderia ser uma porta de entrada para a docência e o ingresso na educação. Entretanto, tal debate levanta algumas questões e nos permite uma reflexão acerca dos limites da formação de “bons profissionais”, especialmente, considerando aspectos que envolviam uma proposta oferecida em cursos de nível médio, no caso o magistério.

Assim, indagamos em que medida o curso em nível de magistério conseguiria articular teoria e prática, levando os formandos à reflexão crítica sobre a escola e sua função social, como preconizado nos documentos que justificavam a sua abertura, se estes

alunos/as do magistério eram ainda adolescentes com (faixa etária entre 14 e 15 anos) em processos de desenvolvimento e amadurecimento.

Alguns aspectos limitavam a pouca idade que os alunos tinham e a responsabilidade de dar conta dos conteúdos específicos de nível médio, bem como obter uma profissionalização que englobava um extenso currículo, com metodologias e estágios que poderia ocasionado frustração na formação. No entanto, como expressado por alguns dos entrevistados, o ritmo da Escola SEI pode ser visto como bem rígido, principalmente para quem vem de outra instituição, incumbindo a este se adaptar e acompanhar. Esse ritmo no qual seus egressos se referem destina-se aos conteúdos escolares, sobretudo as normas da escola, por se tratar de uma escola cristã, particular e tradicional e possuir regras bem específicas.

A escola lida com normas impessoais. Regras públicas que orientam a vida da sala de aula estabelecem pactos de convivência dos alunos entre si, e deles com professores. A criança, no âmbito dessa vida entre regras, aprenderá a lidar com normas e com rituais que serão distintivos. Ela obterá hábitos de obediência; sim. Mas criará também hábitos de convivência, concentração, atenção, perseverança, disciplina, controle de si. No limite a escola institui, por seus ritos, por suas palavras e por seus sinais, uma cultura que lhe é própria; e que terá certamente um caráter civilizador (BOTO, 2010, p. 38).

A reflexão de Boto (2010) destaca a presença das regras, normas, boas maneiras e disciplina como algo já naturalizado nesta instituição. O que foi sendo transformado e incorporado pouco a pouco por alunos, pais e professores/as, e resultou em uma educação civilizadora (BOTO, 2017), e Alesandro explica melhor dizendo que:

Não é nada de querer privar ou humilhar o aluno. Eles ensinam o aluno dentro do que é certo ensinar e se o aluno falha eles o fazem enxergar a falha que cometeu para não errar mais. E se juntar com a educação que o aluno tem dentro da casa a escola só vai potencializar (ALESANDRO, 2019).

Ou seja, as formas de trabalho que a instituição adota, assim como a ponderação de condutas em busca de uma civilidade são adotadas todos os dias e reforçadas na escola até que seja aprendido pelos indivíduos e incorporados como comportamentos sociais, de tal modo que se torne um *habitus*, algo vivenciado e aprendido chegando a se tornar naturalizado o que podemos chamar elisianamente de segunda natureza (ELIAS, 1994).

No que tange a coordenação e direção, temos uma gestão em família como aponta a professora Tatiane.

A direção da escola é muito unida, é uma gestão em família. São rígidos, prudentes e têm o pé no chão. E o mais importante, eles sabem que Deus é que os capacita e são imensamente gratos por tudo que fazem e por tudo que construíram em relação à Educação [...] Conhecem muito bem os alunos e os funcionários (TATIANE, 2019).

Destacamos que o professor Gutierre e a professora Ezir são casados e fundadores da escola, trabalham desde o início com seus filhos, nora e neta em uma relação familiar na gestão da instituição, fato este que se deve em grande parte pela segurança em ter um empreendimento nas mãos de pessoas próximas facilitando o controle. Vemos, ainda, a descrição de uma direção rígida, prudente, tradicional e com o cristianismo presente. Possui o seu próprio modo de formar, pautado na experiência de vida e de estudos da professora Ezir, bem como nos princípios éticos/morais/cristãos que eles acreditam.

A forma de trabalhar no modelo em que a Escola SEI é conduzida, muitas vezes é vista como rígida e tradicional pelas regras, normas e disciplina exigida e talvez isso se deva, em grande parte, pela centralidade das ações que ficam em torno da professora Ezir, resultado de sua preocupação com o campo da educação. Alesandro fala sobre este aspecto salientando que a coordenação e direção são:

Semelhantes aos comandantes que tenho na polícia hoje só que sem continência. Por que, eles sempre primavam à boa educação, mas pela disciplina, cumprimento de horários, combinados, palavras, cumprimento da honra na palavra. Para mim, isso serviu um monte. Tanto é que quando cheguei na Polícia Militar, não tive dificuldade de me adaptar, por que ali é tudo com regra disciplinável. E eu não levei nenhuma punição até hoje na minha carreira por quê? Porque eu aprendi no SEI, questões simples como o hino nacional. Eu me encaminhei dentro da polícia, por conta desta disciplina e deste jeito que eles nos educavam e nos orientavam, eles são linha dura, mas do jeito certo (ALESANDRO, 2019).

Vemos nesta fala, a confirmação da disciplina existente na escola e o controle dos comportamentos dos indivíduos, tanto que Alesandro chega a compará-la com a forma de trabalho da polícia, como ele diz uma forma de trabalhar “linha dura”. Segundo ele foi algo positivo, serviu e facilitou no seu processo de amadurecimento e crescimento pessoal na vida adulta, uma estratégia de ensino particular da Escola SEI que é aceita e internalizada pelos alunos.

Como Boto (2010, p. 37) nos ensina que as “estratégias escolares de instrução, formação e civilização instituem maneiras de preparar a infância e a adolescência para habilidades e saberes que lhes serão, por suposto, requeridos na vida adulta”. E pelo o que as nossas fontes “falam”, é justamente isso que aconteceu com estes 10 alunos/as formados, em especial a estes 4 alunos/as entrevistados/as, os saberes passados na formação dada pela Escola SEI e no curso de magistério refletiram nos adultos que se tornaram.

No magistério eu me descobri, eu tive um contato maior comigo mesma, eu assumi o meu estilo, tudo que era meu e eu não tinha coragem veio à tona e se apresentou a mim ali no meu primeiro dia de aula do magistério. Foi um período reservado para eu poder me constituir no que decidir, o magistério foi o ponto alto do SEI, foi a miniatura da beleza toda do SEI compactada, desabrochando... é o resumo de tudo o que o SEI tem, foi único, não tem como descrever, foi o maior presente que a minha mãe me deu ao propor este curso (JANAINA, 2020).

Uma formação que misturava rigidez com carinho, de forma que impulsionasse estes, então adolescentes, a algum lugar que se sentissem confiantes e satisfeitos. Para alguns, antes quatro anos de formação foram necessários para amadurecimento, para outros para obter confiança e para outros para ter discernimento. Vale lembrar aqui que a proposta do curso consistia em oferecer uma educação integral, ou seja, que formasse o indivíduo integralmente, mediante um currículo diferenciado, tendo como eixo norteador a criança, com perspectivas de formação que contemplassem os diferentes campos, fosse de natureza social ou intelectual, reafirmando a filosofia educacional da instituição. Além de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade.

O SEI é cinquenta por cento da minha vida é a minha família e o SEI os outros cinquenta. O homem que eu sou, a formação que tenho, a educação, todos os predicados que um ser humano pode ter de forma positiva, foi o SEI que me encaminhou. Personalidade forte, caráter, perseverar, perseguir, vencer... minha vida é bem construída pelo cinquenta por cento do SEI com certeza (ALESANDRO, 2019).

Neste caso, o intuito de fornecer uma educação integral demonstra ter sido atendido, pois formaram não só cientificamente na perspectiva dos conteúdos, mas também moralmente, de modo que estes homens e mulheres atuassem na sociedade de forma positiva. A forma com que abordaram o currículo seguiu a Base Comum Nacional, mas teve o jeito peculiar de ensinar orientado pela professora Ezir, incluindo práticas para o

magistério, somada a formação de valores pautados em uma educação cristã, respeito cívico e o caráter, conforme a documentação.

Assim como a filosofia da escola, apontado na documentação, é calcada em formar cidadãos críticos e tementes a Deus, uma orientação firme, preocupada com a formação integral do aluno, busca desvendar suas potencialidades através das múltiplas atividades e ensino voltado para uma educação cristã. Deste modo, o fato de muitas vezes as ações da escola e dos seus agentes envolvidos serem vistos como rígidos, se confirma com o desejo de fornecer uma orientação aliada às outras formas de trabalho, potencializando o indivíduo e atingindo os objetivos formativos propostos, que seriam “motivar cada aluno a gostar de ensinar, saber como ensinar e conhecer o que vai ensinar, crendo que desta forma estariam contribuindo para o resgate da credibilidade do professor na sociedade” (SED/MS, 1994).

Deste modo, compreendemos que a Escola SEI quis formar bons profissionais, professores e professoras, que tivessem as técnicas e teorias necessárias, mas também uma formação de valores, de cidadania e de respeito. Profissionais que fossem trabalhar com crianças e que as formassem integralmente assim como foram formados. Um curso de magistério diferenciado que formou não só para o cotidiano da sala de aula, assim como para as circunstâncias da vida.

3.3 “O sonho acabou”: o encerramento do curso

Após o cumprimento de toda carga horária e atividades avaliativas, temos então no ano de 1998 o total de 10 alunos formados pelo curso de magistério da Escola SEI, sendo 9 meninas e 1 menino, assim como mostrado no quadro abaixo:

Quadro 11: Relação de Formandos

Quantidade	Nome Completo
01	Alesandro Silva Ferreira
02	Elaine Alves da Silva Palacio
03	Erika Moreira
04	Janaina Bianchi de Matos
05	Luciana Baggio Cassel

06	Paula Ferreira Quedi Taborda
07	Silvia Helena Martins da Silva
08	Tatiana Aleixo Bologna
09	Tatiane Silveira Doffinger
10	Vanessa Paiva Reynoso Ramos

Fonte: Ata de resultados finais 1998.

A documentação por nós analisada nos mostrou que o curso de Magistério oferecido pela Escola SEI, era bem organizado, tinha uma proposta curricular definida, uma equipe técnica e docente com todas as condições de realizar o trabalho com eficiência, contudo, isso não foi suficiente para a continuidade do curso, que encerrou suas atividades a partir de 1998, mesmo tendo iniciado com um pequeno grupo.

Com o pequeno número de ingressantes que se manteve durante toda a trajetória do curso, em 27 de fevereiro de 1998 foi organizado, pela equipe gestora, um processo solicitando a desativação do mesmo, nos últimos quatro anos foram apresentadas as devidas justificativas para o encerramento. Entre os motivos pelos quais tal solicitação foi feita, podemos elencar pelos documentos:

- Há uma saturação de profissionais na área de ensino;
- Não há uma política educacional que valorize o professor, de uma forma geral;
- O baixo salário desestimula a procura por cursos de formação para o magistério
- Um descrédito muito grande por parte da sociedade, nessa profissão por conta das inúmeras greves de professores ocorridas na época da implantação do curso em pauta;
- No ano de 1997 não houve nenhuma matrícula para a 1ª série do referido curso.
- A nova LDB exige num prazo não muito longo, que os professores devam ter curso de licenciatura ou normal superior para atuarem na educação infantil e nas quatro primeiras séries do 1º grau, optando assim pela desativação do curso (SED/MS, 1998).

Ao nos atentarmos aos documentos identificamos que havia muitas preocupações que colaboraram com o seu encerramento, entre estas: a baixa procura pela carreira docente decorrente de uma provável desvalorização da profissão; a escola de caráter privado concorrendo no município com mais duas outras experiências públicas de cursos de magistério e posteriormente, as mudanças na legislação educativa brasileira que alterou as regras da formação docente priorizando-a no Ensino Superior.

[...] durou apenas quatro anos com única turma, a gente pensava que teria muito procura, mas já não estava tendo mais. Eram poucos alunos e destes poucos alunos ainda tinham uns que eram filhos de professores. Na escola SEI os filhos de professores tem gratuidade no ensino, então o que rendia das mensalidades era muito pouco, não dava nem para pagar os professores todos. Além dos poucos alunos alguns eram filhos de professor como o Alesandro filho da professora Lurdinha. Com isso não formou nenhuma outra turma, por que na realidade estava tendo prejuízo. Eu e a Ezir dávamos aula e não recebíamos nada, por que mal dava para pagar os outros professores. A tia Ezir tinha mais despesa com uma sala do magistério aberta, energia e outras despesas e o curso não dava renda nenhuma e a escola precisava. Foi só aquela turma quando se formaram na 4º serie encerrou (NIZE, 2020).

No entanto, esse contexto de falta de público para a formação docente tem sido um problema ao longo dos anos e sempre se esbarra em inúmeros entraves, não somente para a Escola SEI em um determinado período, mas na escola de um modo geral, assim essa ausência de público tem sido sentida ao longo dos anos, mesmo nas oportunidades de formação básica, pois os processo de desvalorização da profissão docente e dos profissionais da educação, esbarravam e, infelizmente, ainda continuam esbarrando em inúmeros entraves que poderíamos elencar como condições inadequadas de trabalho.

As autoras Lapo e Bueno (2003, p. 69) discorrem sobre o abandono da profissão docente, eles apontam que “os dados obtidos permitiram constatar que de 1990 a 1995 houve um aumento da ordem de 300% nos pedidos de exoneração no magistério público, em São Paulo, com um crescimento médio anual de 43%” o que corrobora com a desvalorização da profissão e conseqüente com a falta de interesse do público em obter tão formação.

Entre estas podemos citar: falta de recursos financeiros para as instituições, ausência de programas de formação continuada, insuficiência de materiais pedagógicos, processo ineficiente na organização de tempos que possibilitem planejamento das aulas e atividades docentes, por fim, não menos importante a remuneração, os planos de carreira, as perspectivas de ascensão da carreira, sempre insuficientes diante do importante papel político e social que os docentes de todos os níveis da sociedade brasileira desempenham. Por essas e tantas outras motivações que “[...] encerrou-se só com essa turma por que a escola só tinha prejuízo e não tinha procura, então oferecer uma coisa que ninguém mais está querendo do que adianta? Hoje em dia professor não é valorizado pelos órgãos” (NIZE, 2020). Nessa perspectiva,

[...] a carreira e os salários dos professores deveriam ser definidos em consonância com o valor e a importância que esses profissionais têm na sociedade contemporânea [...] inclusive para atrair pessoas com boa formação e permitir uma jornada de trabalho compatível com a especificidade do trabalho docente [...]. Se o professor é peça-chave na promoção da qualidade do ensino, para que esse profissional possa dar conta dos anseios e das expectativas sociais depositados na escolarização, se faz necessário propiciar condições [...]. Resta saber o quanto, de fato, existe de espaço, nas agendas neoliberais dos governos, para a valorização do magistério, para além de políticas que, em direção contrária, visem ao controle e à intensificação de seu trabalho (JACOMINI; PENNA, 2016, p. 198).

Tal conjuntura permitiu a reflexão sobre a formação e a necessidade da qual a professora Ezir aponta ao falar do processo formativo de professoras e professores qualificados, mas que não estaria somente ao alcance de um curso de formação, como também sujeito ao aparato legal ao qual a escola como instituição social esteve sujeita durante todo o período e posteriormente à sua criação.

Nessa perspectiva, da formação e da promoção do desenvolvimento integral, a partir do arcabouço legal, se impõe a direção de uma educação democrática e cidadã, portanto, a proposta da formação havia que ser pautada por uma documentação que obedeceria a Constituição Federal - CF (1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9394/96 (1996) que estavam em processo de aprovação no período de criação do magistério da Escola SEI. Importante destacar que até o ano de criação do referido curso, qual seja, o ano de 1994/1995, a Escola SEI ainda tinha por base de regimento a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 5.692/1971 (BRASIL, 1971).

Nesse contexto, a instituição acompanhou a legislação sabendo que a formação de professores/as necessitaria ser orientada por uma legislação que iria em determinada direção, pois em geral a trajetória da formação dos profissionais da educação é ajustada constantemente à imagem do projeto educativo nacional, tal projeto pode orientar o pensamento das novas gerações e direcionar para as transformações sociais ou para à manutenção das estruturas já existentes (SCHEILE, 2008), a instituição pode fazer escolhas e projetos educativos de renovação ou de manutenção de suas propostas atendendo as demandas legais.

Observamos nos documentos que embora a Escola SEI tivesse necessidade legal de seguir uma documentação específica, as escolhas para seu projeto pedagógico poderiam pautar-se em suas concepções de formação, que fosse na direção proposta pelo grupo de

formadores, no sentido de buscar uma educação para a cidadania, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, preconizar uma formação pautada em compromissos sociais, políticos, educativos com a educação e à docência.

Tendo exposto isso, houve a oficialização do encerramento do curso e a cerimônia de formatura. Sobre este momento Luciana (2019) rememora alguns fatos:

Foi lindo, eu lembrei até da roupa agora, um vestido vermelho, eu lembro de nós sentados, a música... nós entramos pela lateral, a Janaina com vestido preto, o Alesandro todo arrumado, por que ele é era o único homem. Tinha a Silvia, a Paulinha, a Janaina, a Tatiana e Tatiane.

Tatiane (2019) se recorda e nos relata alguns detalhes sobre a colação de grau e professores homenageados:

Foi uma formatura pequena de dez alunos, mas muito bonita. A Colação de grau foi no SESI, e eu fui oradora da turma. Quem falou dos professores foi a Nize, ela falou das características de cada um, e nos deu rosas, todo mundo chorou. O Aristides foi o mestre de cerimônia.

A professora Nize também relembra deste momento dizendo que:

A formatura foi no atual SESI, muito bonita e emocionante. As gurias também estavam muito emocionadas eu me lembro que fui paraninfa e fiz um discurso sobre cada uma, por que eu conhecia a fundo cada uma, eu falava como se falasse para uma filha minha. Depois fomos todos a pizzaria (NIZE, 2020).

E sua filha Janaina disse: “Eu escrevi um texto e ali no dia da formatura para todos, foi muito alegre estava com o meu pai, minha mãe e preparada para ir cursar psicologia” (JANAINA, 2020) reafirmando que os quatro anos fazendo o magistério contribuiu para o discernimento da sua profissão.

Imagem 23: Colação de Grau e homenagem

Fonte: Arquivo pessoal Tatiane 1998.

O egresso Alesandro também partilha suas lembranças sobre a formatura apontando que:

Foi uma mistura de coisas, eu estava feliz por estar formando, feliz por dar orgulho a minha mãe. Triste por que meu pai estava para morrer, acho que três semanas depois ele faleceu, minha mãe também estava nesta mistura, eu queria que ela sorrisse, mas eu sabia por que era, foi uma mistura de sentimentos. Os professores tiveram um carinho a mais comigo, seu Gutierre falou algo bacana para mim naquele dia, nunca esqueço (ALESANDRO, 2019).

Reafirmando que esse curso de formação não estava lidando apenas com números, lucros ou conteúdo, até porque o curso iniciou defasado no que tange aos aspectos de legislação e financeiro, mas sim, estavam preocupados com a formação, o afeto demonstrado por cada um ao serem chamados pelo nome, mesmo que as vezes feito de forma mais firme. E para finalizar, uma foto com os 10 formandos do Curso de Habilitação Específica ao Magistério de 1º e 2º Graus ofertado pela Escola Serviço de Educação Integral-SEI no período de 1995 a 1998.

Imagem 24: Formandos do curso de magistério



Fonte: Arquivo pessoal Tatiane.

Um curso que começou com 12 alunos/as e terminou com 10 alunos/as, resultou em uma queda nas expectativas da equipe gestores, pois este curso foi pensado e planejado para atender uma nova turma a cada ano, no entanto não houve procura. Segundo relatório de desativação da SED/MS/1998, a instituição ainda aguardou o início do ano de 1998 para tomarem a decisão, mas não houve a demanda esperada assim a direção da escola com o agravante da parte financeira por manter poucos alunos, optou pela desativação do curso.

Ao final desta pesquisa, decidimos por evidenciar as palavras de uma das egressas do curso ao imprimir o significado deste para a sua vida “Foi o melhor curso que já fiz, foi um curso que eu não precisava fazer mais nada, não precisava de outras licenciaturas” (TATIANE, 2019). De fato, este foi um curso que sobreviveu por pouco tempo, formou apenas uma turma, mas foram sobretudo, quatro anos de atenção e dedicação aos alunos que ali estiveram. Seus relatos expressam e revelam o apreço, resultado da formação e o sentimento que estes têm ao lembrar dos seus tempos de alunos na Escola SEI. Enfim, o tempo de plantio da Escola SEI foi breve, mas as dez sementes que foram plantadas, regadas e cuidadas deram bons frutos e continuam a lançar novas sementes por onde passam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Em busca de um novo mundo
Ezir Bomfim E. Gutierre*

*Num frágil barco
A navegar,
Sou marinheiro
Diante do mar
Pouco de triste
A recordar,
Só imensidão
Para enfrentar,
Sigo, minha vida levando
Com meus sonhos vagando
No dever de estudar.
Sinto, no amor que me cerca,
A amarra segura
Que me evita afundar.
Solto, no oceano profundo,
Meus anseios de um mundo
Onde eu possa ancorar.
Mundo, onde algum dia,
Vou viver na alegria
De viver pelo amor de amar.
Num frágil barco
A navegar,
Sou marinheiro
Diante do mar.
No amanhã
Que já virá
Do SEI querido
Devo guardar
Boas lembranças
Curso que fiz
Muita esperança
De ser feliz.*

Partimos inicialmente da relevância pessoal com a temática acerca da formação docente, quando da minha primeira aproximação com o fenômeno educação foi a atuação enquanto professora leiga, e posteriormente busquei uma formação profissional. Tal fato aproximou, envolveu e comprometeu os caminhos com a educação, chegando a este momento das considerações finais de uma pesquisa acadêmica, Dissertação de Mestrado, ao registrar historicamente a necessidade de investimento na educação e no aprimoramento

das políticas públicas para o acesso e a permanência em todos os níveis educacionais, bem como o financiamento de pesquisas.

Tendo exposto isto, gostaríamos de apontar que ainda existem lacunas no que concerne a pesquisas que abordem a trajetória/ história dos cursos formadores, em específico os que Habilitavam ao Magistério. E o curso, por nós investigado, demonstra por meio das fontes, uma proposta de formação curricular bem estruturada e com o objetivo de formar bons professores. No entanto, este curso estava no meio de um período transitório de legislações, pois o magistério em nível nacional foi regulamentado por meio da Lei nº 5.692/1971 (BRASIL, 1971) e no ano seguinte, por meio do Parecer nº. 349/1972 (BRASIL, 1972). Enquanto isso, tramitava no Congresso Nacional, a discussão da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a qual trouxe, muitas mudanças sociais e educacionais em diversos sentidos.

Ao ser promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDBEN-Lei nº 9394/1996, determinou que somente profissionais de nível superior atuassem na educação básica, e ocasionou aos poucos o fechamento dos cursos de magistério. O contraditório é que na mesma Lei abriu-se precedente para a contratação de pessoal de nível médio na modalidade normal, conforme Art. 62: “A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal”. Ou seja, de algum modo o magistério ainda seguiu em pauta, porém em diferentes moldes daquele preconizado pelas escolas de nível médio e como o que estava sendo oferecido pela Escola SEI.

O magistério da Escola SEI começou a ser oferecido em 1995, um ano antes da promulgação da nova LDBEN com as alterações já citadas, o que, em certa medida, serviu também para justificar o fechamento do referido curso em 1998, mas também fez com que este começasse em termos legais, tendo que se adequar as novas leis da educação e mudar a proposta pautada na legislação anterior, pois a legislação mudou de um ano para o outro.

No entanto, este não foi o único elemento que contribuiu para o seu encerramento, tendo em vista que o curso funcionava em um contexto de outras três escolas de formação na mesma cidade, sendo duas do ensino público e gratuito, o que pode ter contribuído para a diminuição do número de matrículas daquele esperado pela direção. Sendo assim, por se

tratar de uma escola particular, o baixo número de matrículas prejudicava a folha de pagamentos e não gerava lucros, impossibilitando a continuidade do pagamento para docentes, embora se utilizasse toda a estrutura da escola. Contudo, a instituição, mesmo com poucos recursos, manteve o bom andamento da formação e o comprometimento com os discentes durante toda a execução do curso, segundo os relatos e documentos.

O que nos parece interessante ao desenvolver esta pesquisa é que o foco não ficou na frustração do encerramento do curso ou na interrupção deste projeto. E sim, na qualidade que o curso foi levado, e como os dez discentes conseguiram ser formados mesmo em meio a estas adversidades. Ao transitarmos pelos documentos e pelos depoimentos isso se confirma e mostra o diferencial do curso em comparação aos demais. O afeto com que os alunos falam da Escola SEI e da experiência que tiveram torna visível o tipo de serviço que foi prestado, um curso com práticas mais rígidas, mas envolto de carinho e atenção com aqueles adolescentes.

Sobre a problemática em que esta pesquisa foi gerada, podemos inferir que o cenário da formação docente neste período, mesmo com a nova legislação, ocorria em outras escolas ofertantes e continuou em ascensão até meados de 2002, mostrando que ainda havia um público interessado em cursar o magistério, pois a legislação abriu um precedente no artigo 62, conforme mencionado.

Este curso ofertado pela Instituição pesquisada, se assemelhava aos outros existentes na cidade de Dourados no quesito currículo, no entanto difere na quantidade de alunos atendidos e no turno escolhido para as aulas, a maioria das demais escolas ofertavam no período noturno e a Escola SEI apenas no período matutino, fator que dificultava aqueles que necessitavam trabalhar durante o dia. Logo, o público desse curso era diferenciado, pois sendo em um período matutino não favorecia uma parcela do perfil de trabalhadores, além, do fato de ser uma instituição privada.

Outro ponto que chama atenção no resultado dessa formação foi a “paixão” e até certa “devoção” demonstrada nas entrevistas ao mencionarem suas lembranças sobre o curso, a instituição e o período vivido na escola SEI. Muitos destes egressos atualmente são pais e mães e direcionaram seus filhos e filhas para estudarem na escola por sentirem-se seguros e confiantes com a educação recebida.

Sobre as motivações para a criação de um curso de magistério na Escola SEI, considerando ser uma instituição privada, a pesquisa aponta que ocorreu devido a escola estar em expansão dos níveis educacionais quando mudou-se para as novas instalações do

prédio próprio em meados da década de oitenta. Mas, também, pelo desejo de ter um curso que pudesse ser elaborado conforme os princípios e perspectiva de educação que a professora Ezir possuía e queria imprimir na formação docente, uma formação tradicional, mas também de certa forma com práticas inovadoras. Na sua concepção uma oportunidade de formação docente com tudo aquilo que ela acreditava, unindo os saberes técnicos com o lado afetivo e os princípios cristãos – a junção da firmeza com o carinho na formação desses docentes.

A formação destes professores/as aconteceu em meio à transição de legislações, e a uma concorrência de público com outras três escolas e com um número de matriculados muito abaixo da média. Mas, estas intercorrências não permitiram que a formação fosse afetada e o nível de ensino estabelecido em seus objetivos foi mantido e gerou dez professores/as formados e prontos para o mercado de trabalho. Os docentes, pelo o que a documentação demonstra, foram escolhidos com cuidado e estavam sempre sobre a supervisão da professora Ezir e os conteúdos eram bem diversificados primando a formação integral desses indivíduos. O estágio como disciplina obrigatória na formação docente, embora realizado no interior da Escola SEI, permitiu uma boa experiência prática aos alunos.

A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei nº 9.394/ 96 (BRASIL, 1996), Lei que estabeleceu, em seu Art.62, normas para a formação de docentes para atuar na educação básica, não foi somente um aspecto que contribuiu para o término do curso, pois devemos incluir nesta decisão a inexistência de lucro, a falta de público no curso desde os anos iniciais.

No entanto, a contribuição deste curso, no ponto de vista dos envolvidos, foi realmente de uma formação integral, em seus relatos contam que o conhecimento técnico aprendido foi suficiente para a sua formação que era uma formação individual, com atendimento personalizado, pois era um número reduzido dos discentes, então todos podiam ter atenção integral, contudo precisavam se esforçar ao máximo para atingir o nível de exigência da escola e do curso. Além disso, havia os aspectos cristãos e sociais no qual a instituição se comprometeu, os mesmos eram sempre aconselhados, acompanhados e respeitados, segundo os relatos, em muitos momentos assemelhava-se a um ambiente familiar no qual os pais orientam seus rebentos em quais caminhos devem seguir.

Nossas hipóteses iniciais sobre a criação do curso eram: por questões financeiras para agregar serviços, e ou ainda, pela escassez de escolas particulares que ofertavam este

curso diurno na cidade de Dourados; e para atender a uma demanda de alunos/as que esperavam dar continuidade aos seus estudos por estarem naquela instituição desde a educação infantil. No entanto, a pesquisa demonstrou que o curso não obteve lucros; já existia uma instituição privada ofertando o curso na cidade de Dourados; e que houve sim alguns alunos que estavam à espera da criação deste curso, mas não foi o suficiente para que o mesmo prosperasse. Assim, a criação da instituição se deu pelo sonho da professora Ezir em elaborar um curso que formasse docentes segundo os seus princípios, valores e experiências.

E a hipótese sobre o encerramento de que: O mesmo tenha sido encerrado por conta da normativa legal sobre a formação de professores/as e, provável falta de público no período, considerando o fato de ser uma instituição de caráter privado, com curso diurno que atendia somente a uma determinada faixa da sociedade. Com base nessas hipóteses, a investigação confirmou que o mesmo foi encerrado devido à falta de procura e consequentemente déficit financeiro.

Assim, acreditamos que os nossos objetivos foram atingidos. No entanto, esta pesquisa não se encerra aqui, mas para no momento, nos sentimos contempladas por poder inserir no campo da História da Educação a trajetória e memória desse curso de Formação de professores/as existente na cidade de Dourados. E para que seja possível dar continuidade as descobertas que a história nos proporciona, lançamos aqui algumas sugestões de pesquisas que foram suscitadas ao desenrolar desta investigação e que poderá contribuir para novas descobertas. Desta forma, sugerimos a realização de estudos sobre a história, memória e trajetória dos cursos de magistérios que existiram nos distritos do Município de Dourados (Vila Vargas, Panambi, Indapólis); bem como a investigar o curso de magistério oferecido pela Escola Vilmar Vieira de Matos que possui vasta documentação ainda não analisada e pesquisada. E, ainda, verificar o curso de magistério oferecido pela Escola Imaculada Conceição que certamente acrescentará para o campo da história da educação.

Encerramos por aqui com essa escrita, nos limites desta pesquisa, com um fragmento da canção que utilizamos na epígrafe destas considerações “*Do SEI querido devo guardar boas lembranças do curso que fiz*” ... digo: *Do curso que pesquisei*.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.
- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- ALBERTI, Verena. *Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. 11f.
- ALMEIDA, Aline Martins de. Ritualização das práticas e do cotidiano escolar no primeiro jardim de Infância Público de São Paulo. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 41-62, set./dez. 2017.
- AMARO, Eliane Maria. *Escola Franciscana Imaculada Conceição: História da instituição educativa na região de Dourados, sul de Mato Grosso (1955-1975)*. fl. 236. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2018.
- ANJOS, Juarez. O arquivo como um “lugar para a história” reflexões a partir da prática de pesquisa em história da educação no oitocentos. *Revista HISTEDBR On-line*. n.46, p. 173-189, jun. 2012 - ISSN: 1676-2584.
- BDTD, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>> Acesso em: 01. abr. 2020.
- BITTAR, Marisa. *Mato Grosso do Sul: do estado sonhado ao estado construído*. São Paulo, 1997, 540 p. Tese.
- BITTAR, Marisa. Sonho e realidade: vinte e um anos da divisão de Mato Grosso. *Multitemas*, Campo Grande, (15): 93- 124, out. 1999.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BONEMY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001.
- BOTO, Carlota. *A liturgia escolar na idade Moderna*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2017.
- BOTO, Carlota. A racionalidade escolar como processo civilizador: a moral que captura almas. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 23, núm. 2, 2010, pp. 35-72 Universidade do Minho Braga, Portugal.
- BOTO, Carlota. *Ler, Escrever, Contar e se Comportar: a Escola Primária como Rito do século XIX Português (1820-1910)*. Tese de Doutorado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1997.
- BOTO, Carlota. *A liturgia escolar na idade Moderna*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2017.
- BOTO, Carlota. A racionalidade escolar como processo civilizador: a moral que captura almas. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 23, n. 2, pp. 35-72, Universidade do Minho Braga, Portugal, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. A. Accardo et. al. *A Miséria do mundo*; Petrópolis, RJ: .Vozes, 1997.
- BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 5.941, de 28 de outubro de 1943. *Cria a Colônia Agrícola Nacional "Dourados", no Território Federal de Ponta Porã, e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro.

Seção 1, 30 out. 1943. p. 16115. (Publicação Original). Acervo do Centro de Documentação de Dourados. Dourados, MS: CDR/FCH/UFGD.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

BRASIL. Lei 5.692/71, de 11 de agosto de 1971. Diário Oficial da União, Brasília, 12 ago. 1971. Disponível em: <<http://www.soleis.adv.br/>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

BRASIL. Lei 5692, de 11 de agosto de 1971. *Estabelece Diretrizes e Bases para a Educação Nacional*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 12 agosto. 1971.

BRASIL. Lei complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977. *Cria o Estado de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 12 out. 1977. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil/_03/Leis/LCP/Lcp31.htm>. Acesso em: 21 abr. 2020.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados 5ª edição, 2010. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/igdema/institucional/documentos/ldb-lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-nacional/>>. Acesso em: 06. ago. 2019.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB*. Brasília, DF, 1961.

BRASIL. Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971. *Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências*. MEC. Ensino de 1º e 2º grau.

BRASIL. MEC. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Previdência e Assistência Social. *Programa de Erradicação do Trabalho do Trabalho Infantil (PETI): Manual de Orientações*. 1. ed. Brasília, DF: MPAS, 2002.

BRASIL. Parecer nº 349/72 de 6 de Abril de 1972 do CFE. *Exercício de Magistério em 1º grau; habilitação específica de 2º grau*. MEC.

BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 4024/61*. Brasília: 1961.

BRAZIL, Maria do Carmo; MANCINI, Ana Paula. História das instituições formadoras de professores na fronteira Brasil-Paraguai: o caso de Dourados, Mato grosso (uno) -1940-1970. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v. 15, n. 1, p. 123-136, jan./abr. 2012.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. *Instituições Escolares: por que e como pesquisar*. 2.ed. Campinas: Alínea, 2013.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CELLARD, André. A Análise Documental. In: POUPPART, Jean. et al. *Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Trad. Ana Cristina Arantes Nasser. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CONSTANTINO, Nuncia Santoro de. Teoria da história e reabilitação da oralidade: convergência de um processo. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *A aventura (auto)biográfica—teoria & empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 37-74.

COSTA, Marliane. *A constituição da identidade docente na escrita de memoriais em turmas de magistério*. 2016. 136f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

D'ARAUJO, Maria Celina. *As Instituições brasileiras da Era Vargas*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. 212p.

DELGADO, Lucilia. FERREIRA, Marieta. História do tempo presente e ensino de história. *Revista História Hoje*. V. 2, Nº 4, p. 19-34, 2013.

DELGADO, Lucilia. História Oral e Narrativa: tempo, memória e identidades. *VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO)*. Dossiê, Conferência de Abertura, 2003.

DELGADO, Lucilia. *História oral: memória, tempo, identidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v25n1p177-193>.

DOURADO, L. F.; CATANI, A.; OLIVEIRA, J. F. (Orgs.). *Políticas e Gestão da Educação Superior: transformações recentes e debates atuais*. São Paulo: Xamã, 2003.

ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador*. Uma história dos costumes. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ESCOLANO, Agustín (1998). Arquitetura como programa: Espaço-escola e currículo. In: VINÃO FRAGO. *Currículo, espaço e subjetividade: arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A.

FARIA, Adriana Horta De. *Trajetórias docentes: memórias de professores homens que atuaram com crianças no interior de Mato Grosso do Sul (1962-2007)*. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) 2018.

FERNANDES, Eloísa Bittencourt. *Expansão universitária em Mato Grosso do Sul: 1979- 2001*. Dissertação de Mestrado em Educação da UCDB.

FERNANDES, M. D. E; FREITAS, D. N. T. Percursos e desafios da municipalização do ensino fundamental em Dourados, MS. In: Reunião anual da ANPED: novo governo. Novas políticas? Poços de caldas. *Anais*. 2003.

FREITAS, M. C.; BICCAS, M. S. *História Social da Educação no Brasil (1926-1996)*. São Paulo: Cortez, 2010.

FURTADO, Alessandra. Os Arquivos Escolares e sua Documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação. In: *Revista de Ciência da Informação e Documentação*, v. 2, n. 2, p. 145-159, 12 dez. 2011.

FURTADO, Alessandra; MARQUES, Inês Velter. *Fontes para pesquisa e escrita da história da educação em Dourados e região (1940-1990): mapeamento e inventário*. SBHE. Cuiabá/MT, p. 1-12, 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7//>. Acesso em: 12. fev. 2019.

FURTADO, Alessandra; SARAT, Magda. Memórias e histórias da profissão docente: escolas rurais no interior do Estado de São Paulo (1950-1970). In: *VI Congresso Brasileiro de História da Educação: invenção, tradição e escritas da História da Educação no Brasil*. Vitória/ES: UFES, 2012.

GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1993.

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. et al. *Professores do Brasil: novos cenários de formação*. Brasília: UNESCO, 2019.

GATTI, Bernardete. *A formação de professores no Brasil: características e problemas*. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br/> Acesso em: 07. mai. 2020.

GINZBURG, Carlo Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, Umberto & SEBEC, Thomas A. *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. – São Paulo: Cia. das letras, 1989.
- GONÇALVES, Carlos Luiz Gonçalves; PIMENTA, Selma Garrido. *Revendo o ensino de 2º grau: propondo a formação de professores*. São Paulo; Cortez. 1990.
- GRATIVOL, Samara. *Educação “pré-escolar” em Dourados: A escola a serviço de educação integral - SEI (1980-1995)*. Dourados, 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, FAED – Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Dourados/MS, 2017.
- GRESSLER, Lori Alice. SWENSSON, Lauro Joppert. *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul: destaque especial ao município de Dourados*. Dourados: 1988.
- INEP/MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *A educação no Brasil na década de 90: 1991-2000*. Brasília, 2003.
- JACOMINI, Márcia Aparecida. PENNA, Marieta Gouvêa de Oliveira. Carreira docente e valorização do magistério: condições de trabalho e desenvolvimento profissional. Pro-posições. ISSN 1980-6248 V. 27, N. 2 (80) | maio/ago. 2016 177-202.
- LAPO, Flavinês Rebolo. BUENO, Belmira Oliveira. Professores, desencanto com a Profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, março/ 2003.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LOPES, Eliane M. T. e GALVÃO, Ana M. de O. *História da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LUCHESI, Terciane Ângela. Modos de fazer história da educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. *Hist. Educ. [Online]*. Porto Alegre. v. 18. n. 43. Maio/ago. 2014. p. 145-16.
- MAGALHÃES, Justino. A construção de um objecto do conhecimento histórico. Do arquivo ao texto – a investigação em história das instituições educativas. *Educação Unisinos* 11(2):69-74, maio/agosto 2007.
- MAGALHÃES, Justino. Rito escolar – perspectiva histórico-pedagógica. *Rev. HISTEDBR On-line, Campinas, v.17, n.3 [73], p.714-731, jul./set. 2017*.
- MAGALHÃES, Justino. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.
- MANCINI, Ana Paula; SARAT, Magda Oliveira; SILVA, P. N. O. História e Memória: Normalistas do Instituto Educacional de Dourados 1940-1949. *Educação e fronteiras*, Dourados: UFGD, v.1, n. 1, p. 119-132, jan./jul. 2007.
- MARQUES, Ines Valter; IRALA, Clovis. Acervos públicos e arquivos escolares: fontes para o estudo da história das instituições educativas no sul de mato grosso (1940-1977). In: PINTO, Adriana Aparecida, FURTADO, Alessandra Cristina (Org). *A História da educação em Mato Grosso do Sul: temas e abordagens*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2017.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MELLO, Valter Acássio de. *A expansão da educação superior pela estratégia da interiorização: nexos com os bons resultados do IDEB em Mato Grosso do Sul*. Dourados, MS: UFGD, 2010. Dissertação.174f.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, M. T. S. Razões para guardar: a escrita ordinária em e arquivos de professores/as. *Revista Educação Em Questão*. 2006, 40-61. Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8286>.

MORAES, Luisa Emilia Lima de (2009). Adeus professores. O magistério acabou. *ETD - Educação Temática Digital*, 10(1), 254-254. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1031>.

NÓVOA, Antônio. *Formação de professores e profissão docente*. In: NÓVOA, A. (org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1992.

NÓVOA, Antonio. *Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.

OLIVEIRA, Lúcia Helena M. M; JÚNIOR, Décio Gatti. História das instituições educativas: um novo olhar historiográfico. *Cadernos de História da Educação* - v. 1. - no. 1 - jan./dez. 2002.

OLIVEIRA, Neres de Timóteo. Professores de educação física na educação infantil: trajetórias de formação (Dourados/MS, 2005-2018). *Dissertação* apresentada no Programa de Pós-graduação em educação. UFGD. 2020.

PANDOLFI, Dulce. Repensando o Estado Novo. In: BOMENY, Helena M. B. *Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas. 1999. 345 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIACENTINI, Ana Paula F. S; FURTADO, Alessandra Cristina. História da implantação do curso de magistério rural em Dourados, no Sul de Mato Grosso. In: FURTADO, Alessandra Cristina. SANTOS, Reinaldo dos. (org). *História da educação, memória e sociedade*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de professores – saberes da docência e identidade do professor*. Nuances, V. III, set, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. 94, p. 58-73, ago. 1995.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio). *Diálogos*, v. 10, n. 02, p. 149-184, 2006.

RAMALHO, Betania. L; CARVALHO, Maria E. P. de. *O magistério enquanto profissão: considerações teóricas e questões para a pesquisa*. Caderno. Pesq. São Paulo, n. 88, p. 47-54, fev. 1994.

RICOEUR, P. A. *Memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Unicamp, 536, p. 2007.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil: (1930/1973)*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

ROSA, M.G.S. *Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 1990.

SÁ, Elizabeth Figueiredo. QUINTERO Evelin Urrea. Aproximações e distanciamentos da historiografia da educação no Centro-oeste: alguns apontamentos. In: História da Educação do Centro-oeste: Instituições Educativas e Fronteiras. *Editora da Universidade Federal de Mato Grosso*. Alessandra Cristina Furtado Elizabeth Figueiredo de Sá (Organizadoras). 2015

SANTOS, Suzana Maria. BRAZ, Luana Tainah Alexandre. SARAT, Magda. Memória e trajetória da Escola SEI - Serviço de Educação Integral. In: XI Jornada Nacional de Educação da UFMS/CPNV, Naviraí. *Anais*. p. 946-957. ISSN 2178-243.

SARAT, Magda; MANCINI, Ana Paula. História e Memória da Educação: Instituições Escolares e infância no município de Dourados e região (1940-1990). In: *VII Jornada do HISTEDBR*, 2007, Campo Grande. A Organização do Trabalho Didático na História da Educação. Campo Grande/MS: Uniderp, 2007.

SARAT; Magda; SANTOS, Reinaldo. História Oral como fonte: apontamentos metodológicos e técnicos da pesquisa. In: COSTA, Juvenal; MELO, Joaquim José Pereira; FABIANO, Luiz Hermenegildo (Orgs). *Fontes e métodos em história da educação*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos do problema no contexto brasileiro. *Rev. Bras. Educ. [online]*. 2009. Vol.14, n. 40, pp. 143-155.

SAVIANI, Dermeval. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. 1 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2007, 472p.

SAVIANI, Dermeval. Instituições Escolares: Conceito, história, historiografia e práticas. *Cadernos de História da Educação*. 2008.

SILVA, Élide Danielle da, PIRES, Suzana Maria Santos; SILVA, Luciene Cléa da. Ritos e celebrações escolares: Fazendo história na Escola Serviço de Educação Integral – SEI. In: Semiedu 2019, Cuiabá. *Anais*. p. 4257-4362. ISSN 2447-8776.

SILVA, Élide Danielle da; SILVA, Luciene Cléa da. SARAT, Magda. Ritos e celebrações no espaço escolar: memórias de uma escola de Dourados/MS. In: XI Jornada Nacional de Educação da UFMS/CPNV, Naviraí. *Anais*. p. 894-905. ISSN 2178-2431.

SILVA, Maria. *Memórias e trajetórias de professores egressos do curso de magistério da Escola Menodora Fialho de Figueiredo em Dourados (1971-2001)*. Dourados-MS: Dissertação. UFGD, 2013.

SILVA, Michelly Fermino da. *História e Memória da Educação Infantil: Os 25 anos de atuação da escola SEI – Serviço de Educação Integral (1980 – 2005) no município de Dourados: Trabalho de Graduação*. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, 2007.

SILVA, Walter Guedes. *Território nacional durante o governo Vargas: uma análise a partir da criação da colônia agrícola nacional de Dourados em 1943*. Revista do Departamento de geografia, V. 31 (2016) 26-42. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/rdg.v31i0.102834>.

SIMÕES, Caroline Haroim. *Formação de professores na escola normal Joaquim Murtinho no Sul de Mato Grosso no período de 1930 a 1973*. UFMS. Campo Grande/MS .2014. Dissertação de mestrado do Curso de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

SOKOLOWSKI, Maria Tereza. Levantamento histórico de formação de professores no Brasil, dos anos 30 aos anos 90: legislação e políticas educacionais. *Revista Educação: teoria e pratica*. Mai-ago. 2015, vol. 25. Edição 49, p. 225-238.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago 2000 Nº 14.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. *Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério*. Educ. Soc. [online]. 2000, vol.21, n.73, pp.209-244. ISSN 1678-4626. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302000000400013>.

TROGAN, Rose Meri. A formação dos professores nos cursos de magistério de 2 grau. *Educar*, Curitiba n 13, p. 67-74. 1997. UFPR.

VIDAL, Diana. Apresentação do dossiê arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 10, p. 71-73, jul./dez, 2005.

VIDAL, Diana; ABDALA, Rachel. A fotografia como fonte para a história da educação: questões teóricas-metodológicas e de pesquisa. Santa Maria, v. 30, - n. 02, p. 177-194, 2005. *Educação*.

XAVIER, Maria Elizabete S. P. *Capitalismo e Escola no Brasil: a constituição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas do ensino (1931-1961)*. Campinas: Papyrus Editora, 1990. Cap. I p. 25-56.

FONTES

DOURADOS. Escola Serviço de Educação Integral–SEI. *Deliberação Conselho estadual de Educação*. Nº 4217. Autorização de funcionamento do Ensino de 2º grau – habilitação específica de 2º grau para o magistério da Pré-escola e do Ensino de 1º grau. 06 de abr. 1995.

DOURADOS. Escola Serviço de Educação Integral–SEI. *Ata de criação do curso de 2º grau*. Mauro Henrique Bomfim Gutierre; Fábio Luis Bomfim Gutierre; Jesus Estremera Gutierre; Ezir Bomfim Estremera Gutierre; Elizabeth Maria Cuoco Gutierre; Telma Koller. 15. Ago.1994.

DOURADOS. Escola Serviço de Educação Integral–SEI. *Justificativa desativação do curso*. 27. fev.1998.

DOURADOS. Escola Serviço de Educação Integral–SEI. *Relatório desativação do curso*. 12. mar.1998.

DOURADOS. Escola Serviço de Educação Integral–SEI. *Ata final de resultados dos alunos matriculados na 1º série do 2º grau*. 01. Set.1995.

DOURADOS. Escola Serviço de Educação Integral–SEI. *Ata final de resultados dos alunos matriculados na 4º série do 2º grau*. 01. Set.1998.

DOURADOS. Escola Serviço de Educação Integral–SEI. *Quadro Curricular do Ensino de 2º Grau – habilitação para magistério da Pré-escola e do Ensino de 1º grau – 1º a 4º série*. 31. Out. 1994.

DOURADOS. Escola Serviço de Educação Integral–SEI. *Relação Nominal do corpo docente específico para magistério da pré-escola e ensino de 1º grau – 1º a 4º série*. 29. Ago. 1994.

DOURADOS. Escola Serviço de Educação Integral–SEI. *Ata de criação do serviço de educação integral para Pré-escolar*. 05.set.1980.

DOURADOS. Escola Serviço de Educação Integral–SEI. *Plano de ensino semestral. Língua Portuguesa*. Magistério. 1995.

DOURADOS. Escola Serviço de Educação Integral–SEI. *Plano de ensino semestral. História*. Magistério. 1995.

DOURADOS. Escola Serviço de Educação Integral–SEI. Tatiane Doffinger. *Caderno de estágio supervisionado*. 24.10.1996.

ANEXOS

1 TERMO DE CONSENTIMENTO – TATIANE

1 TERMO DE CONSENTIMENTO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Pesquisa: O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI – SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998)

Pesquisadora Orientadora: Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.

Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 99665-1172 e (67) 99892-8950.

O/A senhor/a está sendo convidado para da pesquisa intitulada "O curso de magistério na escola SEI – Serviço de Educação Integral (1995-1998)", desenvolvida no Mestrado em Educação do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados na linha de pesquisa História, Memória e Sociedade.

Nosso objetivo é investigar, por meio dos relatos orais e arquivos pessoais, as vivências e memórias dos/as professores/as e alunos/as que fizeram carreira no magistério (1995-1998), buscando verificar suas experiências de formação docente.

Para compor a pesquisa utilizaremos entrevistas, que serão gravadas em áudio e transcritas, juntamente com material de arquivo pessoal disponibilizado para a análise.

Desta forma, pretendemos contribuir para a ampliação do conhecimento sobre o campo da história da educação do Estado de Mato Grosso do Sul. Para isso, procuramos discutir como se configurou a história do magistério nesta escola.

Declaro que li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo. Confirmando que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para retirar a minha participação da pesquisa em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntário, deste estudo.

Assinatura Tatiane Scheira Doffinger Brunette

Nome Tatiane Scheira Doffinger Brunette

Documento de identificação [REDACTED]

Dourados, 18/10/2019

2 CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE RELATO ORAL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE RELATO ORAL

Pesquisa: O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI – SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998).

Pesquisadora Orientadora: Dra. Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.

Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 99665-1172 e (67) 99892-8950.

Pelo presente documento, eu Leticiane Silvana Döflinger Brunetto professor/a, CP [REDACTED] residente na cidade de Dourados Estado MS, autorizo sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do relato de caráter histórico e documental, que prestei a pesquisa “O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI – SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998)”.

A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar para fins acadêmicos, o mencionado relato no todo ou em parte.

Assinatura: Leticiane Silvana Döflinger Brunetto

3 CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisa: O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI - SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998).

Pesquisadora Orientadora: Dra. Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.

Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 3461-6762 e (67) 99892-8950.

Pelo presente documento, eu Tatiane Luheira Hoffinger Brunetto, professor/a, CPF [REDACTED] residente na cidade de Dourados, MS, declaro permitir à Pesquisa, "O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI - SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998)", sob a responsabilidade da pesquisadora: Luana Tainah Alexandre Braz, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena utilização da minha identificação, juntamente com os relatos orais e o material de arquivo pessoal (fotografias, atas, diários, condecorações, recortes de jornal e outros) que prestei a referida pesquisa na cidade de Dourados, em 18/10/2019.
A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar para fins acadêmicos, as minha identificação, na referida pesquisa.

Assinatura: Tatiane Luheira Hoffinger Brunetto

3 TERMO DE CONSENTIMENTO – ALESANDRO

I TERMO DE CONSENTIMENTO



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Pesquisa: O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI – SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998)

Pesquisadora Orientadora: Magda Sarat.
Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.
Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 99665-1172 e (67) 99892-8950.

O/A senhor/a está sendo convidado para da pesquisa intitulada "O curso de magistério na escola SEI – Serviço de Educação Integral (1995-1998)", desenvolvida no Mestrado em Educação do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados na linha de pesquisa História, Memória e Sociedade.

Nosso objetivo é investigar, por meio dos relatos orais e arquivos pessoais, as vivências e memórias dos/as professores/as e alunos/as que fizeram carreira no magistério (1995-1998), buscando verificar suas experiências de formação docente.

Para compor a pesquisa utilizaremos entrevistas, que serão gravadas em áudio e transcritas, juntamente com material de arquivo pessoal disponibilizado para a análises.

Desta forma, pretendemos contribuir para a ampliação do conhecimento sobre o campo da história da educação do Estado de Mato Grosso do Sul. Para isso, procuramos discutir como se configurou a história do magistério nesta escola.

Declaro que li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo. Confirmando que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para retirar a minha participação da pesquisa em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntário, deste estudo.

Assinatura *Alesandro da Silva Ferreira*

Nome *Alesandro da Silva Ferreira*

Documento de identificação *RG [REDACTED]*

Alesandro *24/01/2020*

2 CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE RELATO ORAL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE RELATO ORAL

Pesquisa: O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI – SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998).

Pesquisadora Orientadora: Dra. Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.

Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 99665-1172 e (67) 99892-8950.

Pelo presente documento, eu Almirando Silva Ferreira
professor/a, C [REDACTED] residente na cidade de Amaturo Prado
Estado _____, autorizo sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos
patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do relato de caráter
histórico e documental, que prestei a pesquisa “O CURSO DE MAGISTÉRIO NA
ESCOLA SEI – SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998)”.
A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar
para fins acadêmicos, o mencionado relato no todo ou em parte.

Assinatura: Almirando Silva Ferreira

3 CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisa: O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI – SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998).
Pesquisadora Orientadora: Dra. Magda Sarat.
Contatos: E-mail: magdasarat@ufgd.edu.br
Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.
Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 3461-6762 e (67) 99892-8950.

Pelo presente documento, eu Alexandre Silva Ferreira,
professor/a, C [REDACTED] residente na cidade de
San Carlos Estado Rio Grande do Sul, declaro permitir à
Pesquisa, "O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI – SERVIÇO DE
EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998)", sob a responsabilidade da pesquisadora:
Luana Tainah Alexandre Braz, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos
patrimoniais e financeiros, a plena utilização da minha identificação, juntamente com os
relatos orais e o material de arquivo pessoal (fotografias, atas, diários, condecorações,
recortes de jornal e outros) que prestei a referida pesquisa na cidade de
Dourados, em 29/01/2010.
A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar
para fins acadêmicos, as minha identificação, na referida pesquisa.

Assinatura: Alexandre Silva Ferreira

4 TERMO DE CONSENTIMENTO – LUCIANA

1 TERMO DE CONSENTIMENTO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Pesquisa: O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI – SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL. (1995-1998)

Pesquisadora Orientadora: Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.

Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 99665-1172 e (67) 99892-8950.

O/A senhor/a está sendo convidado para da pesquisa intitulada “O curso de magistério na escola SEI – Serviço de Educação Integral (1995-1998)”, desenvolvida no Mestrado em Educação do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados na linha de pesquisa História, Memória e Sociedade.

Nosso objetivo é investigar, por meio dos relatos orais e arquivos pessoais, as vivências e memórias dos/as professores/as e alunos/as que fizeram carreira no magistério (1995-1998), buscando verificar suas experiências de formação docente.

Para compor a pesquisa utilizaremos entrevistas, que serão gravadas em áudio e transcritas, juntamente com material de arquivo pessoal disponibilizado para a análise.

Desta forma, pretendemos contribuir para a ampliação do conhecimento sobre o campo da história da educação do Estado de Mato Grosso do Sul. Para isso, procuramos discutir como se configurou a história do magistério nesta escola.

Declaro que li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo. Confirmando que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para retirar a minha participação da pesquisa em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntário, deste estudo.

Assinatura

Nome

Documento de identificação

Luciana Braz

Luciana Braz Alexandre Braz

[REDACTED]

2 CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE RELATO ORAL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE RELATO ORAL

Pesquisa: O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI – SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998).

Pesquisadora Orientadora: Dra. Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasat@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.

Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 99665-1172 e (67) 99892-8950.

Pelo presente documento eu Luciana Paquito Cordeiro,
professor/a, CPF [REDACTED] residente na cidade de Dourados
Estado MS, autorizo sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos
patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do relato de caráter
histórico e documental, que prestei a pesquisa “O CURSO DE MAGISTÉRIO NA
ESCOLA SEI – SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998)”.

A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar
para fins acadêmicos, o mencionado relato no todo ou em parte.

Assinatura: _____



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisa: O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI – SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998).

Pesquisadora Orientadora: Dra. Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.

Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 3461-6762 e (67) 99892-8950.

Pelo presente documento, eu Luciana Dantas Camêlo,
professor/a, CP [REDACTED] residente na cidade de
Dourados, Estado MS, declaro permitir à
Pesquisa, “O CURSO DE MAGISTÉRIO NA ESCOLA SEI – SERVIÇO DE
EDUCAÇÃO INTEGRAL (1995-1998)”, sob a responsabilidade da pesquisadora:
Luana Tainah Alexandre Braz, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos
patrimoniais e financeiros, a plena utilização da minha identificação, juntamente com os
relatos orais e o material de arquivo pessoal (fotografias, atas, diários, condecorações,
recortes de jornal e outros) que prestei a referida pesquisa na cidade de
Dourados, em 29/10/13.
A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar
para fins acadêmicos, as minha identificação, na referida pesquisa.

Assinatura: _____

5 TERMO DE CONSENTIMENTO – NIZE

3 CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisadora Orientadora: Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.

Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 99892-8950.

Pelo presente documento, eu Nize Souza Bianchi,
professor, CPF [REDACTED] residente na cidade de
Dourados Estado MS, declaro permitir à
Pesquisa, "O curso de magistério na Escola SEI", sob a responsabilidade da
pesquisadora: Luana Tainah Alexandre Braz, sem quaisquer restrições quanto aos seus
efeitos patrimoniais e financeiros, a plena utilização da minha identificação, juntamente
com os relatos orais e o material de arquivo pessoal (fotografias, atas, diários,
condecorações, recortes de jornal e outros) que prestei a referida pesquisa na cidade de
Dourados, em 03/04/2020.

A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar
para fins acadêmicos, as minha identificação, na referida pesquisa.

Assinatura: x Nize Souza Bianchi

2 CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE RELATO ORAL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE RELATO ORAL

Pesquisadora Orientadora: Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.

Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 99892-8950.

Pelo presente documento, eu Nize Souza Bianchi, professor, CPF [REDACTED] residente na cidade de Dourados Estado MS, autorizo sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do relato de caráter histórico e documental, que prestei a pesquisa "O curso de magistério na Escola SEI".

A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar para fins acadêmicos, o mencionado relato no todo ou em parte.

Assinatura: x Nize Souza Bianchi

1 TERMO DE CONSENTIMENTO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Pesquisadora Orientadora: Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.

Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 99892-8950.

O/A Senhor/senhora está sendo convidado para da pesquisa intitulada "O curso de magistério na Escola SED", desenvolvida no Mestrado em Educação do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados na linha de pesquisa História, Memória e Sociedade.

Nosso objetivo é investigar, por meio dos relatos orais e arquivos pessoais, as vivências e memórias dos professores e alunos que fizeram carreira no curso de magistério (1995-1998), buscando verificar suas experiências de formação docente.

Para compor a pesquisa utilizaremos entrevistas, que serão gravadas em áudio e transcritas, juntamente com material de arquivo pessoal disponibilizado para a análises.

Desta forma, pretendemos contribuir para a ampliação do conhecimento sobre o campo da história da educação do Estado de Mato Grosso do Sul. Para isso, procuramos discutir como se configurou a história do curso de magistério nesta escola.

Declaro que li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo. Confirmando que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para retirar a minha participação da pesquisa em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntário, deste estudo.

Assinatura

Nize Saura Bianchi

Nome

Nize Saura Bianchi

Documento de identificação

[Redacted]

Dourados - MS, 03/04/2020

6 TERMO DE CONSENTIMENTO – JANAINA

1 TERMO DE CONSENTIMENTO

**UF
GD** MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Pesquisadora Orientadora: Magda Sarat.
Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br
Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.
Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 99892-8950.

O/A Senhor/senhora está sendo convidado para da pesquisa intitulada "O curso de magistério na Escola SEI", desenvolvida no Mestrado em Educação do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados na linha de pesquisa História, Memória e Sociedade.

Nosso objetivo é investigar, por meio dos relatos orais e arquivos pessoais, as vivências e memórias dos professores e alunos que fizeram carreira no curso de magistério (1995-1998), buscando verificar suas experiências de formação docente.

Para compor a pesquisa utilizaremos entrevistas, que serão gravadas em áudio e transcritas, juntamente com material de arquivo pessoal disponibilizado para a análises.

Desta forma, pretendemos contribuir para a ampliação do conhecimento sobre o campo da história da educação do Estado de Mato Grosso do Sul. Para isso, procuramos discutir como se configurou a história do curso de magistério nesta escola.

Declaro que li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo. Confirmando que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para retirar a minha participação da pesquisa em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntário, deste estudo.

Assinatura _____ *Sarat*

Nome _____ *Janaina Braz de Matos*

Documento de identificação _____

Dourados - MS _____ *18/08/20*

Luana T. A. Braz

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE RELATO ORAL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE RELATO ORAL

Pesquisadora Orientadora: Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasarat@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.

Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 99892-8950.

Pelo presente documento, eu Roberto Buarque de Mattos
professor, CPF [REDACTED] na cidade de
Rio de Janeiro Estado RJ, autorizo sem quaisquer restrições
quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos
autorais do relato de caráter histórico e documental, que prestei a pesquisa "O curso de
magistério na Escola SEP".

A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar
para fins acadêmicos, o mencionado relato no todo ou em parte.

Assinatura: _____

Roberto Buarque de Mattos

Luana T. A. Braz

3 CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisadora Orientadora: Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasarat@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Luana Tainah Alexandre Braz.

Contatos: E-mail: Luana_tainah@hotmail.com Telefones: (67) 99892-8950.

Pelo presente documento, eu Jonaira Biondi de Melo
professor, CPF [REDACTED] residente na cidade de
Rua do Seno Estado RJ, declaro permitir à
Pesquisa, "O curso de magistério na Escola SEP", sob a responsabilidade da
pesquisadora: Luana Tainah Alexandre Braz, sem quaisquer restrições quanto aos seus
efeitos patrimoniais e financeiros, a plena utilização da minha identificação, juntamente
com os relatos orais e o material de arquivo pessoal (fotografias, atas, diários,
condecorações, recortes de jornal e outros) que prestei a referida pesquisa na cidade de
_____, em ____/____/____.

A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar
para fins acadêmicos, as minha identificação, na referida pesquisa.

Assinatura: _____

Luana T. A. Braz

7 ROTEIRO PARA A ENTREVISTA DA PROFESSORA

- Nome, profissão, idade?
- Nasceu onde? Foi casada? Tem filhos?
- Realizou estudos básico-iniciais? Onde foi e como foi?
- E a escola como era? Era longe? Locomovia-se como?
- Como eram as/os professores/as?
- Após a formação básica exerceu mais algum estudo ou profissão? Como foi? Era formado em que?
- Como surgiu o interesse por lecionar?
- Como foi o primeiro emprego? E com que idade?
- Qual/quais disciplinas lecionou?
- Como eram as aulas e a preparação dos materiais? Havia recursos?
- E os alunos?
- Fez alguma outra faculdade ou especialização?
- Qual maior recordação da época de professora?
- Como conheceu a escola SEI?
- Era professora de qual disciplina?
- Como era a turma?
- Como eram os conteúdos didáticos?
- Como foi o estágio supervisionado?
- Como foi a formatura?

8 ROTEIRO PARA A ENTREVISTA DOS EGRESSOS

- Nome, idade, profissão?
- Como conheceu a escola sei?
- De onde surgiu o interesse por realizar o curso de magistério?
- Quais foram os professores e como eram?
- Como eram as aulas e conteúdos do curso?
- Como era a direção e coordenação?
- Como foi a sua formação no curso?
- Conte um pouco sobre o estágio supervisionado
- Havia atividades extracurriculares?
- Qual a sua maior recordação do curso?
- Após o ter feito o curso, realizou alguma outra formação?
- Como foi a formatura?